



FRANCISCO DE MOURA PINHEIRO

**IMPACTOS DE VEÍCULOS DE COMUNICAÇÃO DE MASSA NUMA
RESERVA EXTRATIVISTA NO ESTADO DO ACRE**

Dissertação de mestrado

**Programa de Pós-graduação em Comunicação da Faculdade de
Comunicação da Universidade de Brasília -UnB-**

Orientador: Carlos Chagas

Co-orientador: Sérgio Dayrell Porto

***“O silêncio eterno desses
espaços infinitos
me enche de terror”.***

- Pascal -

***À estrela colorida e brilhante
que, numa noite de outono, pariu
a energia condutora do meu caminho.***

RESUMO

Esta dissertação aborda os impactos de veículos de comunicação de massa numa Reserva Extrativista (“Chico Mendes”, no município de Xapuri) no Estado do Acre. Trata-se de uma abordagem comparativo/exploratória, tendo como base prática a convivência com os povos da floresta acreana e como base teórica a hipótese do “*Agenda Setting*”.

Além dos objetivos de proceder um levantamento histórico/antropológico do processo de povoamento da região, bem como de proceder um levantamento/mapeamento da incidência dos veículos de comunicação de massa na “Reserva Extrativista Chico Mendes”, este estudo tem a pretensão de identificar como se dá e qual o tipo de penetração da mídia dita de massa numa comunidade ainda totalmente alheia aos modernos recursos tecnológicos a serviço da comunicação no mundo contemporâneo.

Há, por fim, um breve histórico do veículo rádio, o único a alcançar a comunidade envolvida na pesquisa. Adendo considerado importante pelo autor, por duas razões: respaldar a afirmação/tese proposta e subsidiar uma eventual formulação de temas/problemas, a partir do mesmo elemento.

ABSTRACT

This essay deals with the impact of massive communication media in a Reserve ("Chico Mendes" in the Xapuri County) in Acre (state). Dealing with comparative/exploratory treatment based upon facts recorded during a period living within the forest inhabitants and also the theoretical hypothesis of "Agenda Setting".

In addition to the goals to precede a historic/anthropologic survey on the region population settlement process, as well as to precede a survey/mapping of the quantity of the massive communication media in the "Reserva Extrativista Chico Mendes", this study has the intention to identify how and what kind of penetration of a so said massive media in a community totally unaware of the modern technological resources serving the communication throughout the contemporary world.

Moreover it includes a brief history of the "radio", the unique media source that reached the community involved in the research. Addendum considered important by the author, for two reasons: give support to the thesis proposed and subsidize an eventual development of themes/problems, from this same element.

AGRADECIMENTO

Agradecer, nominalmente, a todas as pessoas que me ajudaram a chegar ao final desse trabalho era uma tarefa que me angustiava desde aquele solitário número usado para identificar o preâmbulo.

Um risco enorme.

Estilete vermelho em caule febril, eu sabia que o esquecimento poderia sempre cravar um punhal na minha memória, numa curva qualquer do meu caminho.

Além do mais, mesmo que eu lembrasse todos os nomes (ou tivesse tido o cuidado de confiá-los às engrenagens do meu computador), ainda assim eu teria a sensação de ser injusto.

Muitos que eu não conheci, mas que certamente contribuíram (Lucien Sfez, de certa forma, diz isso com todas as linhas, ao falar das noções de circularidade e interação na comunicação) na conjunção da natureza para eu estar aqui, hoje, substância palpável e presente, seriam deixados de lado.

Assim, ao tempo em que eu lembro nesse momento de pais, filhos, esposa, amigos, colegas, companheiros, professores, ao invés de desfiar uma série de apelidos, prefiro juntá-los num único universo e agradecer a Deus.

Sintam-se, todos, mesmo ascendentes e descendentes desconhecidos, reconhecidos pela minha gratidão.

SUMÁRIO

01. Preâmbulo - Crônica de duas mortes anunciadas.....	09
02. Caracterização - Que lugar é esse?.....	14
2.1 - A trajetória de ocupação.....	20
2.2 - O látex e a história.....	26
03. Reserva Extrativista - Significado, criação e perspectivas.....	32
3.1 - A Reserva Chico Mendes.....	39
04. Apresentação, explicações, monólogo íntimo e outros pecados.....	45
05. Marco teórico - A hipótese do “Agenda Setting”	56
5.1 - Histórico - Dúvidas sobre o momento da formulação.....	61
5.2 - Dificil comprovação.....	63
5.3 - O “Agenda Setting” e a doutrina.....	64
5.4 - Interferências no “Agenda Setting”	65
5.5 - Recepção no “Agenda Setting”	66
06. Que aldeia é essa?.....	68
6.1 - Histórico - Das ondas hertzianas à voz prisioneira na caixinha de música.....	72
6.2 - A implantação no Brasil - Várias versões.....	79
07. Rádio - Veículo único - A voz das selvas.....	82
7.1 - Sabendo o mundo pelo rádio.....	85

7.2 - Recados pro pessoal.....	88
7.3 - Todo mundo escuta as mensagens.....	90
7.4 - As pessoas esperam uma mensagem.....	94
7.5 - Eles falam o nome da gente.....	97
7.6 - Só o rádio mesmo.....	101
7.7 - O veículo mais potente.....	104
08. Oito motivos capitais.....	108
8.1 - Natureza, carrossel e mensagens.....	112
09. Epílogo - O fio de Ariadne.....	123
9.1 - A hora e a vez da tese - Na contramão da teoria.....	126
10. Glossário.....	133
11. Referências bibliográficas.....	136
12. Índice onomástico.....	140

1. PREÂMBULO - CRÔNICA DE DUAS MORTES ANUNCIADAS

*“Na minha terra
planta-se corações
e nascem lutas
dessas plantações.
O chão é regado com sangue
e as balas são sementes
que fazem calos nas mãos”.*
- Francis Mary -

Num espaço de oito anos dois momentos igualmente violentos e anunciados tingiram de sangue os varadouros, os igarapés e os corações de todos os habitantes da floresta acreana que buscavam, através da ajuda mútua e da organização coletiva, superar o estágio de miséria e exploração desumana a que foram submetidos pelos patrões e pelos coronéis de barranco, desde uma época, entre o final do século XIX e o começo do século XX, em que lutaram contra os bolivianos pela anexação do território do Acre à nação brasileira.

No primeiro momento, corria o mês de julho de 1980. Precisamente, o 21º dia, do 7º mês, do ano de 1980. Tudo era modesto na cidade de pouco mais de três mil habitantes. O rio de águas barrentas corria indolente, dividindo os espaços do Brasil, para um lado, e da Bolívia, para o outro. Jovens de idades variadas ensaiavam um último mergulho antes da escuridão total que se avizinhava. Senhores idosos estendiam seus espinhéis para fisgar os mandis que a noite lhes ajudaria a pescar. Carapanãs zuniam em bando, em busca dos corpos que em breve lhes serviriam de alimento. Nas escadarias que conduziam às catraias, os vendedores de empanadas bolivianas descansavam

de muitas idas e vindas entre os dois países, contando o dinheiro apurado naquela tarde. As ruas, pavimentadas com tijolos vermelhos eram as mesmas. Os vendedores de raspadilha e saltenha eram os mesmos. Os jogadores de sinuca e pebolim estavam nos mesmos bares. Os bêbados permaneciam escorados nos mesmos benjamins e palmeiras de todos os dias. O cego barbadiano, deixado para trás pelos empresários ingleses depois da febre da borracha, contava as mesmas histórias, rodeado dos curiosos de sempre. Tudo como todo dia. Nada, mas nada mesmo, indicava que Brasiléia, modorrenta e silenciosa cidade do interior do Acre, 18 dias depois de ter completado 70 anos, estava tão perto de entrar em ebulição.

Uma casa de madeira sem pintura, em frente à pequena igreja da cidade, abrigava o Sindicato dos Trabalhadores Rurais local. Ali o trabalho era sempre maior do que o número de funcionários e voluntários para fazê-lo. Havia sempre muitos problemas. O presidente, um homem alto, pele queimada pelo sol, mãos calejadas pelo ofício de seringueiro desde os primeiros anos de vida, apreciador de cigarros fortes, incansável na sua faina despedia-se de dois companheiros e resolvia ficar mais um pouco, para resolver alguns assuntos pendentes. Estava jurado de morte por fazendeiros da região, mas não dava muita atenção para as ameaças. Sentia-se seguro no seu ambiente de trabalho. Meia hora depois, a confiança de que nada poderia acontecer-lhe mostrava-se vã. De costas para a rua, olhando distraidamente para um aparelho de televisão, enquanto arrumava uns últimos papéis, sentiu a dor súbita de projéteis entrando pelo corpo. O silêncio de Brasiléia foi quebrado por quatro tiros. Wilson Pinheiro tombava sem vida. Não poderia mais ver as estrelas que tanto brilham sobre as cabeças nas noites escuras da Amazônia. O matador ainda teve tempo para se aproximar e contemplar o resultado da sua

empreitada. O movimento seringueiro acreano perdia o seu primeiro grande líder. E se desencadeava, imediatamente, uma onda de violência que iria, oito anos mais tarde, mudar a história das relações entre homem e meio ambiente no Brasil.

No segundo momento, faltavam três dias para o Natal de 1988. Um sol de intenso rubor, com um brilho próprio de verão amazônico, recolhia os últimos raios de outro entardecer. O palco era parecido com aquele das ações de oito anos atrás. Comerciantes voltavam os olhos para todas as direções, na esperança de fisgar algum cliente antes de encerrar as portas após mais um dia de nenhum movimento. Donas de casa submetiam-se a sua dose diária de hipnose, frente a uma novela global qualquer. Adolescentes pedalavam bicicletas indolentemente. Bêbados rotos exigiam a “saideira”. Peladeiros trocavam caneladas no campo de futebol municipal. Meninos conduziam, sob axilas suadas, o pão para o jantar da família. Vira-latas sarnentos rodopiavam em torno do próprio rabo. Tudo como todo dia. Nada, mas nada mesmo, indicava que Xapuri, também modorrenta e silenciosa cidade do interior do Acre, separada de Brasília por 60 quilômetros de uma estrada de terra, estava tão próxima de sair do seu anonimato para virar centro do mundo.

Numa residência humilde, construída com madeira tosca, um homem de estatura mediana, meio gorducho, cabelos lisos e desalinados, olhos levemente saltados, queixo pequeno e fartos bigodes grisalhos descia as escadas de uma porta de fundos para tomar banho de cuia no quintal. Sorria. Acabara de distrair-se com amigos numa animada partida de dominó. Era um jogador de respeito. A sua mente simples de seringueiro era capaz de decifrar com bastante competência a complexidade daquele teorema que as pedras do jogo formavam. Pretendia jogar mais um pouco após o jantar. Era uma

maneira de passar o tempo. Não chegou, porém, a botar o pé no último degrau. Carços de chumbo voadores, saídos de um breve lampejo na escuridão, cravaram-se no seu peito. Um último arfar e o corpo de quarenta e quatro anos desabava de encontro ao solo. O sangue fugidio arrastava a vida para as trevas. A floresta amazônica perdia Chico Mendes, provavelmente seu mais ardoroso defensor.

O estampido que tirou a vida de Chico Mendes ecoou além da floresta. Parece, mesmo, ter atingido a própria Terra. Uma onda de perplexidade varreu o planeta. Jornais de todos os quadrantes abriram manchetes de primeira página e dedicaram longos editoriais contra mais um ato de barbárie de toda a nação brasileira. Telvisões providenciaram programas especiais. Ecologistas organizaram passeatas, discursos e protestos. Agências financiadoras de projetos de desenvolvimento trancaram ainda mais os seus cofres. Burocratas fecharam seus semblantes. Autoridades policiais e executivas reuniram-se apressadamente. Cinegrafistas, roteiristas, repórteres, hippies, curiosos, freelancers, aventureiros, escritores e aproveitadores de toda a espécie invadiram a cidade. Todos queriam saber mais. Alguns exigiam vingança. Outros queriam justiça. Os olhos do mundo, enfim, descobriram Xapuri.

Presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais local, membro do Conselho Nacional de Seringueiros e da Central Única dos Trabalhadores, militante do Partido dos Trabalhadores, consultor do Banco Mundial e do Banco Interamericano para o Desenvolvimento, para projetos na Amazônia, homenageado pela Organização das Nações Unidas com o Prêmio Global 500, agraciado com uma medalha, em Nova Iorque, pela Sociedade para um Mundo Melhor, Francisco Alves Mendes Filho, pai de Helenira e Sandino (4 e 2 anos, respectivamente, à época), tinha consciência que era um homem marcado para

morrer. Os interesses que ele contrariava para preservar a natureza no seu pedaço de mundo eram muito grandes. Os grandes proprietários de terra quedavam-se impotentes ante o carisma daquele seringueiro que postava mulheres e crianças na frente de motosserras para impedir a destruição da floresta. Ele sabia que podia tombar a qualquer momento. Mas permaneceu na luta até o fim.

Esses foram os desfechos das histórias de dois homens imprescindíveis, sem estudos formais, forjados como líderes pela ascendência natural entre os seus pares e pela vontade inquebrantável de ver superadas a miséria e o abandono de uma multidão de brasileiros, que lutaram a vida toda, como se saídos de uma página de Bertolt Brecht (*“Há homens que lutam um dia. E são bons./ Há outros que lutam um ano. E são melhores./ Há os que lutam toda a vida. Esses são os imprescindíveis”*).

Não há como negar a importância de Chico Mendes e de Wilson Pinheiro para a causa dos povos da floresta no Brasil. Mas, apesar de toda a sua bravura e heroísmo, é preciso salientar que o epicentro dessa luta não foram eles nem será ninguém individualmente, é a comunidade. Sob esse prisma, para que se obtenha maior compreensão do processo é preciso percorrer dois caminhos: o da trajetória de ocupação da região pelos nordestinos e o da busca dos fatores determinantes das condições de vida das pessoas que vivem no seio da mata.

Esses dois caminhos, ainda que de forma fragmentada, uma vez que me aterei a uma comunidade específica, bem como a questões relativas ao processo da influência de meios de comunicação social, é o que pretendo seguir como linha mestra dessa narrativa.

2. CARACTERIZAÇÃO - QUE LUGAR É ESSE?

“A lenda diz que o navegador espanhol Francisco de Orellana, ao desvendar o rio Amazonas, em 1541, foi repellido por indômitas guerreiras, montadas e atirando flechas, impedindo, assim, o desembarque do invasor. As índias foram chamadas de Amazonas. Fico a pensar que os animais eram filhos do cavalo alado Pégaso e chegaram em discos voadores”.

- Edmar Morel -

Dispostos no espaço sideral em vários planos de distância, satélites equipados com moderníssimos sistemas óticos servem de espelho para uma Terra, já não tão azul assim. E dessa forma, o planeta pode, de modo quase ilimitado, contemplar as múltiplas representações de si mesmo. É o milagre da tecnologia de um século que deverá se notabilizar pelo desvendamento, pelo desnudamento, pela impossibilidade da manutenção e/ou criação de estratégias que possam sacralizar doutrinas e/ou dogmas falaciosos.

Apesar desses fatos reais e, provavelmente, irreversíveis, entretanto, ainda há muita utopia no que se pensa e no que se diz sobre inúmeros aspectos do conhecimento humano. Da Amazônia, por exemplo, não são poucos os que ainda a vêem com olhos semelhantes aos dos povos do século XVI, quando se pensava que na região se escondiam deslumbramentos, exotismos e maravilhas irreais. A Amazônia, sob esse prisma, se transformou no signo de uma fantasia sediada na natureza. E, como tal, muitos dos discursos sobre a região, até hoje, expressam a ilusão de um outro mundo.

Neide Gondim, professora de “Teoria da Literatura” na Universidade do Amazonas, situa o início dessa concepção mágica sobre a região afirmando que a Amazônia não foi descoberta, nem muito menos construída. De verdade, é a partir da construção da Índia, fabricada pela historiografia greco-romana, pelo relato dos peregrinos, missionários, viajantes e comerciantes, que se dá a invenção da Amazônia.

“Nesse bojo”, relata textualmente Neide Gondim (*“A Invenção da Amazônia”*, pp 09 e 10, Ed. Marco Zero, 1994), “inclui-se, ainda, a mitologia indiana que, a par de uma natureza variada, delicia e apavora os homens medievais. A tal conjunto de maravilhas anexam-se as monstruosidades animais e corporais, incluídas tão somente enquanto oposição ao homem considerado como adamita normal e habitante de um muno delimitado por fronteiras orientadas por tradições religiosas.

“A primeira viagem ao Novo Mundo fez-se acompanhar por esse imaginário e influenciou a visão do europeu sobre aquelas terras jamais vistas. A descoberta de terras que completavam as secularmente conhecidas originou tensões que acarretaram especulações, as quais, aos poucos, vão sendo aglutinadas em temas que se cristalizam em torno de uma expressão: a raça humana. Motivo de enormes controvérsias, essa expressão acompanha os séculos, oriundas constroem-se ciências, especula-se a natureza para atingí-la, aceitá-la ou refutá-la a partir do prisma da sociedade que conheciam, ou seja, a dos próprios questionadores, atitude que origina nova visão desfocada.

“Pressionados por adversidades comuns à época, os homens sonham encontrar o Paraíso e a fonte da eterna juventude. A tradição religiosa dizia que um grande rio nascia naquele local aprazível, cujas águas encobriam riquezas, e não muito longe, uma fonte convidava para a total supressão dos males sociais,

onde a fome, as doenças e as pestes continuamente dizimavam respeitáveis contingentes humanos. Esse local foi encontrado pelos expedicionários de Orellana e se localizava na região amazônica. Sucessivamente visitada, principalmente depois de liberada a navegabilidade do rio Amazonas pelo governo português, para aquela região composta de enormes rios e florestas compactas, dirigem-se as atenções e erigem-se verdades, confirmam-se hipóteses. Como justificar a presença de animais pequenos em meio a tão prodigiosa natureza, se na África esturricada animais gigantes ali tinham o seu habitat? Possivelmente havia gigantes entre o intricado vegetal; não havia, outrossim, homens com rabo? E as mulheres brancas, altas e guerreiras não guardavam a prodigiosa cidade de ouro, próxima a um lago dourado, onde se banhava um rei muito rico? Certamente, o clima deveria ser o responsável pelos atos bestiais, endurecimento do caráter e envelhecimento precoce do autóctone. Essas perguntas geralmente acompanham os viajantes, e as respostas ora encaixavam-se na vertente infernista, ora na edênica, ou ainda justificavam a catequese”.

Mitologias e metáforas à parte, porém, os limites inicialmente estabelecidos para o que seria a Amazônia portuguesa surgiram pela divisão do mundo de pólo a pólo, através de um meridiano que passava a 100 léguas das ilhas dos Açores e do Cabo Verde. A referência foi mudada depois, em 1494, pelo Tratado de Tordesilhas, para 370 léguas dos Açores. Tudo que ficasse a oeste desse meridiano pertenceria à Espanha, enquanto as coisas que ficassem a leste pertenceriam a Portugal. Um acordo, na verdade, sobre um mundo presumido, uma vez que nem portugueses nem espanhóis conheciam o espaço físico sobre o qual pretendiam estabelecer os seus domínios.

Atualmente, do ponto de vista meramente geográfico, a Amazônia é uma região situada ao norte da América do Sul, que inclui terras do Brasil, Guianas, Equador, Bolívia, Peru, Colômbia e Venezuela, compreendendo a vigésima parte da superfície da Terra. A hileria, que cobre a maior parte da região, corresponde a 31% das florestas tropicais do planeta; nela vivem cerca de 80 mil espécies vegetais e 30 milhões de espécies animais. Detém um quinto da disponibilidade mundial de água doce; ocupa 40% da floresta brasileira; e abriga três e meio milésimos da população mundial. Caracteriza-se pela sua biodiversidade, que, além da floresta, inclui também matas de várzea, campos e cerrados.

A Amazônia Legal, definida por critérios geodésicos e políticos, inclui 57% do território brasileiro e 65% da Amazônia continental, perfazendo 11.248 km de fronteiras internacionais. Compreende os estados do Amapá, Amazonas, Pará, Acre, Rondônia, Roraima, Tocantins, oeste do Maranhão e norte do Mato Grosso, com 5.026.552 km e cerca de 18 milhões de habitantes, dos quais mais de 100 mil índios. Encontra-se na Amazônia 50% do potencial hidrelétrico brasileiro disponível para aproveitamento.

As terras que constituem o hoje Estado do Acre, um dia palco de acirradas lutas pela sua posse, por parte de Brasil, Bolívia e Peru, possuem características físicas absolutamente singulares em relação às demais regiões do país. Situadas na parte mais ocidental do agora território brasileiro, e tendo como limites os estados do Amazonas (ao Norte) e de Rondônia (ao Leste) e os países da Bolívia (ao Sudoeste) e do Peru (ao Sul e Oeste), elas eram cobertas primitivamente por uma floresta equatorial úmida e densa, não se encontrando vestígios naturais de campos e cerrados, tão comuns em outras regiões da mesma unidade federativa.

É em função deste exuberante domínio florestal, em que sobressai a árvore produtora do látex, de tronco reto e liso, que se processaram a colonização, a exploração, a conquista e a posterior anexação da região à soberania brasileira. Região esta que fez valer ao Brasil a posição de primeiro produtor mundial de borracha natural. O mesmo látex que até hoje serve como argumento para disputas sangrentas e como base de subsistência para um grande contingente populacional, além de responder por um largo percentual da receita do Estado.

Essa economia extrativa vegetal, predominantemente básica na vida do homem regional, foi completada, em sua evolução histórica, pela castanheira, árvore majestosa, que geralmente ocorre em grupamentos mais ou menos densos, cobrindo grandes áreas, "os castanhais". Seu fruto, pelo alto valor nutritivo e delicioso paladar, ofereceu contribuição decisiva tanto na alimentação regional como na sua economia, uma vez que sua considerável aceitação no exterior, principalmente nas regiões de clima frio, permitiu amenizar parcialmente os danos gerados quando do declínio gumífero.

O clima quente e úmido, que valeu à região em certa época o apelido de "Inferno Verde", é caracterizado por uma temperatura que oscila em torno de 30° graus, apresentando, apenas, variações esporádicas, podendo ocorrer anualmente, de maio a julho, queda de temperatura, resultando num fenômeno regional denominado "friagem".

As chuvas adquirem grande importância, pois delimitam as duas estações básicas, ou seja, o inverno e o verão regionais. O primeiro período, marcado comumente de novembro a abril, é caracterizado pelo aumento de precipitação pluviométrica, permitindo a navegação dos rios e conseqüente escoamento da produção acumulada no verão. Este período, em razão da

diminuição das chuvas, torna-se propício ao extrativismo gumífero, concentrando-se nesta tarefa fundamental toda a força humana disponível.

A continuidade da vida regional, até anos atrás, dependia exclusivamente do equilíbrio das duas estações, uma vez que no período do verão, quando os rios secavam, impedindo a navegação, não haviam estradas para escoar a produção. Hoje o transporte dos produtos alterna-se entre o leito dos rios cheios e as ainda reduzidas e precárias estradas de terra que ligam as principais cidades do Estado.

A riqueza hidrográfica é uma verdade absoluta em toda a Amazônia, gerando uma estreita interligação e dependência dessas terras aos rios e aos seus regimes. Em relação ao Acre, a hidrografia é marcada, basicamente, pelos afluentes da margem direita do rio Amazonas, os rios Juruá e Purus, e completada pelo afluente deste último, o rio Acre.

Por essas vias fluviais penetraram, no século passado, os exploradores e os conquistadores da região. O fato de ser uma extensa planície, cortada inteiramente por imensos caudais, tornou facilitada a integração do território acreano com as cidades de Belém e Manaus. Poder-se-ia mesmo dizer que os rios, navegáveis durante boa parte do ano, propiciaram uma espécie de ligação direta entre os dois extremos.

Numa época em que ainda não havia ligação asfáltica com o resto do país, via BR-364, uma imagem impressionista criada pela professora Cleusa Damo Rancy, então pertencente aos quadros da Universidade Federal do Acre, sintetizou bem o que era a região acreana: “planície, rios, florestas, seringueira, castanheira, calor e umidade, situada num extremo em que a distância e a fraca densidade populacional acentuam a sensação de isolamento”.

2.1 - A TRAJETÓRIA DE OCUPAÇÃO

Duas características fundamentais se mantêm vivas na Amazônia brasileira, desde o período colonial: a reduzida densidade demográfica, que materializa enormes vazios na exuberância da selva; e a economia extrativista, que em determinados momentos da história colocou o Brasil no centro das atenções e do interesse internacionais, em face ao imenso volume de exportação das suas matérias-primas.

A persistência da segunda característica, entendo, decorre da continuidade, guardadas as devidas proporções, de um modelo mantido desde que se iniciou a exploração da região. O modelo de aplicação e expansão de capitais que determina a coleta de matérias em estado bruto, para envio a um centro industrial, com intuito de processá-las e distribuí-las para o mundo (inclusive para o próprio local de origem) a preços muito maiores.

A primeira característica, pode-se dizer, decorre da segunda, uma vez que as espécies vegetais utilizadas na sua forma mais primitiva devem ser colhidas onde a natureza as colocou. Ou seja, levando-se em conta que o povoamento da Amazônia aconteceu de acordo com o extrativismo e, levando-se em conta ainda, que os produtos explorados não se encontram todos num único local, então, é claro, os aglomerados populacionais formaram-se dispersamente. É interessante frisar, nesse aspecto, a ocupação linear ocorrida às margens dos rios. Uma estratégia essencial para facilitar a comunicação e o transporte dos produtos para os grandes centros urbanos.

Por todo o período colonial, e durante a maior parte do século XIX, a Amazônia brasileira esteve estreitamente ligada ao mercado externo através da exploração do cravo, da canela, do cacau, da salsa-parrilha e da madeira. Uma

exploração essencialmente extrativa, que não permitia a fixação de povoadamentos mais efetivos, nem o desenvolvimento de atividades de subsistência, pois o fato de determinado produto, em determinada área, atingir o seu limite, fazia com que as populações se deslocassem para um outro local da floresta, então aberta a todos.

A borracha, que nós trataremos mais especificamente, no item 2.2 deste trabalho, só surgiu como grande matéria de exportação da Amazônia em meados do século XIX, após a desvalorização no mercado internacional dos produtos citados no parágrafo anterior (cravo, canela, cacau, salsa-parrilha, madeira).

Foi essa atividade extrativa na Amazônia que levou, no início do século XIX, os brasileiros a conquistar o espaço hoje formador das terras acreanas.

De acordo com a historiadora Cleusa Damo Rancy (*“Raízes do Acre”*, pp. 15 a 19, Ed. Falangola, 1986), a ocupação desse espaço teve início pela região denominada Purus, através dos “encarregados de índios” (funcionários que através do aldeamento dos silvícolas, objetivavam transmitir-lhes ensinamentos humanos e religiosos que lhe melhorassem a vida e, ao mesmo tempo, facilitassem os interesses econômicos dos civilizados).

“Entretanto”, relata a historiadora, “a investida de maiores proporções verificou-se na região dos altos-rios (Purus, Acre e Juruá), domínio do gentio, com o qual poucos contatos haviam sido realizados.

“Algumas controvérsias existem sobre quem chegou a atingir, em primeiro lugar, as terras hoje acreanas, independente das mesmas pertencerem, de direito, através de tratados, a bolivianos e a peruanos. O que é certo, porém, segundo alguns autores, é que entre os pioneiros brasileiros encarregados de índios, as missões a que foram incumbidos João da Cunha Corrêa e Manuel

Urbano da Encarnação atingiram a referida região, sendo que o primeiro, em 1857-1858, desenvolveu viagem pelo Juruá, subindo depois o Tarauacá e, deste, passou ao Envira, chegando por terra ao Purus, onde quis avistar-se com Manuel Urbano, que naquele momento se encontrava em alto rio, o que impediu o encontro dos dois pioneiros. As terras do Juruá, tidas naquele tempo como pertencentes à província do Amazonas ou à República do Peru em virtude da imprecisão de seus limites, já fixados, porém ainda não demarcados, viriam a se tornar o foco de uma questão internacional.

“João da Cunha Corrêa, que fora colaborador de Chandler e Bates, desenvolveu atividades políticas, econômicas e sociais em benefício da região desbravada. Da mesma maneira, Manuel Urbano, mestiço amazonense, conhecido entre os nativos como *‘preto bom’*, e considerado *‘descobridor herbíco da primeira seringueira no Purus’*, foi mais longe em seu trabalho de reconhecimento dessa região, desbravando os afluentes de sua margem direita, os rios Aquiri, Hyuacu e Aracá, que banham a região em referência, com denominações atuais de Acre, Iaco e Chandless.

“Esses rios, em 1861, foram percorridos por este desbravador que, em missão idêntica à do primeiro, tinha como tarefa a descoberta de uma comunicação com a Bolívia, visando a sua utilização no transporte de bovinos daquele país, indispensáveis ao suprimento alimentar da Província do Amazonas. Apesar do objetivo proposto não ter sido concretizado nessa jornada, foram descobertas as terras novas, hoje acreanas, percorridos os seus principais cursos d’água, tornando possível, com isso, o conhecimento de dados sobre a região.

(...) Prosseguindo esta fase inicial de reconhecimento e estudo da nova região, em 1864-1865, o geógrafo e engenheiro inglês, delegado da Sociedade

de Geografia de Londres, Willian Chandless, em missão oficial científica de seu país, subir o Purus até aos seus últimos formadores, bem como o Acre até as proximidades de suas nascentes, completando, assim, a tarefa de Manuel Urbano e a de João da Cunha Corrêa, uma vez que, em 1867, explorou da mesma maneira o Juruá.

“Ainda há referências ao maranhense Antônio Rodrigues Pereira Labre, fundador da cidade de Lábrea e batalhador das causas da região. Explorou, a partir de 1872, o rio Ituxi ou Iquiri e seus afluentes por várias ocasiões, além de atingir as terras que hoje compreendem o Estado do Acre, excedendo o percurso desbravado por Manuel Urbano”.

A ocupação mais efetiva e permanente do Acre, no entanto, somente veio a acontecer no final dos anos 70 do século XIX, com a chegada maciça dos nordestinos, expulsos da sua terra natal por força da enorme seca que castigou a região entre 1877 e 1880.

Nessa fase, o líder da ocupação foi João Gabriel de Carvalho e Mello, iniciador da marcha colonizadora para o Oeste. Ele, que já trabalhava na região há vinte anos, foi ao Ceará, seu Estado de origem e trouxe para o Norte toda a família e muitos amigos.

Com a caravana migratória, ainda segundo Cleusa Damo Rancy, João Gabriel de Carvalho “partiu de Belém a 6 de fevereiro de 1878, a bordo do vapor Anajás, com o propósito de atingir a região dos altos rios.

“Chegando onde havia planejado -Boca do Acre- subiu um pouco o rio Purus e, numa terra firme, que João Gabriel denominou Anajás, fez desembarcar o pessoal e a mercadoria... Era dia 13 de março de 1878.

“Iniciava-se, de fato, a colonização da região, onde João Gabriel, símbolo do pioneirismo nordestino dessa fase, liderando seus homens, deu

início aos trabalhos de organização do primeiro seringal do Acre, sendo financiado por seu patrão-aviador, o português Elias José Nunes da Silva - Visconde de Santo Elias-, que, estabelecido com casa aviadora em Belém, financiou o desbravamento e o início da colonização do Acre.

“O próprio vapor Anajás, da Companhia de Navegação a Vapor do Amazonas, foi por ele fretado para transportar os pioneiros, o material e os víveres indispensáveis ao empreendimento.

“Estava desbravada uma nova região. (...) O sertanejo, cuja condição se tornara insustentável, foi obrigado a uma emigração, que se realizou de improviso, justamente quando ocorria a valorização progressiva da matéria-prima gumífera, tão abundante no Acre, o que originou a necessidade de desbravamento e de ocupação de novas terras para o atendimento da demanda. Dessa forma, a região do Acre tornou-se alvo maior dos imigrantes que foram chegando nos anos seguintes, lançando as bases de uma nova sociedade que, formada em função da atividade econômica extrativista, foi responsável pelo desenvolvimento e ampliação de novos limites territoriais ao país”.

A leva de nordestinos foi, pouco a pouco, penetrando cada vez mais fundo nas florestas do extremo Oeste do país. Tão fundo que, de repente, no final do século XIX, um novo problema, além das endemias e intempéries comuns a região, se fez aflorar: o problema dos limites fronteiriços. Bolivianos e peruanos que, em princípio, não esboçaram qualquer intervenção, começaram, ainda que de forma parcial e esporádica, a se fazer presentes no mesmo espaço. A fixação clara das fronteiras era um problema antigo, apesar dos Tratados de Madri (1750) e Santo Idelfonso (1777) deixarem claro a supremacia espanhola.

Todos, brasileiros e bolivianos, requeriam o domínio da região para os seus respectivos países. A abundância da árvore borracha naquele pedaço de selva não permitia que se entregasse o espaço um ao outro, assim de graça. E, desta forma, a Bolívia tomou a iniciativa de assegurar o território, a 3 de janeiro de 1899, com uma missão organizada por seu ministro plenipotenciário no Brasil, fazendo cessar a ação e autoridade dos funcionários brasileiros, que eram representados no local pelo Juiz de Direito da Vila amazonense de Floriano Peixoto.

Os brasileiros que viviam no local, porém, em muito maior número que os bolivianos, não se conformaram com a manobra. E resolveram lutar por seus direitos. Primeiro com o aventureiro espanhol D. Luiz Galvez de Arias, que fundou, em 14 de julho de 1899, o Estado Independente do Acre. Depois, em 1902, com o gaúcho José Plácido de Castro, líder do então chamado "Movimento Armado Libertador do Acre".

O Estado independente, fundado por Luiz Galvez, teve efêmera existência. Ruiu em dezembro do mesmo ano. Os bolivianos retomaram o controle da situação, entregaram Galvez ao governo brasileiro, que o deportou para seu país de origem.

A revolução liderada por José Plácido de Castro, encerrada em 24 de janeiro de 1903, foi melhor sucedida. Embora não tenha expulsado pelas armas os bolivianos, fez com que a diplomacia brasileira, por intermédio do Barão do Rio Branco, entrasse em cena e assumisse o controle da região, mediante a assinatura do "Tratado de Petrópolis", em 17 de novembro de 1903. O acordo, além de permitir aos emigrantes nordestinos o direito de exercitar a sua faina, fez modificar oficialmente os limites geográficos da soberania brasileira.

2.2 - O LÁTEX E A HISTÓRIA

O primeiro registro histórico sobre a utilização do látex, fruto do esplendor da seringueira amazônica, parece datar de 1738. Tudo teria começado num encontro em pleno rio Negro, entre o cientista francês Charles Marie de La Condamine e o padre missionário jesuíta Anselmo Pfunst. O cientista era um estudioso das gomas e resinas das florestas da Amazônia. O padre possuiria uma pequena bolsa de borracha, presente de um índio, onde guardava a imagem da Virgem. O francês ao avistar o objeto teria feito crescer a própria ansiedade e entusiasmo ante a possibilidade próxima de chegar a um laboratório apropriado para examinar a qualidade das amostras que levava na bagagem.

Depois de Anselmo Pfunst e Charles Marie de La Condamine, o nome que aparece nos registros da história do látex é o de François Fresneau, amigo desse último, que prognosticava, por volta de 1747, o uso industrial da referida substância no emprego sobre tecidos, para obtenção de encerados, luvas para bombas, roupas para mergulhadores, etc. Coube ao próprio Fresneau investir mais de quinze anos de intensas pesquisas para resolver o principal problema para o uso industrial do látex, que chegava à Europa em estado sólido. E, em 1762, é realizada a liquefação do látex coagulado, através da sua dissolução com emprego de terebentina.

A partir de então, várias pesquisas se desenvolveram na França, Inglaterra e Estados Unidos, visando a utilização da borracha como matéria-prima industrial. Seu uso se limitava à fabricação de correias de transporte fabril, lonas, mangueiras, tubos, luvas, dentre outros. Somente na segunda

metade do século XIX, com a vulcanização da borracha desenvolvida por Charles Goodyear, nos Estados Unidos, em 1839, e por Hancock, em 1843 na Inglaterra, resolve-se definitivamente o problema da adesividade da borracha que limitava o seu uso industrial. O processo de vulcanização consistia em misturar a borracha com enxofre a uma temperatura elevada, por um período de tempo determinado, tornando o produto resultante insensível a alterações de temperatura, a solventes comuns e a óleos em geral. Dessa forma, no final do século XIX, estavam resolvidos os principais problemas técnicos para a utilização ampliada e em larga escala da borracha, como matéria-prima industrial.

Na Amazônia, o extrativismo da borracha, com uma produção modesta até então, teve seu grande impulso a partir dessa mesma época (meados do século XIX), intimamente ligada à expansão desenvolvimentista industrial. De simples e mero componente das chamadas “drogas do sertão”, alvo da perplexidade de expedições científicas no final do século XVIII, no Vale Amazônico, a borracha passa no século seguinte a integrar como produto de ponta a paisagem social e econômica da região até então menos explorada e conhecida do território nacional.

Não seria demais afirmar que a invenção do pneumático por Dunlop, em 1888, o aparecimento do automóvel, em 1895, e a massificação do uso da bicicleta como veículo de transporte foram os maiores responsáveis pelo verdadeiro surto da borracha nos mercados mundiais, que assumiu o papel de matéria-prima cada vez mais importante e de procura em mais rápida expansão da indústria. Além desses, dois outros fatores contribuíram para a corrida rumo à riqueza nativa da Amazônia: a borracha da região era de qualidade muito

superior à produzida em outras áreas; e a política do país, em contraste com a de outras nações, dava um grau de segurança bem maior aos investidores.

“Constituindo-se na principal e, em virtude de sua ação monopolizadora, quase única fonte de riqueza da região e exercendo uma fascinação quase mítica sobre milhares de brasileiros ou alienígenas que para cá demandaram em busca de fortuna fácil ou para fugir das secas do Nordeste”, afirma Pedro Martinello, em *“A Batalha da Borracha na Segunda Guerra Mundial e suas consequências para o Vale Amazônico”* (Cadernos da UFAC, série C, Estudos e Pesquisas), “o ciclo econômico da borracha propiciou o período de maior expressão política, cultural e sócio-econômico da região Amazônica, gerando condições materiais e de vida nunca dantes experimentadas, propiciando novos espaços vitais para a Nação, além da revitalização do seu organismo social e financeiro”.

Naturalmente que essa não era um processo meramente casual. O caráter específico da economia brasileira, sua inserção no bojo do mercado de capitais mundial como polo dependente e com uma posição subordinada na divisão internacional do trabalho constituem elementos esclarecedores do fenômeno.

“Na segunda metade do século XIX”, ainda no dizer de Pedro Martinello, “assistimos alterações profundas na maneira de produção e na tecnologia dos meios de produção, operando-se verdadeira revolução na sua estrutura. A conjuntura econômica mundial dos últimos trinta anos do século passado foi marcada, de fato, pela emergência do chamado capital monopolista das corporações gigantescas, por verdadeira revolução nos transportes, pelo progresso da indústria química, da eletricidade, da grande siderurgia e pela consolidação do capital financeiro (fusão do capital bancário com o industrial).

“Foi precisamente sobre este salto qualitativo tecnológico que se operou a passagem da livre concorrência ao capitalismo monopolista ou ao domínio dos grupos monopolistas constituídos pelos grandes trustes empresariais. Como consequência de tudo isso assistimos, no cenário mundial, ao surgimento de novas potências como o Japão, os EUA, a Alemanha que, no afã de controlar novos mercados e fontes de matérias-primas, desencadearam o recrudescimento de um neocolonialismo.

“O mundo, do ponto de vista econômico, torna-se então dicotômico: uma parte dele altamente capitalizada, concentrando grande parcela de sua atividade industrial e da produção de equipamentos e máquinas, monopolizando a infra-estrutura dos meios de transporte, do comércio internacional e se constituindo na grande importadora de matérias-primas; e uma outra parte, produtora de matérias-primas minerais e agrícolas, constituindo-se no mercado importador dos manufaturados e dos bens de consumo das regiões industrializadas”.

Internamente, a economia do Brasil, entre os anos de 1870 e 1930, caracteriza-se pela formação de um novo pólo econômico.

O Nordeste, tradicional suporte da economia nacional desde o descobrimento, dá sinais de esgotamento, pela concorrência de outros produtores mundiais. Paralelamente, a região Sudeste, representada pelos Estados de São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro, surge como liderança econômica, apoiada na cultura do café.

“Embora anteriormente a região amazônica já exportasse uma determinada quantidade de cacau, madeira e outros produtos típicos da floresta”, explica Martinello, “boa parcela de sua extensão ainda não estava integrada ao sistema econômico nacional, principalmente a área do território do

Acre e boa parte do próprio Estado do Amazonas. Com o desenvolvimento da exploração extrativa da borracha, esta integração espacial e econômica é acelerada com a mesma característica de outras regiões do país: a monocultura de um produto primário de exportação.

“Assim, centrada fundamentalmente no extrativismo da borracha, uma vez que todas as demais atividades lhe eram subsidiárias, a economia amazônica estruturou-se de conformidade com os padrões remanescentes do período colonial, ou seja, dependendo de um único produto de exportação, sujeita às imprevistas flutuações do mercado externo e na qual a maior parte do excedente gerado internamente é carreado para fora, não se verificando qualquer efeito multiplicador para a região.

“Durante todo esse período, não obstante a prosperidade do *boom* da borracha, as aplicações da riqueza que foi carreada para a região não ultrapassaram os umbrais do consumo conspícuo, exemplificado por espetáculos teatrais e companhias de luxo estrangeiros que se exibiam, com toda a pompa, em Manaus e Belém”.

É claro que as matérias-primas minerais e agrícolas, ambiciosa e irracionalmente exploradas, não poderiam durar para sempre. E assim, por volta de 1915 a produção da borracha nativa da Amazônia começa a declinar, com a entrada no mercado mundial do produto oriundo das plantações cultivadas na Ásia. Essa situação muda favoravelmente para a Amazônia durante a II Guerra Mundial (1941-1945), mas a produção volta a despencar, mediante a impossibilidade de concorrência da borracha nativa com a borracha dos seringais de cultivo, após cessarem as ações beligerantes.

No Acre, no início da década de 70, a orientação de investimento estatal voltava-se para a implementação da atividade pecuarista. A consequência

imediate é a desativação de grande parte dos seringais nativos. O novo modelo econômico é parte de todo um processo de modernização da Amazônia, a cargo, principalmente, da Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia (SUDAM), do Banco da Amazônia (BASA) e do Fundos para Investimentos Privados no Desenvolvimento da Amazônia (FIDAM) e traz marcantes e dolorosas transformações na estrutura econômica de base extrativa.

Sem ter o que fazer, nem ter para onde ir, uma vez que passaram suas vidas no meio da floresta, muitos seringueiros, pequenos arrendatários e posseiros juntam uns poucos pertences e levam suas famílias para formar verdadeiros cinturões de miséria em torno das cidades. Alguns, no entanto, optam por tornar-se autônomos de seus antigos patrões e permanecem no seu local de origem. São esses que vão encabeçar um movimento de resistência contra as expulsões dos trabalhadores extrativistas.

“Se antes de 1970”, relata Ormifran Pessoa Cavalcante, em *“Polêmica em torno do conceito de Reserva Extrativista enquanto atividade econômica sustentável”* (monografia apresentada à Coordenação do Departamento de Economia da Universidade Federal do Acre, em 1993), “ou seja, antes da implementação da pecuária tipicamente capitalista, a luta dos seringueiros era por mais liberdade nas relações semi-escravistas de produção nos seringais, agora ela transmuta-se para a luta pela posse da terra, pela manutenção da floresta ameaçada pelas imensas pastagens, e na resistência a se tornarem favelados nas periferias urbanas”.

São esses os elementos que na década seguinte iriam fazer mudar totalmente as relações e a filosofia de trabalho dos chamados povos da floresta, através da composição do mosaico formador das chamadas “Reservas Extrativistas”.

3. RESERVA EXTRATIVISTA - SIGNIFICADO, CRIAÇÃO E PERSPECTIVAS

“Se ‘o sertanejo é antes de tudo um forte’, o homem da floresta é acima de tudo um solitário e um desconhecido dos milhares de cidadãos que habitam distante dos limites da floresta amazônica”.

- Mary Helena Allegretti -

As “Reservas Extrativistas” são um componente maior da luta pelo benefício da reforma agrária na região amazônica, com o intuito de dar um fim definitivo aos conflitos rurais pela posse da terra, no que diz respeito, especificamente, a questão dos seringais. O modelo surge como uma contraposição dos seringueiros à vinculação escravista com seringalistas-patrões e aos novos processos de desenvolvimento, que pressupunham a devastação da floresta.

A luta pela criação de “Reservas Extrativistas” foi encabeçada pelo movimento seringueiro. Mas para que não se entenda esse movimento como simples xenofobia ou insurreição aos novos modelos de desenvolvimento propostos pelo aparato estatal, faz-se necessário ressaltar três elementos motivadores de extrema pertinência: o ecológico, o econômico e o sócio-cultural. O ecológico, porque sem a floresta não poderia haver extrativismo; o econômico, porque permanecer na terra significava um meio de garantir a própria subsistência; e o sócio-cultural, porque a resistência também garantia o direito de continuar sendo extrativista. Ele, o seringueiro acreano, tinha

consciência que a outra alternativa poderia empurrar seus filhos para a marginalidade e suas filhas para a prostituição dos centros urbanos.

Dessa forma é que em outubro de 1985, com o apoio do Instituto Nacional de Estudos Sócio-Econômicos (INESC), do Pró-Memória do Ministério da Cultura e do OXFAM (entidade não governamental inglesa de apoio a projetos sociais no Terceiro Mundo) foi realizado o “1º Encontro Nacional dos Seringueiros”. Nesse “1º Encontro”, após a criação do “Conselho Nacional de Seringueiros”, é que surgiu a proposta da criação das “Reservas Extrativistas”, que seria, segundo as deliberações do plenário, em síntese, “a alternativa econômica e ecológica para justificar a luta contra o desmatamento na Amazônia”.

Esse passo, para o movimento seringueiro, representava a superação de uma fase anterior, baseada em negociações e orientada pela Confederação dos Trabalhadores na Agricultura (CONTAG). Uma fase que se apoiava em antigas, e nunca satisfatoriamente atingidas, reivindicações de Reforma Agrária, via solução negociada com os fazendeiros. A idéia, até então, era forçar indenizações ou acordos de trocas de “colocação” por uma parcela de terra e/ou dinheiro, para que fossem equacionados os conflitos. Era uma alternativa de “Reforma”, baseada no “Estatuto da Terra”, que já não correspondia aos anseios dos seringueiros.

José Heder Benatti, em artigo intitulado “*A posse agrária alternativa e a Reserva Extrativista na Amazônia*”, publicado no livro “*A Amazônia e a crise da modernização*”, lista três aspectos que o referido modelo de ocupação proposto pelo Conselho Nacional de Seringueiros supõe: “a regularização de áreas de extrativismo sustentável através da concessão de uso da terra, do poder público para as populações locais, que tenham tradição de exploração

racional dos recursos florestais e estejam organizadas em associações ou cooperativas; atendimento às populações que já vivem em áreas de extrativismo sustentável e àquelas que as abandonaram, mas que para lá queiram voltar, e conservação do meio ambiente e desenvolvimento da pesquisa científica, que vise o aumento da produtividade e a melhoria das condições de vida das populações amazônicas em geral”.

Um conjunto de proposições, segundo Benatti, que realça as diferenças do direito estatal brasileiro, “inclusive questionando o modelo tradicional de assentamento em lotes agrícolas padronizados, sem consideração da especificidade e diversidade do meio rural amazônico, e propondo a utilização coletiva da terra”.

Após 1985, o próximo passo no sentido da consolidação do atual modelo de desenvolvimento sustentável na floresta amazônica, de modo geral, e na região acreana, de forma peculiar, acontece dois anos depois, quando o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) começa a discutir o “Projeto de Assentamentos Extrativistas”. De 1987 a 1989, dentro da sua concepção de “assentamentos extrativistas”, o INCRA criou dez áreas, num total de 889.548 hectares e beneficiando 2.924 famílias. No Estado do Acre quatro projetos foram criados: “São Luís do Remanso”, em Rio Branco; “Santa Quitéria”, em Brasília; “Macauã”, em Sena Madureira; e “Cachoeira”, em Xapuri.

Ainda não era, porém, o que almejava o Conselho Nacional de Seringueiros, uma vez que para estes, “o conceito de Reserva Extrativista é totalmente diferente da forma concebida pelo Governo de Projetos de Assentamentos Extrativistas que, mesmo que criados sob influência do

movimento, têm administração do INCRA, titulação da terra, pressupõem divisão em lotes, etc”.

Conceitualmente, para os seringueiros, a concepção de “Reservas Extrativistas”, além das diferenças da proposta governamental, deveria ser a de áreas nas quais se desenvolvesse, ou apresentasse potencial para isso, um extrativismo de coleta não predatória e sustentável, ou seja, cuja exploração não levasse ao esgotamento dos recursos naturais.

Um documento final, intitulado “Carta de Curitiba”, produzido no “Seminário Planejamento e Gestão do Processo de Criação de Reservas Extrativistas”, em setembro de 1988, do qual participaram o Instituto de Estudos Amazônicos, e representantes de instituições governamentais e não governamentais, nacionais e internacionais, lista alguns pontos essenciais do que os seringueiros queriam materializar.

“(…) As Reservas Extrativistas serão criadas em áreas de domínio público, ou de domínio privado desapropriadas para este fim, sem excluir outros instrumentos legais. Serão o reconhecimento público da contribuição que esses povos da floresta amazônica têm a dar ao futuro da humanidade;

“As Reservas Extrativistas deverão ser criadas a partir de instrumentos legais que reconheçam e institucionalizem Áreas de Extrativismo Sustentável. O instrumento jurídico através do qual esta regularização será efetivada é a concessão de uso de terras do poder público para populações locais, com tradição de exploração racional de recursos florestais, organizadas em associações ou cooperativas;

“As Reservas Extrativistas atendem a fins de conservação ambiental, de regularização fundiária e de desenvolvimento econômico. Devem, portanto, se

constituir em um modo socialmente justo, ecologicamente sustentável e economicamente viável de ocupar a Amazônia;

“As Reservas Extrativistas devem atender às populações que já vivem em Áreas de Extrativismo Sustentável e àquelas que as abandonaram e para lá queiram voltar. Podem incluir áreas que, embora não ocupadas de forma permanente, façam parte da base de recursos naturais utilizadas por comunidades extrativistas, como é o caso das ‘áreas de avanço’ nos castanhais do Amapá;

“Consideram-se como objetivos principais de Reservas Extrativistas a conservação do meio ambiente, a manutenção das populações locais que exercem atividades econômicas tradicionais não degradadoras e o desenvolvimento de pesquisas científicas que visem o aumento da produtividade e a melhoria das condições de vida das populações amazônicas em geral (...).

“(…) Não existem esquemas prontos sobre as Reservas Extrativistas porque sua implantação decorre de um processo criado pela própria sociedade. Expressam, portanto, dinâmicas diferenciadas conforme os contextos regionais. Nasceram com as lutas de seringueiros do Acre para preservar suas florestas. Tiveram eco com o movimento de resistência de castanheiros do Amapá, ante a espoliação humana e ambiental representada pela Jari. Em Rondônia, tomaram a forma de um planejamento ambiental e agroflorestal destinado a prevenir a repetição dos desastres advindos da história recente de colonização. E no Pará e Amazonas, contrariando sua origem, vêm sendo utilizadas como mecanismos de controle de terras e especulação fundiária;

“Diante da longa e instrutiva história de planos de desenvolvimento fracassados, decorrentes da ausência de enraizamento local, da falta de apoio

social e de uma concepção autoritária e burocrática de planejamento, o Seminário reafirmou a necessidade de um grande controle social sobre a proposta de criação de Reservas Extrativistas, envolvendo todos os setores ligados ao planejamento de sua implantação. Isso poderá evitar que sejam utilizadas como pretexto para se escamotear a reforma agrária, ou para alimentar a especulação com terras.

“O controle social depende da existência de organização por parte das populações que se envolverão com a implantação das Reservas. Em alguns casos, como no Acre, esse é um processo já consolidado e ativo. Existem movimentos de resistência aos desmatamentos (empates), escolas e postos de saúde criados pelas comunidades extrativistas e participação, com autonomia, nas negociações com o governo pela criação de áreas de Reservas. Nas demais regiões esse processo é incipiente ou até inexistente. Nestes casos, torna-se necessário conectar a implantação das Reservas com processos orientados de inserção das populações locais no planejamento (...).

“(...) A implantação de Reservas Extrativistas deve ser inserida em um contexto mais geral voltado para a identificação de alternativas de desenvolvimento para o país, que considerem o bem-estar da população e a adequada utilização dos recursos naturais e estejam de acordo com a nova Constituição. Deve-se evitar que se constituam em experiências isoladas e procurar interferir na conceituação regional predominante no país(...)”.

Finalmente, chega 1990, quando o Governo, através do Decreto 98.897, de 30 de janeiro, materializa a idéia levada a público pelos seringueiros cinco anos antes, quando do seu primeiro encontro nacional. O Decreto governamental criava, sob responsabilidade do Instituto do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA) quatro “Reservas Extrativistas”:

“Rio Ouro Preto”, em Rondônia, com 20.583 hectares; “Rio Cajari”, no Amapá, com 481.650 hectares; “Alto Juruá”, com 506.168 hectares e “Chico Mendes”, com 907.570 hectares, ambas no Acre. Em 1992, mais cinco “Reservas Extrativistas” foram criadas: “Pirajubaé”, em Santa Catarina, com 1.144 hectares; “Extremo Norte do Estado do Tocantins”, no Tocantins, com 9.280 hectares; “Ciríaco”, “Mata Grande” e “Quilombo do Flexal”, todas no Maranhão, com, respectivamente, 7.050, 10.450 e 9.541 hectares.

Quanto ao futuro, especificamente no caso do Acre, os seringueiros estão otimistas. Eles esperam, a médio e longo prazo ter fontes alternativas de renda. Neste sentido, já se encontra em fase de execução um projeto de sistemas agro-florestais que prevê a exploração de dois novos produtos, numa espécie de consórcio com a castanha-do-pará e a borracha: a pupunha e a castanha de caju. Uma perspectiva tão boa que prevê, já no segundo ano de implantação, quando for iniciada a colheita da castanha de caju, um aumento da renda bruta das famílias de mais ou menos 1.040 dólares/ano. E quando todos os produtos estiverem prontos para a comercialização, a renda ultrapassará os 2.341 dólares/ano.

Assim, contrariamente aos argumentos que as “Reservas Extrativistas” andariam na contra-mão da história, ou seja, seriam áreas onde se perpetuariam atividades econômicas tidas como atrasadas, enquanto o modo de produção capitalista avança de forma avassaladora no mundo inteiro, o que se vê, socialmente falando, é um modelo que proporciona uma economia crescente de milhões de dólares, uma vez que diminuem drasticamente os percentuais de êxodo rural.

3.1 - A RESERVA CHICO MENDES

A “Reserva Extrativista Chico Mendes” foi criada em 1990, através do Decreto 99.144, de 12 de março, cobrindo uma área de 970.570 hectares e abrangendo terras de quatro municípios acreanos: Xapuri, Brasiléia, Sena Madureira e Assis Brasil.

As vias de acesso à “Reserva Chico Mendes” variam muito. Em certas áreas o acesso é feito por via terrestre (estradas e ramais); em outras somente por rios e igarapés.

Conforme trabalho realizado pela Fundação de Tecnologia do Acre (FUNTAC) e pelo Instituto do Meio Ambiente do Acre (IMAC) a área pode ser caracterizada da seguinte forma:

Vegetação: A vegetação predominante é a da floresta tropical aberta, subdividida em: aberta com bambu, aberta com palmeiras e aberta com cipó. Embora em menor número, ainda há uma área de floresta tropical densa.

Solo: Os solos que constituem a “Reserva Extrativista Chico Mendes” são grupos do “Podzólico Vermelho e Amarelo” (Eutrófico e Álico), além de pequenas manchas de “Hidromórficos Gleyzados Eutrófico”.

Relevo: O relevo da área é composto segundo classificação do Projeto Radambrasil por planalto rebaixado da Amazônia (ocidental) e depressão - rios Acre e Javari. Caracterizado por uma plataforma regular, não ocorrendo nenhum tipo de formação rochosa como serras ou outros. A altitude varia entre 100 e 200 metros.

Clima: A “Reserva Chico Mendes” está inserida numa área de clima quente e muito úmido, com temperatura média anual em torno de 24° C. O trimestre mais quente é o que vai de setembro a novembro, com médias de 38° C. O trimestre mais frio vai de junho a agosto, com médias em torno de 18° C. A precipitação anual está em torno de 2.000 mm., apresentando-se como trimestre mais chuvoso o período de janeiro a março, e como trimestre mais seco o que vai de junho a agosto.

Hidrografia: Toda a área da “Reserva” é recortada por rios e igarapés. Estes na sua maior parte afluentes do rio Acre.

No que diz respeito à organização social, os habitantes da “Reserva Chico Mendes”, diferentemente de outras “reservas”, reconhecem como sua instância maior de representação os “Sindicatos de Trabalhadores Rurais”.

Este fato está diretamente relacionado ao processo de resistência dessas populações no interior da floresta. Principalmente nas diversas formas por eles encontradas para mobilizar grandes contingentes em torno de objetivos comuns.

No caso da “Reserva Extrativista Chico Mendes”, explica um documento elaborado pelo “Conselho Nacional de Seringueiros”, em agosto de 1994, “a vontade de permanecer no interior dos seringais, e a vontade de combater um inimigo comum, os ‘paulistas’, potencializou-se um sentimento de revolta coletiva, que encontrou na estrutura sindical emergente na região, o ponto de uniformização e canalização desse movimento. O Sindicato nasce, dessa forma, em meio a intensos conflitos, com a responsabilidade de fazer com que os direitos dos seringueiros fossem respeitados”.

Quanto às atividades produtivas (Extrativismo Vegetal e Agropecuária), os moradores da “Reserva Chico Mendes”, a exemplo de várias outras “reservas”, ainda guardam uma dependência direta com condições ambientais, como: precipitação pluviométrica, periodicidade de luz solar, temperatura, fertilidade dos solos, etc.

A base do extrativismo vegetal é a fabricação da borracha e a coleta da castanha, ocorrendo contudo a extração de outros produtos da floresta, basicamente para consumo.

A agricultura é de subsistência, obtida principalmente com o cultivo de arroz, milho, feijão e mandioca.

As atividades pecuárias são praticadas, sobretudo, através de pequenos e médios animais (galinhas, porcos, patos, carneiros), em sistemas extensivos, ou seja, totalmente soltos, basicamente também para subsistência.

Na área da “Reserva” moram cerca de 12.000 pessoas, sendo na sua maioria jovens entre 9 e 17 anos. É expressivo o número de casados, dado que indica uma função importante da organização familiar. O sexo feminino prevalece numericamente sobre o sexo masculino. As famílias são numerosas, chegando a sete a média do número de dependentes do núcleo familiar. É importante ressaltar que a “Reserva Chico Mendes” é a que apresenta o maior número de famílias entre as “reservas” brasileiras.

A “Reserva Chico Mendes” produz, ao ano, cerca de duas mil toneladas de borracha e 340 mil latas de castanha. Por família, a produção média gira em torno de 714 kg. de borracha e 113 latas de castanha. Isso, aliado à produção de alimentos e à criação de animais, faz com que a renda média familiar gire em torno de 490 dólares ao ano.







4. APRESENTAÇÃO, EXPLICAÇÕES, MONÓLOGO ÍNTIMO E OUTROS PECADOS

“Fale com todos os homens como consigo mesmo, sem se preocupar com o efeito produzido, pois assim você não os manterá fora de seu mundo; no isolamento o significado da vida furtivamente lhe escapa da vista e você perde a crença na perfeição da criação”.

- Leo Szilard -

Qualquer manual de redação jornalística ensina que o “*lead*” é a abertura da matéria. “Nos textos noticiosos”, explica o *Manual de Redação e Estilo* do jornal *O Estado de São Paulo*, “deve incluir, em duas ou três frases, as informações essenciais que transmitam ao leitor um resumo completo do fato. Precisa sempre responder às questões fundamentais do jornalismo: o que, quem, quando, onde, como e porquê (...)”.

Pois é como se escrevesse um “*lead*” que eu explico o tema do meu trabalho: dissertar sobre os veículos de comunicação que atingem uma população rural específica (“Reserva Extrativista Chico Mendes”) de um Estado amazônico (o Acre), num determinado hiato de tempo (1990-1997), bem como o impacto que as informações veiculadas exercem sobre as pessoas residentes na referida área, e o que essas mesmas pessoas sabem a respeito disso (sua condição de vida), levando em conta a informação que recebem dos respectivos veículos.

Objetivamente, três seriam os principais pontos a serem alcançados com esse trabalho: um levantamento histórico-social-antropológico do

processo de povoamento da região; um levantamento/mapeamento da incidência dos veículos de comunicação de massa que atingem a área da “Reserva Extrativista Chico Mendes”; e descobrir o que os habitantes do local pensam desses veículos (se são portadores de mais benefícios ou malefícios; se gostariam de outros veículos; como eles gostariam que esses veículos funcionassem ou que tipo de serviço prestassem).

É importante salientar, para que não se imagine essa proposta saindo do nada, que três premissas básicas, todas de cunho absolutamente pessoal, foram as motivadoras dessa dissertação de mestrado a respeito dos impactos de veículos de comunicação de massa numa “Reserva Extrativista” no Estado do Acre: a inexistência na Universidade Federal do Acre, de onde sou oriundo, de algum tipo de pesquisa nesse sentido; a necessidade de uma maior produção científico/acadêmica de cunho regional, produzida por indivíduos ligados às questões tratadas; e a desconfiança a respeito de possíveis manipulações por parte da mídia na formação de opinião ou na tomada de atitudes das personagens envolvidas na trama ambiental.

Depois dessas considerações (o parágrafo que metaforicamente eu chamo de “*lead*”, a apresentação dos objetivos e a minha motivação pessoal), de acordo com a proposta de desenvolvimento concebida, creio que faz-se essencial, antes de tratar das especificidades desse trabalho, esclarecer a minha opção de produzir um texto mesclado das duas possibilidades oferecidas pela forma dissertativa: a exposição e o argumento.

Nesse sentido, creio que cumpre-me esclarecer que existe a consciência de que num exercício acadêmico, produzido com a intenção de defender (ou obter) um título de mestrado seria impossível escrever um trabalho final meramente expositivo, relatorial. O ideal, muito provavelmente,

seria um texto fortemente argumentativo. Mas a natureza do objeto estudado (a comunicação), interligado com os agentes intervenientes (personagens entrevistadas) e com a peculiaridade do ambiente (área-alvo), determinaram que, muito mais do que uma coisa ou outra (exposição ou argumento), se apresentasse um texto combinado dos dois métodos. Exposição, enquanto abordagem histórica, social e antropológica; argumento, enquanto tentativa de adequação de uma determinada teoria aos fatos constatados.

Uma outra questão que eu julgo pertinente explicar, ainda com respeito à combinação dos dois métodos dissertativos, é a de que não se tome(m) a(s) parte(s) expositiva(s), relativa(s) à abordagem histórica, social e antropológica, como se essa fosse uma dissertação interessada em se transformar numa tese panorâmica. Aprendi, lendo Umberto Eco, que numa tese panorâmica o autor se expõe a toda a sorte de contestações possíveis. Poderá, diz Eco in *“Como se faz uma tese”* (Editora Perspectiva, 1996), o relator ou um simples membro da banca, resistir à tentação de alardear seu conhecimento sobre um detalhe não levantado pelo autor? E, da mesma forma, continua Umberto Eco, para estragar a apresentação do autor de uma tese panorâmica, bastará que os membros da banca, consultando o índice, descubram três omissões.

Esse trabalho não é, portanto, uma tese ou, muito menos, uma dissertação, sequer, com pretensões de abranger e explicar um número elevado de problemas. Pelo contrário. A idéia é, isso sim, descer a um micro universo. Se possível fosse, até (quem sabe se não é, dada a localização dos seus agentes, no meio da floresta amazônica), eu diria que a um problema quântico. Praticamente invisível aos olhos do mundo. A(s) parte(s) expositiva(s), relativa(s) à abordagem histórica, social e antropológica, existe(m) nesse trabalho para, diferente do panorâmico, situar e contextualizar a área-alvo e os

agentes pesquisados. Única forma, creio, de fazer com que todas as pessoas que dele (o trabalho) venham a tomar conhecimento, possam absorver os resultados da pesquisa, bem como compreender os argumentos apresentados.

Quanto ao local da pesquisa, optei por me ater a três dos seringais que compõem a "Reserva Extrativista Chico Mendes": "Independência", "Dois Irmãos", e "São Pedro". Todos no município de Xapuri. Seria impossível cobrir todos os 970.570 hectares da "Reserva", espalhados por outros três municípios acreanos (Brasiléia, Sena Madureira e Assis Brasil). Além do que, pelas conversas mantidas com as pessoas dos locais pesquisados, a realidade dos outros locais é exatamente a mesma.

Muitas dificuldades, é claro, se apresentaram para a produção final desse trabalho. Duas delas, no entanto, me parecem mais expressivas e, dessa forma, dignas de menção.

A primeira dessas dificuldades seria quanto à necessidade de falar (escrever) a respeito de algo que ocorre numa ambientação absolutamente desconhecida da academia, onde seres humanos ditos e havidos como civilizados, a uma distância relativamente pequena de comunidades urbanas, vivem em condições semi-primitivas, submetidas a toda a sorte de intempéries. Para que eu pudesse chegar a área, por exemplo, foi preciso enfrentar estreitas estradas lamacentas, onde os automóveis (viajei, sempre, num Toyota) que se arriscam precisam sempre da força dos seus ocupantes; chuvas torrenciais (escolhi, circunstancialmente, para a visita, os meses de dezembro e janeiro), de gelar os ossos dos não acostumados; além de rios e igarapés de caudais barrentos e correntezas pouco amistosas. Sem falar dos transtornos no próprio local: a fome, muitas vezes mitigada com frutos silvestres, e a sede, muitas vezes aplacada com águas visivelmente impróprias.

A segunda dificuldade, de certa forma ligada à primeira, seria quanto à necessidade de falar (escrever) sobre uma realidade tecnológica absolutamente diversa (diametralmente oposta, arrisco dizer) àquela conhecida e vivenciada por todos nós, urbanos e plugados, onde pululam e proliferam microchips, *megabits*, computadores, sistemas, cabos de fibra ótica, satélites, grampos, *fax modems*, etc...

Nesse sentido, a cada passo dado na densidade da selva tropical, tiritando de frio ante os pingos da chuva gelada já mencionada, ou sorvendo um café forte e amargo sob o abrigo de um “tapiri” de seringueiro, ao sabor das muitas histórias disparadas sofregamente pelas memórias e esperanças daquela gente, eu não podia deixar de sofrer com o exercício da minha dúvida e da minha perplexidade (diferentemente do que acontecia com Descartes e do que recomenda Boaventura de Sousa Santos, in “*Pela mão de Alice*” - Cortez Editora, 1996), ao lembrar do conteúdo de dois textos que pouco tempo atrás muito me haviam impressionado, pela apologia do descortínio de um novo mundo para todos os homens, via tecnologia das comunicações. Um deles de Lúcia Santaella, in “*Cultura das mídias*” (Editora Experimento, 1996). O outro de George Gilder, in “*A vida após a televisão*” (Ediouro, 1996).

“(...) Dotada de sentidos”, diz Santaella, “a Terra asculta a energia radiante de remotos corpos celestes, barulhos na barriga do cosmos, ecos, vozes, infindos sinais de um universo infinito.

“Ao mesmo tempo, o espaço orbital, em distintos planos de distância do globo, está habitado por satélites equipados com aparelhos dotados de sistemas óticos que, funcionando como olhos, devolvem à Terra imagens de si mesma. O corpo da Terra e seu olhar celeste, conectados por complexos

sistemas de aquisição, transmissão e processamento de dados, mantêm um intercâmbio ininterrupto de mensagens, vasos intercomunicantes. Muitos olhos, ao redor do planeta, espiam, contemplam, rastreiam os sinais da Terra, processam sua tradução em sinais codificados que, transmitidos à Terra, são reprocessados e convertidos em imagens.

“Tendo vários olhos no Céu, a Terra pode ver a si mesma em múltiplas aparências até o limite do irreconhecível. Quantas visões da Terra o Céu nos envia? O jogo é denso e fascinante. Há a Terra vista da Terra. Quantas Terras há, vistas do Céu? Há o Céu visto da Terra. Quantos Céus há, quando vistos no Céu?

“Através da medição de satélites astronômicos e de naves que deixam o seio da órbita terrestre vão sendo transmitidas e armazenadas na Terra imagens de recessos cada vez mais íntimos do cosmos, numa evidente tendência expansionista: da superfície da Lua ao espaço planetário, da exploração estelar aos segredos galácticos...

“A visão deslumbrante e deslumbrada de uma noite estrelada - miragem da imensidão enigmática do espaço - está sendo despudoradamente devassada por imagens em *close up*, camadas de Céus dentro do Céu. Nossos olhos, ouvidos e cérebro não estão mais ou apenas aqui onde pensamos que estão. Invisíveis a olho nu, os sensores, que hoje navegam no espaço orbital e mesmo sideral - para os quais não há descanso reparador, nem domingo, nem feriado -, estrategicamente em trânsito entre o Céu e a Terra, produzem incessantemente signos do Céu à Terra e da Terra ao Céu”.

E acrescenta Gilder: “(...) Atualmente, os *microchips* e a fibra ótica são as tecnologias que mais progridem no mundo. Separadamente, essas

tecnologias exercerão um grande impacto sobre nosso futuro. Juntas, criarão um novo sistema capaz de transformar as possibilidades de toda a sociedade humana.

“Cansado de assistir à TV? Com a programação engenhosa dos telecomputadores, você poderia passar um dia interagindo na tela com Henry Kissinger, Kim Bassinger ou Billy Graham. Celebidades poderiam produzir e vender seu próprio *software* ou tornar-se disponíveis para a comunicação pessoal bidirecional em vídeo. Você poderia fazer um curso totalmente interativo de física ou informática com os mais espetaculares professores do mundo, que responderiam às suas perguntas e o deixariam progredir no seu próprio ritmo de aprendizagem. Você poderia ter um dia de trabalho totalmente interativo sem se deslocar ao escritório ou gerir uma empresa global sem jamais embarcar num avião.

“Você poderia ver seu filho jogar beisebol numa universidade no outro lado do país, assistir à final do campeonato de qualquer ponto do estádio que escolhesse ou erguer-se acima da cesta junto com Michael Jordan. Você poderia pilotar um avião sobre os Alpes ou escalar o Monte Everest - tudo isso numa poderosa tela de alta resolução.

“As possibilidades são infinitas: funde uma escola em sua própria casa que ofereça os melhores professores do país transmitindo os valores morais, culturais e religiosos que você preza. Visite sua família no outro lado do mundo com imagens comoventes mal distinguíveis daquelas da vida real. Receba uma visita domiciliar de seu médico sem que ele deixe o consultório. Ofereça uma festa de aniversário para a vovó, no lar dos velhos, levando todos seus descendentes espalhados pelo país para o pé de sua cama em cores vivas e fiéis. Assista a filmes ou programas de televisão originados em qualquer

estação ou banco de dados digital do mundo alcançável por linhas telefônicas. Encomende e receba instantaneamente revistas, livros ou outras publicações de quase todos os pontos do mundo, personalizados segundo seu gosto. Você poderia evocar potencialmente qualquer uma dessas funções e um número ilimitado de outras através de listagens num menu de telecomputador ou em novas revistas e jornais eletrônicos.

“Todas essas funções do telecomputador já são possíveis através da alquimia de areia e vidro da tecnologia dos computadores e da fibra ótica. Essas tecnologias poderão se tornar financeiramente acessíveis para muitas pessoas num futuro bem próximo, pois seus custos caem à metade mais ou menos a cada ano. Uma teia cristalina de vidro e luz, desenvolvida por empresas e trabalhadores norte-americanos, logo se estenderá pelos Estados Unidos e por outros países do mundo”.

Os vasos comunicantes, os muitos olhos ao redor do planeta, as imagens de recessos cada vez mais íntimos da Terra, dos quais nos fala Lúcia Santaella; a encomenda e o recebimento instantâneo de revistas e livros ou outras publicações de quase todos os pontos do mundo, dos quais nos fala George Gilder, toda a maravilhosa (miraculosa?) parafernália eletrônica, ferramenta para a materialização viva e palpável da metáfora da *“Aldeia Global”*, de Herbert Marshall McLuhan (estudioso, aliás, a quem, permita-se uma ligeira digressão, Régis Debray não considera um teórico ou, sequer, um argumentador. “Trata-se de um êmulo de Blake, especialista e, talvez, herdeiro de Joyce e John Donne, dotado de intuições penetrantes e incoerentes, um *vates* popular teoricamente prejudicado, mas midiaticamente amparado por sua agressividade publicitária. Possui do poeta a virtude de atenção ao ambiente e a

todas as variantes da cultura popular, normalmente desprezadas pelos professores. Procede colagens, curto-circuitos e transições absurdas a partir de idéias certamente mal assimiladas”, diz Debray, in *“Manifestos Midiológicos”*. Editora Vozes, 1995), no entanto, ainda não fazem parte do cotidiano de um certo grupo de homens (muitos, por não possuírem, sequer, uma Certidão de Nascimento, não existem para as estatísticas oficiais), que ainda precisam tirar o sustento básico próprio e da respectiva prole de uma combinação alquímica entre o suor do rosto e a generosidade da terra.

Essas duas dificuldades foram fundamentais para que a produção final desse trabalho levasse um tempo, de certa forma, excessivo. No período entre a pesquisa e a produção do texto, no entanto, não houve, propriamente, um ou mais momentos de ócio. Talvez devesse ter havido, posto que há quem afirme (Freeman Dyson, in *“De Eros a Gaia - O dilema ético da civilização em face da tecnologia”* - Editora Best Seller, 1992), a exemplo do modo de trabalhar do dramaturgo inglês William Shakespeare, que intervalos de ócio são provavelmente essenciais ao trabalho criativo de alto nível. Fiz, no período angustiante entre a pesquisa e a produção, a pretexto de não perder nenhum fragmento de tempo (dom da eternidade, que nos permite viver sucessivamente, impedindo que tudo aconteça de uma só vez, segundo Jorge Luís Borges, in *“Cinco visões pessoais”* - Editora da UnB, 1996), leituras múltiplas, audições infintas das entrevistas gravadas e dos principais programas mencionados pela comunidade e, embora sem muito ou nada a ver com essa tarefa, mas fato digno de registro, dado que o considero como que uma espécie de exercício para o trabalho principal, um livro de crônicas (*“Verdades absolutas e outras mentiras”*), prefaciado pelo mestre orientador Carlos Chagas.

Para superar as duas dificuldades, então, optei por dividir o trabalho em três momentos. O primeiro deles com os três capítulos iniciais, que eu convencionei chamar de “contextualização” da área pesquisada e dos indivíduos entrevistados. O segundo, este capítulo de número quatro, denominado de “elo de ligação”. Onde são detalhados os passos do trabalho (uma espécie de ordenamento necessário para quem, eventualmente venha a debruçar-se sobre ele). E o terceiro, com os capítulos seguintes, chamados, um tanto oportunamente, de “detalhamento técnico”, onde eu explico (não necessariamente nessa ordem) a metodologia, a realidade vivenciada, a mídia incidente na área da pesquisa, os programas mencionados pelos entrevistados e o marco teórico norteador das conclusões aqui apresentadas.

No momento que eu chamo de “contextualização”, sem o qual não creio que fosse possível uma boa compreensão, iniciei com o que se pode denominar figuradamente de duas fotografias de fatos que abalaram a vida dos povos amazônidas da floresta. As mortes dos líderes sindicais seringueiros Wilson Pinheiro e Chico Mendes, separadas por oito anos de diferença e ambientadas em cidades vizinhas, separadas apenas por míseros sessenta quilômetros (“1. *Preâmbulo - Crônica de duas mortes anunciadas*”).

Em seguida, no tocante à “contextualização”, tentei trazer a lume os contornos do local (“2. *Caracterização - Que lugar é esse?*”), desde o imaginário, fabricado pela historiografia greco-romana, passando pelos primeiros exploradores do chamado “rio das amazonas”, até à situação geográfica atual (não somente da região em sentido macro, mas também do Estado do Acre). Aqui, com intuito didático, para que não se misturassem informações (ensina Lucien Sfez, in “*Crítica da Comunicação*”, Edições Loyola, 1994, que a informação indisciplinada tende a tornar-se redundante e,

consequentemente, a cair no fenômeno da “entropia”), achei conveniente abrir duas “janelas” (“2.1 - *A trajetória de ocupação*” e “2.2 - *O látex e a história*”). Ambas as “janelas”, para tornar claro como, quando e porquê, num certo momento, homens, mulheres, e até crianças resolveram desafiar os segredos e a força de uma floresta misteriosa e hostil.

Por último, ainda no que diz respeito à “contextualização”, procedi as explicações necessárias sobre o local específico da realização da pesquisa (“3. *Reserva Extrativista - Significado, criação e perspectivas*” e “3.1 - *A Reserva Chico Mendes*”), trazendo informações desde o instante em que os seringueiros acreanos começaram a gestar o nascimento do modelo de ocupação da terra que eles consideravam ideal, até detalhes minuciosos da área, como tipos de vegetação, de solo, de relevo, clima e hidrografia.

No momento que eu chamo de “detalhamento técnico”, ao tempo em que disserto sobre os fatos presenciados (e dou voz aos agentes sociais da comunidade pesquisada), optei por proceder a algumas revisões: uma do marco teórico (o “*agenda setting*”), conceitual; e duas outras do veículo (“o rádio”), histórica e comparativa.

Além disso, e das obrigatórias conclusões, é claro, esse terceiro momento abriga o que talvez seja mais interessante neste trabalho. Duas transcrições. Uma, a dos anseios de uma gente que, embora sem muitos dentes na boca, ainda arranca forças no fundo do coração para sorrir e sonhar com um futuro melhor. A outra, a de uma marca de resistência (guerrilha silenciosa e, muito provavelmente, infrutífera, usando as forças do inimigo, eu ousaria dizer) cultural, evidenciada na prática de uma informal oralidade que eles (os povos da floresta acreana), ao usar a mídia (o rádio, leia-se), imprimem nas suas mensagens.

5. MARCO TEÓRICO - A HIPÓTESE DO AGENDA SETTING

“Devemos abandonar a ideia de que os destinatários dos produtos da mídia são espectadores passivos cujos sentidos foram permanentemente embotados pela contínua recepção de mensagens similares. Devemos também descartar a suposição de que a recepção em si mesma seja um processo sem problemas, acrítico, e que os produtos são absorvidos pelos indivíduos como uma esponja absorve água”.

- John B. Thompson -

No último parágrafo do capítulo anterior (“4. Apresentação, explicações, monólogo íntimo e outros pecados”) já se pode entrever uma pista para o entendimento que “os veículos de comunicação de massa” que incidem (e, naturalmente, influem) na “Reserva Extrativista Chico Mendes” se resumem a um: o “Rádio”.

Este capítulo de “nº 5”, ao proceder uma revisão conceitual de uma teoria de comunicação, pretende estabelecer uma referência para que, posteriormente, se possa explicar, a partir da referida incidência, que tipo de influência é essa exercida pelo veículo citado.

Antes, porém, de dissertar especificamente sobre a hipótese do “*Agenda Setting*” (marco teórico escolhido para este trabalho), dado ser este pertencente ao grupo de um novo paradigma dos estudos da comunicação, julgo oportuno esclarecer em que ideias se apoiava o “antigo paradigma”, bem como as diferenças entre um e outro.

Desta forma é que começo dizendo que quatro eram as principais premissas que nortearam durante longo tempo o estudo sobre os efeitos dos *mass media*.

a) *Os processos comunicativos são assimétricos*: existe um sujeito ativo que emite o estímulo e um sujeito passivo que é impressionado por esse estímulo e que reage;

b) *A comunicação é individual*: é um processo que diz respeito, antes do mais, a cada indivíduo e que deve ser estudado nesses indivíduos;

c) *A comunicação é intencional*: o início do processo, por parte do comunicador, acontece intencionalmente e dirige-se, em geral, a um objetivo; o comunicador visa um determinado efeito;

d) *Os processos comunicativos são episódicos*: o início e o fim da comunicação são limitados no tempo e os episódios comunicativos têm um efeito isolável e independente.

Hoje, no entanto, após adquirir consciência de que as comunicações não influem diretamente num comportamento explícito, mas sim na maneira como o receptor trabalha o próprio imaginário, os pesquisadores operaram uma profunda modificação nas antigas premissas. Passaram dos efeitos entendidos como *mudanças a curto prazo* para o estudo dos efeitos entendidos como *consequências de longo prazo*.

São três as principais diferenças entre o velho e o novo paradigma.

a) Deixam de estudar casos singulares (sobretudo “campanhas”) para se passar à cobertura global de todo o sistema dos *mass media*, centrada sobre determinadas áreas temáticas;

b) Deixam de se extrair dados, essencialmente, de entrevistas feitas ao público, para se passar a metodologias integradas e complexas;

c) Deixam de se observar e avaliar as mudanças de atitudes e de opinião, para se passar à reconstrução do processo pelo qual o indivíduo modifica a sua própria representação da realidade social.

Mauro Wolf, in *“Teorias da Comunicação”* (Editorial Presença, 1994), toma posição a respeito dessa mudança de paradigma, afirmando que “na evolução que a questão dos efeitos está a sofrer desde há algum tempo, muda, em primeiro lugar, o *tipo de efeito*, que já não diz respeito às atitudes, aos valores, aos comportamentos dos destinatários, mas que é um *efeito cognitivo* sobre os sistemas de conhecimento que o indivíduo assume e estrutura de uma forma estável, devido ao consumo que faz das comunicações de massa. Em segundo lugar, muda o quadro temporal: já não efeitos pontuais, ligados à exposição da mensagem, mas efeitos cumulativos, sedimentados no tempo. Isto é, realça-se o carácter processual da comunicação, que é analisada quer na sua dinâmica interna, quer nas suas relações com outros processos comunicativos, anteriores ou contemporâneos. A duração do espaço de tempo em que esses efeitos se tornam perceptíveis, e são de qualquer forma mensuráveis, é, portanto, bastante ampla. Evidencia-se a interação e a interdependência *permanentes* dos fatores que entram em jogo no processo de influência (...)”.

Com a mudança de paradigma que fez o rumo dos estudos se prenderem aos *“efeitos cumulativos”*, ao invés dos *“efeitos limitados”*, colocou-se no centro da problemática a relação entre a ação constante dos *mass media* e o conjunto de conhecimentos acerca da realidade social, que dá forma a uma

determinada cultura e que sobre ela age, dinamicamente. Nesse relação, ensina Mauro Wolf, citando Noelle Neumann, há três características do *mass media* que são importantes: “*a acumulação, a consonância e a onipresença*”.

A *acumulação* diz respeito à capacidade dos *mass media* de criar e manter a relevância de um tema, ser o resultado global (obtido após um certo tempo) do modo como funciona a cobertura informativa no *sistema* de comunicações de massa. Ou seja, afirma textualmente Wolf, “não são efeitos pontuais mas consequências ligadas à repetição contínua da produção de comunicações de massa”.

A *consonância* prende-se ao fato dos traços comuns e as semelhanças existentes nos processos produtivos da informação tenderem a ser mais significativos do que as diferenças. “O que conduz as mensagens”, segundo Wolf, substancialmente mais semelhantes do que dissemelhantes”.

A *onipresença*, ressalta a condição da difusão quantitativa dos *mass media* e o fato de que o saber público (o conjunto de conhecimentos, opiniões e atitudes difundido pela comunicação de massa) ter um caráter particular: é do conhecimento público que esse saber é publicamente conhecido.

A nova problemática dos *efeitos*, portanto, sintetiza Mauro Wolf, “analisa os processos e os modos como os meios de comunicação de massa estabelecem as condições da nossa experiência do mundo para lá das esferas de interações em que vivemos”.

A hipótese do “*Agenda Setting*” (que pode ser traduzida na expressão “uma imposição sobre o que falar”), como foi dito no terceiro parágrafo deste capítulo, é uma das teorias pertencentes ao novo paradigma dos estudos da

comunicação. Baseia-se no postulado genérico de que as pessoas agendam seus assuntos e suas conversas em função das informações veiculadas pela mídia.

Trata-se de uma das formas possíveis de incidência da mídia sobre o público. É um tipo de efeito social da mídia. Os temas sobre os quais o público fala e discute seriam determinados pela seleção, disposição e incidência das informações veiculadas pela mídia.

A idéia funcionaria, mais ou menos, como uma espécie de bloqueio de informações imposto pela mídia, em privilégio de outras informações previamente selecionadas. Desta forma, ao tomarmos conhecimento de algo como “o que aconteceu” (“a verdade é o seguinte...”), somos impedidos de tomar conhecimento de outros temas. Se não tomamos conhecimento, não podemos comentá-los. Ao decretar o desconhecimento de determinados temas por parte da sociedade, a mídia os condena (os temas) à inexistência social. Assim, por ser o único tema comum aos agentes sociais em comunicação, o que a mídia oferece acaba tendo uma maior incidência nas comunicações interpessoais.

“(...) em consequência da ação dos jornais, da televisão e dos outros meios de informação, o público sabe ou ignora, presta atenção ou descarta, realça ou negligencia elementos específicos dos cenários públicos. As pessoas têm tendência para incluir ou excluir dos seus próprios conhecimentos aquilo que os mass media incluem ou excluem do seu próprio conteúdo. Além disso, o público tende a atribuir àquilo que esse conteúdo inclui uma importância que reflete de perto a ênfase atribuída pelos mass media aos acontecimentos, aos problemas, às pessoas”. (Mauro Wolf, citando E. Shaw).

É importante destacar, antes de passarmos para os nuances históricos e os desdobramentos dessa teoria, ainda na opinião de E. Shaw, citado por

Mauro Wolf, que a hipótese do “*Agenda Setting* não defende que os *mass media* pretendem persuadir (...). Os *mass media*, descrevendo e precisando a realidade exterior, apresentam ao público uma lista daquilo sobre o que é necessário para ter uma opinião e discutir (...). O pressuposto fundamental do *Agenda Setting* é que a compreensão que as pessoas têm de grande parte da realidade social lhes é fornecida, por empréstimo, pelos *mass media*”.

5.1 - HISTÓRICO - DÚVIDAS SOBRE O MOMENTO DA DA FORMULAÇÃO

Historicamente não há precisão do momento exato em que foi citada num trabalho científico a hipótese do “*Agenda Setting*”. McCombs e Shaw foi quem trouxeram a hipótese, em definitivo, para a seara científica, em 1972. Cinquenta anos, antes, porém, Walter Lippman, no livro “*Public Opinion*”, já houvera destacado o papel da imprensa no enquadramento da atenção dos leitores em direção a temas por ela impostos como de “maior interesse coletivo”.

No capítulo introdutório de “*Public Opinion*”, Lippman se refere ao modo pelo qual as pessoas chegam a conhecer o mundo exterior a sua própria existência, como formam as “imagens em suas mentes” sobre o mundo e as pessoas que nele habitam. Para Lippman, os meios de difusão modelam essas imagens ao selecionar e organizar símbolos de um mundo real, que é por demais amplo e complexo para um conhecimento direto. “Nem todos os repórteres do mundo, trabalhando todas as horas do dia, poderiam dar conta de todos os acontecimentos”.

Três anos depois, em 1925, Robert Ezra Park, no livro *"The City"*, também antecipava a idéia central do *"Agenda Setting"*, destacando a prerrogativa que tinham os meios de comunicação de definir uma ordem de preferências temáticas. Este mesmo autor, um pouco mais tarde, "denunciou" o que ele chamaria de "função indicadora das notícias", monopólio dos meios.

Em 1958, Norton Longs escreveu um artigo de extrema clareza sobre a hipótese, onde dizia, textualmente: "De certa forma, o jornal é o primeiro motor de fixação da agenda territorial. Ele tem grande participação na definição do que a maioria das pessoas conversarão, o que as pessoas pensarão que são os fatos e como se deve lidar com problemas".

Em 1963 foi a vez de B. C. Cohen afirmar que "a mídia talvez não imponha o que pensar, mas seguramente impõe sobre o que pensar". Uma analogia que não somente coloca em evidência a diferença entre atitude e cognição, mas realça que a cognição é mais facilmente influenciável pela mídia do que a avaliação.

Em 1968 surgiram mais duas contribuições para a futura hipótese. Primeiro com Gladys e Kurt Lang, ao denunciarem a prerrogativa de hierarquização temática dos meios de comunicação. Depois com J. L. Walker que, num artigo intitulado *"A critics of the elitist theory of democracy"*, apontava para a coincidência dos temas mediáticos e dos temas das conversas interpessoais.

Estas opiniões e intervenções todas, de Walter Lippman a J. L. Walker, devo frisar, embora tenham precedido as pesquisas de McCombs, não chegaram a despertar o interesse científico dos pesquisadores e estudiosos da época. São importantes por terem vislumbrado o fenômeno.

5.2 - DIFÍCIL COMPROVAÇÃO

Três problemas dificultam a comprovação científica da hipótese do “*Agenda Setting*”: o período de eficácia do fenômeno estímulo-efeito; a envergadura da amostragem dos receptores em estudo; e a falta de rigor na utilização dos termos.

O primeiro problema diz respeito a falta de harmonia na definição de prazos para constatar os efeitos. A maioria dos autores se limita à análise de prazos curtos, cerceando a fertilidade possível dos resultados.

Quanto ao segundo problema, a envergadura da amostragem costuma variar entre 150 e 300 indivíduos, número que coloca em dúvida sua representatividade para muitos universos sociais estudados. Além disso, há um outro ponto: a singularidade de cada projeto. Ou seja, pelo fato de não haver homogeneidade na metodologia utilizada, torna-se inviável a comparação dos resultados.

Por último, a questão da falta de rigor na utilização dos termos, que costuma começar pela própria noção de agendamento. Sucedem-se, aqui, perguntas como: o que é a determinação da agenda? Trata-se de dar a conhecer ao receptor (que se não fosse pelos meios não se inteiraria do fato)? Ou se trata de uma hierarquização temática (quando os meios determinam qual a importância a dar a este ou àquele fato)? Ou, ainda, de impor uma abordagem específica ao fato, enfocando o tema desta ou daquela maneira?

“Essas dificuldades epistemológicas”, afirma Clóvis de Barros Filho, *in* “*Ética na Comunicação - Da informação ao receptor*”, “comumente apontadas, impedem, segundo muitos, um balanço teórico-doutrinário dos estudos realizados até aqui sobre o *Agenda Setting*”.

5.3 - O AGENDA SETTING E A DOUTRINA

Dois fatores contribuíram para o surgimento do que se convencionou chamar “primeira geração do *Agenda Setting*” (mera imposição temática): o declínio do behaviorismo e a conseqüente emergência da psicologia cognitiva; e o esgotamento do modelo dos efeitos limitados. Uma geração posterior, a segunda (imposição de um determinado enfoque temático), aproxima o *Agenda Setting* das teses sobre o fenômeno da persuasão e da aculturação.

Para que se compreenda melhor o(s) motivo(s) que levaram à substituição de um modelo por outro, faz-se necessário listar as quatro principais críticas sofridas pelo antigo modelo (dos efeitos limitados): a) o excessivo empirismo e preocupação quantitativa de seus estudos; b) a insistência dos pesquisadores em quantificar exclusivamente os efeitos a curto prazo, negligenciando os efeitos a médio e longo prazos; c) o uso quase que total de laboratórios para chegar às conclusões do modelo dos efeitos limitados; e d) o fato das análises se limitarem a estudar o comportamento do receptor em contato com a mensagem, mascarando um processo que se pode dar em etapas extremamente diversificadas.

Uma nova maneira de observar a influência dos “meios” fez ruir, provavelmente de forma definitiva, o antigo modelo (dogma?) vigente dos efeitos limitados. A hipótese do *Agenda Setting*, uma das propostas do novo modelo (consequências de longo prazo), preocupada de certa forma em averiguar a constituição da opinião pública e o conjunto dos desdobramentos sociais decorrentes da relação da mídia com o receptor, surgiu, então, num momento oportuno para preencher os anseios dos pesquisadores.

5.4 - INTERFERÊNCIAS NO AGENDA SETTING

Três aspectos da mensagem podem interferir no *Agenda Setting*: sua origem (quem agenda a mídia?), seu veículo e seu conteúdo.

Os próprios acontecimentos da realidade responderiam parcialmente à pergunta sobre a origem da agenda dos meios. Os fatos são a fonte primária de todo trabalho informativo. A limitação física de tempo e espaço inerentes a todo trabalho midiático, no entanto, exigem uma seleção. Nesta seleção entram, além do determinismo técnico do meio, a perspectiva de necessidade do receptor.

Nesse processo de seleção, três fatores são determinantes: a) a possibilidade de personalização do conteúdo da informação (permite à audiência uma identificação com o tema através do sujeito envolvido, como também torna temas complexos mais compreensíveis); b) a possibilidade de dramatização, via de regra, por intermédio de um conflito; c) e a possibilidade de dinamização do tema, ou seja, que o receptor possa constatar uma ação ou acontecimento.

Além de todas essas características intrínsecas da mensagem, outros dois fatores influenciam no agendamento dos temas: todos aqueles que participam do processo de edição e todos os que possam ter interesse nessa ou naquela publicação.

Quanto ao “veículo”, o segundo fator que condiciona o *Agenda Setting*, os estudiosos chegaram, até aqui, a uma conclusão comum: há mais *Agenda Setting* em mensagens impressas do que em outros tipos de mensagens.

E no que diz respeito ao terceiro fator, o “conteúdo”, o que se postula é uma teoria de efeitos variáveis em função do tema tratado. É que há temas que proporcionam uma discussão mais intensa e outros menos.

5.5 - A RECEPÇÃO NO AGENDA SETTING

Três aspectos da recepção podem ter influência sobre o *Agenda Setting*: a concorrência informativa das comunicações interpessoais, a necessidade de orientação do receptor e sua limitação temática.

A concorrência informativa das comunicações interpessoais usa como pressuposto a idéia de que a recepção não se esgota no contato direto mídia-receptor. As pessoas se informam entre si, de forma que é possível ter acesso a uma informação sem, necessariamente, adquiri-la diretamente de um veículo de comunicação de massa. O receptor direto da mensagem fará o papel de novo agente, ao comentar a informação recebida com outras pessoas que não tiveram acesso à fonte inicial. “A recepção”, ensina Clóvis de Barros Filho, “vista por esse prisma sociológico dos efeitos, deixa de ser simplesmente uma relação entre o codificador e o decodificador e passa a ser um processo de várias etapas, onde cada intermediário da mensagem opera uma reconstrução, determinada por diversos mecanismos de seletividade”. Além do que, ainda na opinião do autor, “a reconstrução da mensagem depende de redes associativas que os elementos da codificação acionam junto ao receptor”.

O segundo aspecto, o da necessidade de orientação, tem por base a dependência de cada receptor para satisfazer sua própria curiosidade, em relação ao produto mediático. Quanto maior for o interesse que o receptor tiver

pelo tema e maior o número de dúvidas a serem esclarecidas pela informação, maior será a probabilidade de exposição e de atenção, sendo, também, por conseguinte, maior a incidência da hipótese do *Agenda Setting*. Assim, pode-se deduzir que um mesmo produto midiático poderá ter níveis distintos de *Agenda Setting*, na mesma proporção do número de receptores. “Em função de seu interesse e grau de incerteza em relação a um tema específico, variará de zero, quando não há interesse nenhum nem dúvidas a respeito (talvez por falta de referenciais cognitivos), a índices máximos, quando o receptor está diretamente interessado no assunto tratado. Nesses casos, a concentração temática nas comunicações interpessoais desses receptores tenderá a ser grande”. (Clóvis Barros Filho).

Quanto ao terceiro aspecto, o da limitação temática, os estudos indicam que a agenda do público não comporta um número muito grande de assuntos. “A agenda do cidadão”, diz Barros Filho, “não funciona como depositária interminável de temas que a mídia lhe impõe”. Os estudos provaram que os temas não se acumulam indefinidamente. Para que novos temas surjam, a partir de um determinado número, é preciso que alguns saiam da pauta. Uma espécie de alternância. Para que um tema ganhe o status de “agendado”, é preciso que outro deixe de sê-lo. “O agendamento de um tema específico”, ensina ainda Barros Filho, “dependeria menos de suas características intrínsecas e mais de sua posição reflexiva, ou seja, em relação aos demais temas oferecidos na mídia. Pode-se dizer que essa limitação temática da agenda do público relativiza sobremaneira os fatores condicionantes que dizem respeito ao conteúdo da mensagem”.

6. QUE ALDEIA É ESSA?

“Quando a televisão tornou-se popular, na década de 1950, surgiram previsões anunciando a morte do rádio. Passados mais de quarenta anos, o rádio é, hoje, mais empolgante e diversificado do que antes.

- Paul Chantler & Sim Harris -

De acordo com o que foi proposto no penúltimo parágrafo do capítulo anterior (pg. 44), abro este capítulo-janela para uma revisão histórica e, de certa forma, conceitual, do único veículo de comunicação de massa a atingir a “Reserva Extrativista Chico Mendes”: o rádio.

Antes, porém, de me ater especificamente ao tema, discorro sobre a metáfora da “*Aldeia Global*”, de McLuhan. Creio ser pertinente esse apêndice, para que melhor sejam situadas as relações entre a comunidade pesquisada e o mundo midiático, bem como a influência e a importância do veículo para as respectivas pessoas envolvidas na trama.

Assim é, então, que inicio este capítulo com a afirmação que Herbert Marshall McLuhan, já citado neste trabalho (inclusive com o apêndice de uma crítica formulada por Régis Debray), ao propor a sua metáfora da “*Aldeia Global*”, analisava a evolução cultural da humanidade como dividida em três etapas: *tribalização, destribalização e retribalização*.

A *tribalização* seria um processo que teria tido início no próprio momento da humanização. Teria sido desencadeada, mais especificamente, no próprio instante em que o homem adquiriu a linguagem.

Essa aquisição, ensina José Marques de Melo, in *“Teoria da Comunicação: paradigmas latino-americanos”* (Editora Vozes, 1998), “vai-se fazer não apenas em função do gregarismo - aquilo que Kayakawa chama ‘comunidade de sistemas nervosos’ - mas também da cooperação, que Marx denomina ‘comunidade de forças produtivas’. Incorporando a linguagem como instrumento indispensável de comunicação e de sobrevivência social, os indivíduos deixam simplesmente de lutar uns contra os outros e de se destruírem. E começam a perpetuar os modos de intervenção na natureza e de organização societária, solidificados sob a forma de padrões culturais. Assim sendo, todo o patrimônio cultural alicerçado pelo homem perpetua-se, nessa primeira fase, através da comunicação oral, e transmite-se de uma geração a outra. É evidente que esse patrimônio sofria circunstancialmente alguns decréscimos, na medida em que o seu registro limitava-se à memória dos anciões e o seu desenvolvimento dependia da habilidade que tinham determinadas gerações de transmitir aqueles padrões culturais a outras gerações”.

Foi a invenção da escrita que teria dado origem à *destribalização*. Antropologicamente o fenômeno corresponderia a uma inquietação cultural de certos indivíduos na sociedade, que não estariam satisfeitos com os instrumentos disponíveis e queriam criar outros.

“Considerando que os indivíduos estavam agrilhoados à vida da tribo”, continua o autor, “uma vez que a sobrevivência cultural resultava daquelas informações oriundas dos mais velhos, a escrita realmente proporciona um rompimento dos laços tribais, libertando o homem da dependência direta aos ancestrais e pondo à sua disposição um vasto patrimônio de experiências, conservado sob a forma de registros gráficos”.

Ideográfica, de início, dadas as suas origens orientais, aos poucos a escrita evolui para estruturas fonéticas que culminam com a forma alfabética.

“Não obstante isso ocorresse 4.000 anos da era cristã”, ainda no dizer de Marques de Melo, “a verdade é que sua difusão só se verificou muitos e muitos anos depois. Porque a escrita não apenas significava instrumento de comunicação ou registro cultural; mas era, antes de tudo, símbolo de poder. Na fase *tribal*, o poder geralmente estava monopolizado pelos velhos guardiães do patrimônio coletivo, que eram ao mesmo tempo detentores das informações sobre a vida material e porta-vozes a serviço da manutenção das tradições, no plano espiritual. O aparecimento da escrita significava potencialmente a acessibilidade de todos os indivíduos aos bens culturais da comunidade e, conseqüentemente, ameaçava a desarticulação dos sistemas de mando. Daí o cuidado com que os governantes cercaram a difusão da escrita, tornando-a privilégio de um reduzido número de pessoas, que passaram a constituir castas de letrado”.

É com a escrita ideográfica que surge o livro. Num primeiro momento, sob a forma de rolos de pergaminho, ou madeira ou barro. Depois, toma a forma de manuscritos de papel, com o advento da escrita alfabética. Entretanto, sua ascensão como veículo de comunicação de massa só vai ocorrer no século XV, com o surgimento da imprensa.

“Se a escrita já tinha desencadeado a destruição da vida tribal”, cita Marques de Melo, “a imprensa, como ‘fase extrema da cultura alfabética’ vai completar essa obra, proporcionando, segundo McLuhan, ‘instrumentos e oportunidades para o individualismo e a auto-expressão pessoal na sociedade’. O livro, primeiro produto da imprensa, vai acarretar uma verdadeira revolução cultural, alargando a uma maior faixa de indivíduos os bens culturais

acumulados. A cultura deixa de ser privilégio das elites e dos poderosos, colocando-se à disposição de um maior número de pessoas. Aliás, o próprio surgimento do livro acelera o movimento da expansão educacional, ampliando consideravelmente a faixa dos alfabetos e letrados”.

Quanto à terceira etapa, a da *retribalização*, teria ocorrido apenas nos meados do século XX, quando a imprensa teria perdido o seu monopólio enquanto meio de comunicação de massa e surgido outros instrumentos de difusão, capazes de suprimir quaisquer espécies de barreiras, seja geográfica, seja linguística, seja cultural (o embrião, pode-se assim dizer, do atual fenômeno da globalização). Dentro do princípio da teoria formulada por McLuhan, a etapa denominada *retribalização* estaria diretamente ligada à constituição de uma *aldeia global*, de que a televisão seria o veículo básico, institucionalizando uma linguagem universal - a imagem que é a linguagem da evidência.

Lúcia Santaella e George Gilder, também já citados neste trabalho (capítulo 4. “*Apresentação, explicações, monólogo íntimo e outros pecados*”), igualmente seguem o mesmo princípio teórico-metodológico da preponderância da aldeia global ao discorrerem, respectivamente, sobre os satélites equipados com sofisticados sistemas óticos, vasos intercomunicantes dispostos em vários planos ao redor do planeta, que fazem transmitir e processar dados, num intercâmbio ininterrupto de imagens; e sobre as possibilidades infinitas que modernos telecomputadores, dotados de teias cristalinas de vidro e luz, podem oferecer para um processo cada vez mais apurado e totalizante de massificação da humanidade.

A realidade da floresta acreana (a parte, provavelmente, a despeito de todas as notícias de devastação que são periodicamente jogadas para leitores,

telespectadores e ouvintes, mais primitiva da Amazônia brasileira), tomando-se por base o universo por mim pesquisado, no entanto, da mesma forma como já foi citado neste trabalho, poder-se-ia dizer que encontra-se num estágio híbrido nesse paradigma proposto por McLuhan e seguido por boa parte dos teóricos da comunicação social: simultaneamente *tribalizada* (acentuada presença da oralidade e unida pela necessidade da produção); *destribalizada* (tentando libertar-se, pela inquietação de saber existir uma realidade diferente e, pretensamente, melhor, fora do seu próprio mundo); e, de certa maneira, *retribalizada* (pelo veículo de comunicação que a atinge - o rádio, e não a televisão, como esboçado no modelo original).

6.1 - HISTÓRICO - DAS ONDAS HERTZIANAS À VOZ PRISIONEIRA NA CAIXINHA DE MÚSICA

O italiano Guglielmo Marconi tinha vinte anos, por volta de 1890, quando tomou conhecimento dos estudos experimentais sobre ondas hertzianas e da aparelhagem utilizada para gerá-las e detectá-las. Daí ao raciocínio de que se a distância pudesse ser prolongada para além de uns poucos metros dos aparelhos de laboratório, poderiam vir a ser transmitidos sinais codificados aproveitando-os em uma espécie de telégrafos sem fios, foi apenas um passo. O inventor, então, adquiriu um aparelho e começou a fazer experiências, enviando sinais através do jardim da propriedade dos seus pais. Com o tempo, mexendo daqui e dali, Marconi conseguiu modificar o aparelho a ponto de conseguir fazê-lo emitir mensagens de traço e ponto, a um quilômetro e meio

de distância. O aparelho de Marconi se transformava, desta forma, no primeiro telégrafo sem fio.

Com o tempo, após o devido processo de patenteamento do invento, na Inglaterra, Marconi enveredou pelo caminho de construir aparelhos semelhantes, em maiores dimensões. O alcance, conseqüentemente, também aumentou. A ponto de, logo, transpor o Oceano Atlântico.

Embora a história não registre Marconi como um interessado no desenvolvimento da ciência, mas apenas movido por fins práticos e comerciais, o certo é que o seu invento representou um passo extremamente importante na evolução do rádio como meio instantâneo de comunicação de grande alcance. Marconi, mesmo que por vias transversas, acabou viabilizando o produto final de mais de cem anos de pesquisa, levando-o dos laboratórios para o uso de grupos que ansiavam, há muito tempo, por uma tecnologia que permitisse a comunicação imediata com grandes distâncias.

Melvin L. DeFleur e Sandra Ball-Rokeach, in *“Teorias da Comunicação de Massa”* (Jorge Zahar Editor, 1993), sintetizam a questão afirmando que “Marconi viera da Itália para a Inglaterra porque acreditava que a Inglaterra com sua vasta marinha mercante se mostraria um mercado mais lucrativo para as descobertas que ele realizara. O sem-fio não era de forma alguma um veículo de massa na época. No final da primeira década do novo século ele estava nas mãos de grupos comerciais, militares e do governo para a transmissão de informações confidenciais. Era especialmente adequado a uso em navios, que transportariam sua aparelhagem volumosa e pesada. O público em geral só soube do telégrafo sem-fio através do que lia ocasionalmente no jornal. A idéia de que algum dia tivessem um em suas casas e que ele

começaria a alterar as rotinas diárias de suas famílias por certo nunca lhes entrou nas cabeças”.

A prova da capacidade e da utilidade do novo invento fez com que se investissem vultuosas somas no seu desenvolvimento. As marinhas de todos os grandes países logo adotaram o sem-fio. As empresas de navegação ganharam um aliado imprescindível para manter contato com embarcações em alto mar. E a tecnologia do rádio, por todos esses benefícios, continuava sendo alvo de atenções, pesquisas e, conseqüentemente, evolução. Tanto que centenas de estações foram construídas pelas marinhas de vários países, ao longo das respectivas costas. “Nos anos pouco antes da Primeira Guerra Mundial”, citam DeFleur e Ball-Rokeach, “a telegrafia sem-fio foi uma técnica comercialmente valiosa amplamente utilizada, que começara a substancialmente tapar o hiato entre a tecnologia da comunicação e a complexa e vasta organização social. Mas ninguém ainda pensara neste recursos técnico como um veículo de comunicação para o membro comum da sociedade”.

Transmitir a voz humana, após o sucesso do telégrafo sem-fio, virou a obsessão de muitos inventores e cientistas. Ao sinal transmitido pelo sistema de traço e ponto era perfeitamente possível incorporar-se outros tipos de irradiações. E assim foi que, na véspera do Natal de 1906, operadores do sem-fio, ao longo do Oceano Atlântico, em rotas mais ou menos próximas à costa dos Estados Unidos, escutaram pela primeira vez uma voz saindo-lhes dos fones antes usados apenas para a audição de bips breves e longos.

A radiotelefonia tornava-se uma realidade. Quem materializou a idéia, através da construção de um transmissor potente o bastante para transformar os simples ruídos de traço e ponto em sinais infinitamente mais complexos, foi Reginald F. Fessenden. Diz a história que, naquela noite memorável, muitas

peessoas fizeram questão de participar do grande acontecimento, havendo, por conseguinte, encadeadamente, discursos, leitura de poemas e concertos de violinos.

O sucesso inicial de Fessenden, no entanto, não se traduziu numa imediata popularização do novo invento. Muitos anos ainda se passariam até que os norte-americanos pudessem ter programas de rádio regulares em suas próprias casas. No entanto, havia um crescente interesse popular pelo rádio. E no próprio ano de 1906, foi descoberto que diversas substâncias minerais eram capazes de detectar radiotransmissões quando usadas em um circuito extremamente simples. Um receptor de rádio de galena muito barato podia ser construído por qualquer pessoa com elementares habilidades mecânicas. O custo das peças era insignificante. Significando que qualquer pessoa poderia escutar os sinais de código no ar. Aprendido o código, do mesmo modo qualquer pessoas poderia, por acaso e a qualquer momento, escutar um sinal de perigo de alguma embarcação afundando no meio do oceano.

“A primeira década do novo século”, ainda de acordo com DeFleur e Ball-Rokeach, “trouxe muitos refinamentos, aperfeiçoamentos e novas idéias significativas. Uma destas iria revolucionar a radiotransmissão e até propiciar a base para uma inteiramente nova indústria da eletrônica que viria a seguir. Seu inventor, Lee De Forest, denominou-a *audion* (audição): na gíria técnica do rádio primitivo foi denominada *válvula*; hoje a chamáramos *válvula de vácuo*. Desde então, já foi substituída por dispositivos em estado sólido que desempenham aproximadamente a mesma função. O audião de De Forest foi o elemento-chave dos amplificadores eletrônicos, que podiam reforçar os sinais recebidos por telégrafo ou rádio. Após aperfeiçoamento, permitiu a voz humana a ser transmitida para todas as partes do mundo. Receptores de rádio

ficaram mais confiáveis e a clareza da recepção melhorou. Aperfeiçoamento seguiu-se a aperfeiçoamento. O circuito heteródino e o super-heteródino melhoraram expressivamente a recepção. O equipamento de rádio, outrora tão enorme e pesado que só navios podiam transportá-lo com facilidade, agora se tornou cada vez mais leve e portátil. Com efeito, durante a Primeira Guerra Mundial os radiotelefonos foram montados com sucesso em aviões para informar as baterias de artilharia em terra acerca da precisão de seu tiro”.

Dois elementos, nos primeiros anos após a criação do primeiro equipamento de rádio-transmissão, criaram um paradoxo curioso: a propriedade privada e a motivação do lucro. As duas, a um só tempo, retardaram e facilitaram a evolução do novo veículo. Facilitaram, porque, dadas as possibilidades nascentes, indivíduos e grupos econômicos investiram milhões de dólares para ajudar inventores no aperfeiçoamento das suas idéias. Retardaram, porque cada pequena invenção era imediatamente patenteada nos Estados Unidos, na Grã-Bretanha, ou em outros países igualmente interessados, tornando muito difícil, dada a diversidade de legislações e, conseqüentemente, batalhas judiciais envolvidas, um inventor aproveitar a idéia de outro.

Foi a Primeira Guerra Mundial (1914-1918) que veio diminuir, ou sanar, o problema do aperfeiçoamento dos sistemas de rádio. Os litígios e restrições causados pela questão das patentes, pela necessidade de combater inimigos comuns, foram suspensos durante a guerra. O governo federal americano tomou para si o controle da nova indústria e centralizou os esforços, tornando palpável o processo de adiantamento técnico.

A idéia do rádio como veículo de comunicação de massa ocorreu nesse período, precisamente em 1916. Veio de David Sarnoff, um jovem engenheiro ligado à Companhia Marconi Americana. Num memorando à diretoria da sua

empresa, ele descreveu precisamente o que deveria ser feito para popularizar o novo invento, através da produção de receptores domésticos, que inicialmente ele chamou de “caixinhas de música”.

As transmissões programadas, no entanto, somente começaram a acontecer em 1920, geradas a partir da Estação KDKA de Pittsburgh, por iniciativa da Westinghouse Electric and Manufacturing Company que, por esse mesmo fato, ao gerar uma expectativa na comunidade, fez com que os receptores domésticos começassem a ser procurados avidamente pela população. A venda dos aparelhos, substituída tempos depois pelos anúncios no ar, é que justificou inicialmente as despesas de transmissão.

Dez anos depois dessa iniciativa da Westinghouse, os historiadores situam o início da “era de ouro do rádio”, a partir de dados obtidos nos Estados Unidos. Uma era que, apesar das dificuldades econômicas que se abateram sobre o país, se estenderia por toda a década de 1940. A ponto de quase dobrar o número de receptores domésticos entre 1922 e 1950.

“A despeito das asperezas da época”, relatam DeFleur e Ball-Rokeach, o rádio pareceu prosperar na *depressão*! A renda de anúncios, em vez de secar, aumentou num ritmo crescente. O número de receptores de rádio do povo americano aproximadamente duplicou a cada cinco anos. Famílias que haviam aparentemente atingido o limite de seus recursos financeiros raspavam o pouco que sobrara para mandar consertar o receptor de rádio quando quebrava (...).

“(…) O rádio preencheu as necessidades de milhões de pessoas em dificuldades durante aquela fase penosa. Tinha música para restaurar seu ânimo abatido, gente engraçada para animá-los, e notícias espetaculares para desviar-lhes a atenção de problemas sociais (...). Numa noite de verão, as pessoas podiam caminhar pela rua na noite em que determinado comediante

famoso estivesse no ar e escutar o programa, sem interrupções, pelas janelas abertas de cada casa por onde passassem.

“Quando a depressão amainou e a Segunda Guerra Mundial estava prestes a começar, o rádio atingia todos os ouvidos. Nos meados da década de 1940, havia um e meio receptor em cada moradia dos Estados Unidos. O rádio também se tornara cada vez mais aperfeiçoado sob todos os aspectos. Era tecnicamente excelente. Era possível apanhar transmissões diretas e retransmiti-las para ouvintes em suas casas, de praticamente qualquer ponto do globo. O noticiário radiofônico virara uma arte sofisticada, e destacados jornalistas haviam se consagrado ao novo veículo. A imprensa e o rádio haviam aprendido a conviver após prolongada briga, e o rádio tinha acesso total aos serviços telegráficos de notícias mundiais”.

Com o advento (primeira transmissão, um discurso do Presidente Roosevelt, em 1939) e a popularização (logo após a Segunda Guerra Mundial) da televisão, o rádio perdeu terreno, chegando mesmo, em um determinado momento, a enfrentar presságios agourentos, bem como a perspectiva de esquecimento na preferência dos consumidores. Mas recuperou-se ao descobrir necessidades (aparelhos minúsculos, por exemplo) da audiência que não estavam sendo bem atendidos pelo novo veículo.

E presentemente, como bem citam DeFleur e Ball-Rokeach, apesar de ter perdido o seu lugar de honra na sala de estar das famílias, “o rádio se afigura ter encontrado uma fórmula viável. Ele atende à sua audiência em ocasiões quando a televisão é inadequada. As pessoas ouvem-no ao acordar pela manhã, enquanto trabalham, dirigem veículos, correm na rua ou no campo, estão jogando, ou coisas semelhantes (...)”.

6.2 - A IMPLANTAÇÃO NO BRASIL - VÁRIAS VERSÕES

Historicamente, para efeito de registro, a primeira transmissão de rádio no Brasil aconteceu pela “Rádio Corcovado”, no Rio de Janeiro, em 7 de setembro de 1922, durante as comemorações do centenário da independência do país, com o discurso do presidente da República, Epitácio Pessoa. Unidas, a Westinghouse, americana, e a Companhia Telefônica Brasileira, instalaram a emissora e distribuíram oitenta receptores, para autoridades e personalidades, além de espalhar uma certa quantidade por praças públicas.

Por funcionar apenas durante alguns dias, devido à impossibilidade de realizar uma programação diária, alguns pesquisadores não consideram esse fato como a data da implantação do rádio no Brasil.

É o caso de Gisela Ortrivano, in *“Informação no rádio: os grupos de poder e a determinação do conteúdo”* (Summus Editorial, 1985), que defende 20 de abril de 1923 como a data da implantação do rádio em terras brasileiras, quando começou a funcionar a “Rádio Sociedade do Rio de Janeiro”, fundada por Roquete-Pinto e Henry Morize. A defesa da pesquisadora se deve ao fato desta ter sido a primeira emissora de rádio a requerer legalização na Repartição Geral dos Telégrafos.

Opinião que difere da expressa por Mauro Almeida, in *“A comunicação de massa no Brasil”* (Editora Júpiter, 1971), que afirma que a primeira emissora a funcionar no país foi a “Rádio Clube de Pernambuco”, prefixo inicial PRA-P e, posterior PRA-8, fundada por um grupo de amigos, sob a liderança de Oscar Moreira Pinto, sendo a primeira transmissão realizada em 06 de abril de 1919 (antes dos norte-americanos da Westinghouse?).

Por uma versão ou outra, no entanto, o certo é que as emissoras de rádio surgiram no Brasil por intermédio das associações de profissionais liberais e de comerciantes, que se organizaram em clubes. Tanto que a maioria era denominada “rádio-clube” ou “sociedade”, com o posterior acréscimo do estado ou cidade onde se erguiam as respectivas instalações.

Elcias Lustosa insere, no livro *“O texto da notícia”*, um breve capítulo sobre a história do rádio no Brasil onde consta uma informação, no mínimo, pitoresca. A de que “no tempo da implantação das emissoras, a aquisição de um aparelho receptor de rádio implicava o atendimento de várias exigências. Começava com um requerimento, selado com uma estampilha de 1\$000 (mil réis), pedindo ao ministro de Viação autorização para instalar um aparelho receptor de rádio em casa. Uma rádio, como a “Rádio Sociedade do Rio de Janeiro”, fornecia um atestado de idoneidade que seria anexado à documentação. Depois, o interessado encaminhava uma solicitação, devidamente selada com uma estampilha de 1\$000, ao diretor dos Telégrafos para que fizesse chegar às mãos do ministro o requerimento inicial. A tudo isso o ouvinte juntaria um compromisso, com uma estampilha de \$600, nos seguintes termos: *‘o abaixo assinado compromete-se a guardar absoluto sigilo de toda correspondência radiotelefônica porventura interceptada pelo seu posto de recepção radiotelefônica a ser instalado em sua residência à rua..., n°...’*”.

Ao longo do tempo, a emergência do novo veículo na preferência popular determinou variáveis interessantes.

Até 1930, por exemplo, embora já começassem a ser divulgadas pequenas chamadas comerciais, não era permitida a veiculação de publicidade

paga, tendo em vista que permanecia a idéia de que as rádios deveriam apenas exercer funções culturais e educativas.

Em 1932, as rádios passaram a ser concessões do Governo Federal, distribuídas e retiradas de acordo com as conveniências do governante. Getúlio Vargas, nesse sentido, relata Lustosa, “demonstrou especial senso de percepção quanto ao potencial do rádio como formador de opinião, impondo uma série de controles sobre o novo veículo, até mesmo determinando, a partir de 1936, a transmissão regular de pronunciamentos oficiais e informações sobre as atividades governamentais, criando um programa oficial que até hoje está no ar e chama-se *A voz do Brasil*”.

E a partir de 1936, apesar da intervenção governamental do Estado Novo, começam a ser realizados programas de auditório e produzidas as primeiras novelas que, acrescidos dos noticiários, tornam-se as três mais importantes fontes de lazer da população. A ponto de, no caso das novelas, os cinemas terem sido obrigados a mudar o horário das suas sessões.

Ainda no dizer de Lustosa, “a viabilização do rádio como veículo de comunicação de massa resultou da necessidade de as grandes empresas multinacionais popularizarem seus produtos de consumo em larga escala. Foi por intermédio das emissoras que todos ficaram sabendo que poderiam usar ‘o sabonete das estrelas’, ‘conseguir um sorriso Colgate’ e saber dos efeitos prodigiosos do Melhoral: ‘é melhor e não faz mal’ (...)”. E conclui o mesmo autor, afirmando que foi a partir do momento que os receptores se tornam baratos que os programas ganharam a possibilidade de atingir multidões.

No Estado do Acre, o rádio, por iniciativa governamental, chegou na década de 40, com a “Rádio Difusora Acreana” - “A voz das selvas”.

7. RÁDIO - VEÍCULO ÚNICO - A VOZ DAS SELVAS

“Nossa ignorância sobre como formular as perguntas definitivas (a despeito das respostas que já pudemos formular) deveria estimular uma atitude de reverência e admiração de nossa parte em relação ao mundo”

- Roger Shattuck -

As entrevistas que compõem este capítulo, e que dão os elementos para a formulação dos argumentos que sustentam a principal tese deste trabalho, foram colhidas em visitas que realizei em três seringais da “Reserva Extrativista Chico Mendes” (“Independência”, “Dois Irmãos” e “São Pedro”), entre os meses de dezembro de 1997 e fevereiro de 1998.

Antes, porém, de passar ao conhecimento das referidas entrevistas, creio que se fazem necessários alguns esclarecimentos.

Primeiro: a comunidade moradora da “Reserva Extrativista Chico Mendes” (assim como todas as comunidades de seringueiros do Acre) ainda vive em condições muito semelhantes às que viviam famílias no começo do século, cercada pela densidade inóspita da selva amazônica.

Segundo: mesmo nos seringais mais próximos dos centros urbanos há uma dificuldade enorme de acesso (fui obrigado a andar de Toyota; barco rústico, movido a motor de popa; e longas caminhadas). As estradas são alternadamente lamacentas ou empoeiradas (conforme a época do ano). Os rios são barrentos e caudalosos ou viram um pequeno curso d’água, praticamente inadequados para a navegação (também conforme a época do ano). Os varadouros (quase indistinguíveis caminhos no meio do mato) podem

trazer de surpresa, em cada uma das suas inúmeras curvas (uma serpente pronta para desferir seu bote ou, na melhor das hipóteses, galhos de espinhos caídos, prontos para rasgar o peito do intruso invasor).

Terceiro: ainda se passará muito tempo, dada a nenhuma previsibilidade do advento da energia elétrica, até que o rádio deixe de ser a única forma de comunicação daquelas criaturas com o mundo. Sob esse prisma, faz sentido o *slogan* da “Rádio Difusora Acreana”, a emissora mais antiga do Estado e matriz de um sistema de radiodifusão público: “A voz das selvas”.

Quarto: as entrevistas foram gravadas em forma de depoimento, sem, necessariamente, a cadeia da pergunta e da resposta e, conseqüentemente, sem uma condução mais formal do pesquisador. A idéia, aqui, de deixar os entrevistados mais à vontade, era tentar trazer à luz o pensamento dos seringueiros de uma maneira minimamente poluída, com ínfimos ruídos. Desse modo, creio, eu tinha uma certa possibilidade de não tornar-me senhor absoluto do esclarecimento e, assim, fugir da armadilha proposta por Theodor Adorno e Max Horkheimer, in “*Dialética do esclarecimento*” (Jorge Zahar Editor, 1997), de que o programa do esclarecimento, no sentido mais amplo do progresso do pensamento, poderia dissolver os mitos, substituindo a imaginação pelo saber. Desencantando, conseqüentemente, o mundo, e fazendo resplandecer a terra sob o signo de uma calamidade triunfal.

Quinto: além das entrevistas eu procurei observar se os hábitos dos seringueiros eram concernentes com o seu discurso. Pode-se dizer que esse foi um cuidado simples. Bastando, para isso, após os primeiros contatos e informações, proceder as visitas sempre nos horários dos programas por eles citados.

Sexto: não me ative, durante as entrevistas, a uma conversa sobre o processo de comunicação de massa e o respectivo veículo que chega na área da pesquisa. Inclusive porque as pessoas entrevistadas (bem como as não entrevistadas), desde o momento em que ganham uma certa confiança no interlocutor, demonstram uma enorme necessidade de se fazer ouvir. Como se cada uma pessoa da cidade que se dispusesse a escutar com atenção os seus relatos, pudesse ser um agente multiplicador dos seus anseios e, de alguma forma, tivesse o poder de resolver os seus problemas. Conduzindo as entrevistas de forma mais genérica, eu entendi que poderia deixá-los mais à vontade para, no meio da conversa, puxar deles o esclarecimento que, especificamente, me interessava. Sem contar que, ao optar por esse método eu entendo ter evitado uma outra armadilha apontada por Adorno e Horkheimer: a de deter-se em conhecimentos parciais, que impedem um casamento feliz do entendimento humano com a natureza das coisas e o acasalam, em vez disso, a conceitos vãos e experimentos erráticos.

Os depoimentos que se seguem não estão transcritos na íntegra, nem são todos os que foram colhidos. Mas representam o pensamento geral dos que ficaram de fora do trabalho. Dividi cada um deles em temas mais ou menos comuns, como: trajetória de vida, diversão na “reserva”, sonhos, importância do rádio, política nacional, depredação ambiental, etc. O último dos depoimentos é o do então Assessor de Comunicação Social do Estado do Acre, jornalista José Chalub Leite, falecido um mês depois da respectiva gravação. Tentei, ao gravar com o detentor do poder da política de comunicação do Estado, fazer uma espécie de contraponto, para saber o que pensava o outro lado da mensagem.

7.1 - SABENDO O MUNDO PELO RÁDIO (VIRGÍLIO SANTOS)

Virgílio Padilha dos Santos, 45 anos, residente no seringal “Independência”, colocação “Nova Olinda I”, cerca de cinco horas de viagem, entre carro, barco e caminhando, a partir de Xapuri, começou seu depoimento falando sobre aspectos gerais da sua vida.

“Sou amazonense, nasci no município de Lábrea. O meu pai era carioca. Ele veio parar aqui na Amazônia no tempo em que o pessoal veio para a exploração da borracha, na época da guerra. Ele veio cortar seringa aqui na Amazônia. Daí ele encontrou com uma mulher, que era a minha mãe, que ela era descendente de peruano. E daí constituíram família. E nós somos quatro irmãos. Eu sou o segundo. Nós somos três homens e uma mulher. O meu pai ainda é vivo. Mas a minha mãe já é falecida. Meu pai até hoje mora em Lábrea. Daqui para a cidade a gente gasta cinco horas. Duas vezes por mês eu tenho que ir a Xapuri, porque atualmente eu sou um dos diretores da associação de moradores da reserva. Quando a gente tem algum produto para vender é mais fácil vender na beira do rio, para os marreteiros. Mas eu, atualmente, não estou produzindo quase nada, porque eu estou mais tratando da organização da associação. Sendo que na associação eu não ganho nada. Trabalho por amor à profissão”.

Vida na Reserva

“Só não tem muita fartura daquilo que a gente não produz. Porque na ‘Reserva’, o cara só não tem o que comer se não quiser. Quando não planta, não produz. Sobre alimentos, a gente pode dizer que a maioria dos moradores tem alimentação correta. Feijão, arroz, farinha, criação de porco, de galinha,

todos os moradores possuem. E agora, a associação contratou uns técnicos para ensinar os moradores a plantar hortas. Já tem morador que produz para a própria alimentação alface, cenoura, couve, beterraba. São coisas que a maioria, até bem pouco tempo atrás, a maioria nem conhecia. Já tem vinte anos que eu vivo aqui nessa região e posso dizer que isso aqui, ultimamente, mudou muito, para melhor. Inclusive porque acalmou a questão da disputa pela terra. É que antes de ser reserva, os latifundiários chegavam e iam tomando conta de tudo, derrubando tudo e fazendo o pobre do seringueiro sofrer. Eu não tenho em mente nunca morar na cidade”.

Diversão

“Toda época de festejos, São João, São Pedro, Santo Antônio, Natal, Dia de Ano, sempre tem festas. Tem, também, nas políticas, que fazem festas para o povo e sempre trazem artistas da cidade. Tem torneios de futebol que nós promovemos. Em todas as comunidades tem um campinho de futebol. Dia de domingo é o lazer do povo”.

Pais/política nacional

“Alguns poucos tem bastante melhora, mas outros não. Parece que tinha muito dinheiro, agora tem mais. Quem tinha pouco dinheiro agora tem menos. Tem muita coisa das notícias que chega trocado aqui para nós. Não sei porquê, chega errado. Não é bem como eles dizem. O Plano Real, por exemplo, teve um grande valor, mas a população teve um grande desperdício. O dinheiro passou a valer bastante mas, em compensação, ninguém vê. Por mim o presidente não seria reeleito de jeito nenhum”.

O futuro/planos

“O futuro que eu penso para os meus filhos é igual ao meu aqui. Que eles cresçam aqui na ‘Reserva’ e possam administrar as coisas daqui, porque com os filhos que eu tenho, se sair para a cidade, eu não tenho emprego, eles também não tem. Aí uns vão virar marginais e as filhas prostitutas. Não tem dúvida. Então, aqui na ‘Reserva’ tem tudo para eles aprenderem. Tem escola, tem saúde, e tem trabalho para fazer. Então não precisa nem ir para a cidade”.

Devastação/queimadas

“Eu acho que aqui na ‘Reserva’, e não só aqui, mas todo seringueiro, ele não tem costume de queimar a floresta. Ele queima, sim, todos os anos, pra fazer o seu roçado, mas dentro de um certo limite. Agora, pra fora, pra parte dos latifundiários, é claro que ele tem grandes queimadas. Mas nós, da parte dos seringueiros, não. Não existe isso. Esse é o costume que a gente tem”.

Comunicação/rádio

“Aqui, pra saber o que tá acontecendo pelo mundo, nós temos a ‘Rádio 6 de Agosto’. É como as pessoas passam mensagens para a família. E nessa mesma ‘Rádio 6 de Agosto’ existe um programa que se chama ‘Natureza Viva’, que é de segunda a sábado, das 7:00 às 7:30. Temos também o radio amador, que passa recado para os moradores. A programação é muito boa. Tem, também, a ‘Rádio Difusora Acreana’, onde a gente, quando tá viajando para Rio Branco, passa mensagem para dar notícia para a mulher, para a família e para os amigos. Tem aquele horário certo. A gente vai naquele horário certo e liga o rádio. Televisão não tem. Não tem nem energia. Só em muito poucas casas, nas casas dos paraflorestais é que tem energia solar. Agora, pra mim,

outra rádio importante é a 'Nacional', de Brasília. Um programa dessa rádio, também chamado 'Natureza Viva', é muito escutado pelo pessoal. Eu não escuto muito frequentemente porque não tenho tempo. Mas gosto de um programa de extensão rural, do Francisco Maciel. A 'Rádio Nacional' dá pra pegar o dia inteiro".

7.2 - RECADOS PRO PESSOAL (FRANCISCO PAULO DA SILVA)

Francisco Paulo da Silva é conhecido nas redondezas apenas por Chico Paulo. É uma espécie de referência para todos. Tem 74 anos, veio do Pará, e mora no mesmo lugar ("Seringal Dois Irmãos") há 40 anos. O barraco de paxiúba à margem do rio Acre lhe dá alguma vantagem em relação à maioria dos seringueiros. Para chegar ao seu local de morada basta pouco mais de uma hora numa estrada, alternadamente, de asfalto e de terra, e alguns minutos seguindo a correnteza do rio. A história de vida daria, certamente, um bom folhetim.

"Eu vim do Pará. Meu pai morreu antes de eu nascer. Fui criado sem pai. Aí viemos aqui pro Acre, em 1930, e ficamos cortando. Minha mãe ficou ali no seringal Iracema. Aí, de lá, nós vivemos um ano ou dois e passamos pra esse aqui, da Boca do Lago. Eu tô com quarenta e tantos anos que trabalho nesse trecho aqui, cortando seringa. A minha profissão sempre foi cortar seringa. Desde a idade de 12 anos, até 63 anos. Aí eu não aguentei mais. Aí construí meus filhos, que tão por aí afora. Tenho quatro filhos. Um vive ali, outro vive ali. Dois vivem em Rio Branco. E aí, a minha vida é assim, aqui

nessa colocaçãozinha. Sofrer, eu sofri muito. Porque o cara sem pai, criado nas terras alheias, sofre muito. Agora eu vivo de plantar, criar”.

Vida na Reserva

“Agora, aqui dentro da ‘Reserva’ tudo tá correndo bem. Só o que falta mais aqui é em educação para o povo, saúde e transporte. No inverno, a estradinha que vem até perto daqui, não passa nada. Quem quiser, tem que meter o pé na lama. E de barco são doze horas até Xapuri, correndo perigo da canoa afundar, passando pelo meio dos balseiros. Tem posto aqui, mas não tem agente de saúde nem tem medicamentos. É mesmo que nada. É mesmo que não ter. E então, eu sou um que tô doente. Há cinco anos que eu vivo doente. Se for pra cidade, enfrento essa distância e passo dois meses para receber o resultado de um exame. A dificuldade nossa é só isso. Transporte pouco, saúde pouca e educação pouca. Pior, mesmo, é o atendimento à educação. Até a professora aqui do lugar foi embora. Levou a chave da escola e foi embora”.

Pais/política nacional

“Pelo presidente eu era capaz de dar uma jogada na reeleição dele. Porque ele derrubou o pobre, mas derrubou o rico também. Antigamente, a gente queria comer um quilo de carne de boi e era um absurdo. Agora a gente até que come. O resto, esse negócio de feijão, arroz e mandioca, todo seringueiro tem. Pior é que no tempo de eleição, passa por aqui um monte de candidato prometendo coisa. E depois, nunca mais aparecem aqui. Se encontrar a gente por aí, nem conhece, faz é virar a cara”.

Comunicação/rádio

“Negócio de rádio aqui, o pessoal escuta mais é as mensagens, da ‘Difusora Acreana’ e da ‘6 de Agosto’. Embora a ‘6 de Agosto’, pelo menos aqui, nem sempre pega tão bem. Só pega pela parte da manhã. Tem também, muito falada, a ‘Nacional’, de Brasília. Um programa chamado ‘Natureza Viva’, que manda recados pro pessoal e ensina a fazer algumas coisas. Fora isso, só mesmo, também da difusora acreana, dia de sábado, o programa do Reginaldo Cordeiro, que manda recado e música pra todo mundo”.

7.3 - TODO MUNDO ESCUTA AS MENSAGENS (JOÃO BATISTA)

A maior evidência de modernidade na pequena sala da residência humilde de João Batista da Silva, 40 anos, impossível de não ser notada à primeira vista por quem sobe os cinco degraus de uma escada de madeira roliça, é um toca-fitas e rádio ‘Premier’. Comprado na zona franca da cidade boliviana de Cobija, o objeto liga o imaginário do dono da casa, preso fisicamente ao seringal ‘Dois Irmãos’, colocação ‘Morada Nova’, ao mundo de luzes coloridas de além da floresta. No início do depoimento, o desencanto de quem já migrou para a cidade e teve que fazer o caminho de volta.

“A gente já tentou uma vez ir morar na cidade. Mas não deu muito certo, principalmente pela falta de emprego. Aí a gente mudou para cá, de novo. Já faz uns 18 anos. E nunca mais a gente pretende sair. No começo a gente vivia de cortar seringa. Mas aí a seringa foi baixando de preço, foi caindo, e não estava mais dando para viver disso. Então a gente mudou, começou a plantar. Aí foi o tempo em que essa área passou a ‘Reserva’,

chegou o 'Projeto Resex', formou-se a cooperativa, foi possível financiamento. E agora a gente tá vivendo disso. A gente tá sendo financiada pelo banco. A gente planta arroz, milho, cria algum bicho. Alguns, mais beradeiros, fazem praia, e conseguem uma boa safra de melancia. E assim a gente vai sobrevivendo. Agora, o pessoal que mora mais distante da margem do rio tem mais dificuldade, porque o preço da borracha caiu e é mais difícil para eles produzirem uma outra coisa. Para sobreviver eles batalham bastante”.

Outras atividades

“Eu vou à cidade a cada 15 dias, porque além de seringueiro eu sou paraflorestal. Uma espécie de líder da comunidade. Uma fonte de comunicação da cidade com o interior. O paraflorestal tem uma prática, também, no trabalho de extensão rural. Então, ele é a pessoa que puxa, faz reunião na comunidade. Leva a informação da comunidade para a cidade, para a cooperativa ou para a associação, participa de treinamento para aprender técnicas novas e repassar para os moradores. E aí, para exercer essa função, o Ibama me paga um salário mínimo por mês”.

Vida na Reserva

“Eu acho tranquilo viver aqui. A gente vive em comum, uns com os outros, trabalha de mutirão. Mas eu sei que muita gente, que mora mais pro meio do mato não tá com a vida muito fácil, não. Uma coisa diferente da cidade é que aqui a gente dorme muito cedo, porque tem que acordar cedo também para começar os trabalhos do dia. Isso e, também, porque não tem televisão pra gente se distrair. Dá a sensação que o tempo passa mais devagar. Isso é uma coisa boa que eu acho aqui”.

Diversão

“O que a gente faz aqui, de diversão, é ir a alguma festinha. Beber, é difícil. A gente também joga bola. Eu não jogo porque já tô meio velho. Mas o pessoal joga e eu gosto de assistir”.

Futuro

“O meu futuro eu não vejo outro que não seja ficar aqui. Porque eu já fui pra cidade e não deu certo. Agora, isso aqui precisa melhorar muita coisa. Mais transporte, por exemplo. Pra gente melhorar de vida aqui é fundamental que tenhamos mais transporte. E não precisa ser estradas tão boas. Bastaria uma espécie de ramal, com piçarra, por dentro da ‘Reserva’. Um meio de ajudar a gente a se mexer. Porque muita produção da gente aqui é perdida. Fruta, grande parte é perdida. A gente não consegue comer tudo e não tem como levar para a cidade. Hoje, por exemplo, até um barco da cooperativa que atende a gente aqui, tá precisando de conserto. A cooperativa tá meio falida e não tá tendo condição de consertar o barco. Aí, como a gente depende dele, fica sem poder escoar a produção. Se tivesse uma estradinha, a gente não dependia só do barco”.

Pais/política nacional

“O maior baque do ‘Plano Real’, aqui pra nós, foi quebrar a cooperativa. O dinheiro ficou curto, teve que demitir funcionários, pagar indenizações, e a coisa foi por águas a baixo. Nós estamos querendo reerguer a cooperativa, mas não tá fácil, não. De político, a gente tá cansado. Só fazem prometer, mas não fazem nada. Nessa próxima eleição eu acho que devia dar um chute em todo mundo. Porque esse pessoal já sabe todo o jeito de roubar,

já sabe todo tipo de fazer maracutaia. O governador estadual, aqui, tá fazendo todo tipo de maracutaia. É distribuindo sacolão, é dando motor de popa pro pessoal. O povo é besta, pega aquelas besteiras e pensa que é suficiente. Aí os caras vão e se reelegem. Eu não me iludo. Se quiserem me dar, eu recebo, pego na hora. Mas só voto em quem eu achar melhor. O cara vê uma 'Reserva' dessa, que pode produzir, e não dá a menor assistência. O Brasil só teria jeito se saísse da mão dos corruptos. Eu acho que o país teria jeito se a maioria desses caras não pensasse só em roubar”.

Devastação/queimadas

“Sobre queimadas, agora deu uma parada. Mas a devastação na Amazônia é uma realidade. Não aqui dentro da 'Reserva', porque a gente briga muito. Mas até o ano passado, um fazendeiro aqui do lado tentou queimar uma grande área. Se a gente não briga, eu acho que em dez anos não tinha mais quase nada”.

Comunicação/rádio

“As rádios que eu mais escuto aqui é a 'Difusora Acreana' e a '6 de Agosto', a hora das mensagens. Mensagens, todo mundo escuta. A 'Rádio Nacional', de Brasília. Essas rádio a gente escuta todos os dias. É muito escutado o programa 'Natureza Viva', da 'Nacional', de Brasília. Acho que é por causa das coisas que eles ensinam. Eles ensinam como o pessoal tá vivendo na floresta, dão informação de algum preço, da cotação da borracha. Coisas de utilidades. Eles divulgam muita coisa de utilidade nesse programa. Acho que é por isso que o pessoal gosta. Por causa da informação. O pessoal gosta mesmo é de programa que informe as coisas do lugar e que toque música

boa. A rádio '6 de Agosto' tem também um programa à noite que manda muito recado para o pessoal dos seringais. Eu, por exemplo, gosto de muito tipo de música. Samba, forró, marcha..."

7.4 - AS PESSOAS ESPERAM UMA MENSAGEM (JOSÉ MARIA)

Irmão do atual prefeito de Xapuri (Júlio Barbosa), o seringueiro e secretário geral da Associação dos Moradores da Reserva Extrativista Chico Mendes (Amorex) José Maria Barbosa de Aquino, 25 anos, provavelmente não será localizado, se for procurado por esse nome. É preciso perguntar pelo Bóca. Aí fica fácil. Todo mundo sabe e indica onde encontrá-lo. Além de, para demonstrar conhecimento e proximidade com o personagem, citar todos os parentes. Muitos, até, se oferecem para levar o visitante até onde está o Bóca. Apesar da pouca idade, ele é uma espécie de líder na comunidade. Talvez porque começou a sua militância político-sindical muito cedo, como ele mesmo conta no início do seu depoimento.

"Nasci no seringal 'Dois Irmãos' e estou aqui até hoje. Em 1986, ainda garoto, eu comecei a ocupar algumas atividades na comunidade eclesial de base, como ministro do dízimo, que existia naquela época. Depois eu também fui monitor de igreja, quando organizava reuniões entre os fiéis. E depois eu fui coordenador de área, num espaço que abrangia o rio Acre todinho. Tudo isso antes de existir a 'Reserva'. E aí, logo em seguida, eu fui delegado sindical, também. Acho que em 1990, por aí. E fazia um trabalho no sindicato. E daí eu fui escolhido como o paraflorestal, que é uma pessoa que faz todo um trabalho com os técnicos da comunidade, para diversificar e melhorar a

produção. O paraflorestal foi uma figura criada por orientação do Conselho Nacional de Seringueiros, com a idéia de fazer com que os povos da floresta tivessem, dentro da comunidade, uma pessoa, orientando, dando informações sobre as melhores técnicas de cultivo. Depois é que eu fui eleito para a associação, como secretário de desenvolvimento comunitário”.

Vida na Reserva

“A vida no seringal é muito difícil. Nos seringais da ‘Reserva’ é que já melhorou um pouco. Mas tem local que o seringueiro tem que andar dois dias de viagem com a borracha nas costas, ou então em lombo de burro, para poder chegar na cidade e tentar vender. E aí, nem sempre quando chega na cidade consegue vender. Porque quase ninguém agora tá comprando. Aqui, na ‘Reserva’ é porque muito poucos ainda vivem da borracha. A maioria tem uma plantação, uma roça, ou uma criaçãozinha de porco e de galinha. Uma produção já bem diversificada. Os que não partiram para esse tipo de iniciativa, às vezes tem que viver só do que conseguem caçar. Mas aí, também, às vezes, falta dinheiro para comprar munição”.

Diversão

“Aqui no ‘Dois Irmãos’, que a gente considera um seringal mais desenvolvido, basicamente por causa da maior facilidade de acesso, tem torneio de futebol, tem festa. Época de campanha, quando a turma das promessas começam a invadir a floresta, tem comício. As escolas costumam fazer gincanas para as crianças. Agora, nos seringais mais distantes, nem forró não existe, quase”.

Pais/política nacional

“O que o seringueiro quer é ter o que comer todo dia, e dinheiro no bolso. Então, é isso que o país não está oferecendo hoje. Depois que entrou o ‘Plano Real’, o seringueiro não conseguiu mais nem vender o seu produto, quanto mais ter dinheiro no bolso. O que o seringueiro tinha para oferecer, o seu produto, era a borracha. E isso foi cortado, antes mesmo do ‘Plano Real’. Esse ano, o governo despachou sacolões para os seringueiros, do ‘Amazônia Solidária’, mas a gente sabe que tudo isso é somente jogada política. Eles sabem que tá chegando a eleição agora, o FHC quer se reeleger novamente. Então a gente sabe que é jogada política. A gente sabe que não há nenhum interesse em ajudar o seringueiro. Porque a gente sabe que o seringueiro precisa não é que alguém dê um sacolão com arroz e feijão, porque isso a terra produz. O que o seringueiro precisa é de alguma espécie de incentivo para produzir isso, é de transporte, é de mercado para vender a produção, é de equipamento para trabalhar. Em vez do governo estar mandando uma migalha de arroz, uma migalha de feijão, etc, tem que mandar é assistência para o seringueiro produzir. Essa é uma opinião geral, não é só a minha opinião”.

Devastação/queimadas

“Isso existe, mas nos últimos três anos vem diminuindo. Uns anos atrás, nos meses de junho em diante, onde você estivesse, você nem respirava direito, de tanta fumaça. Queimava-se, sem limite, campos, florestas, queimava-se tudo. Mas não os seringueiros. Só os latifundiários, para fazer pasto. Seringueiro, não. Seringueiro queima um pedaço mínimo, para plantar o seu roçado, produzir o seu sustento”.

Comunicação/rádio

“O que eu mais escuto é o ‘Jornal da Manhã’, 6:00 horas, na rádio ‘6 de Agosto’, as mensagens da ‘Difusora Acreana’, e o programa da Amorex. As pessoas escutam mais, no caso das mensagens, porque estão sempre esperando que alguém se comunique com elas. E o jornal, que é pra se informar das coisas. A gente nota que o pessoal sente falta da televisão. Muito ouvido, também, é um programa aos sábados, na ‘Difusora’, que dá umas dicas sobre questões de saúde, extensão rural. Quanto à música, eu acho que depende do momento. Mas, MPB, eu gosto de todas. O seringueiro, de modo geral, quer é informação que diga respeito a ele. Um programa como ‘A Voz do Brasil’, que a gente pega aqui pela rádio ‘Nacional’, ninguém escuta. Quando chega a hora, o seringueiro desliga o rádio”.

7.5 - ELES FALAM O NOME DA GENTE (ZÉ GABRIEL)

José Rosa de Oliveira é apenas o nome que consta no registro de nascimento. O homem negro de 45 anos (aparenta menos), nove filhos, morador do seringal “São Pedro”, colocação “Arrependido” (3 horas de “voadeira”, pelo rio, e mais uma hora e meia caminhando por dentro da mata) não será encontrado se o visitante não indagar pelo Zé Gabriel. Um apelido que ele diz não saber de onde veio, exatamente. O que ele sabe, e gosta, como poucos, é de tirar um dedo de prosa, para contar as histórias da floresta.

“Aqui a gente vive sempre do extrativismo. Extração de borracha e castanha. Apesar que na minha região, na minha colocação, a gente não produz castanha, porque não tem. Só um pouquinho, pra despesa de casa. E a gente tá

começando a plantar alguma coisa, trabalhar com as ilhas de plantio de seringa. É um projeto que está se estendendo agora, na região da 'Reserva', em Xapuri. E a gente tem um começo, também, de plantio de sistema agroflorestal, com pupunha, e castanha, caju, algumas coisas consorciadas, inclusive na mesma ilha de seringa que a gente planta. Nos roçados, a gente planta o arroz, o milho, a mandioca e, ali dentro, a gente planta a seringa, a pupunha, o caju, tudo o que é de fruteira, a laranja, o cupuaçu, o que a gente quiser plantar. Algumas pessoas, que nem o meu sogro, já plantaram pupunha. Mas a colocação dele é outra. É no 'Bulevar'. Inclusive lá tem uma escola, um posto de saúde. Lá é sempre um ponto de encontro do pessoal, quando vão fazer reunião do movimento sindical, da associação. É mais perto da beira do rio do que a minha colocação. Aí, a gente se encontra sempre. É um ponto de encontro. Aí, lá, ele já tem pupunha, bastante pupunha, na base de uns 160 pés, mais ou menos. E tá plantando mais. Lá no 'São Pedro', na área lá, tem uma doze famílias, mais ou menos, cadastradas nesse sistema agroflorestal, plantando essas coisas que eu falei".

Núcleo familiar

"Na minha casa são eu, minha mulher, e nove filhos, com esse recém-nascido, no dia 27 de janeiro. O nome dele, a gente tava pensando em ser Rondinelli. Tem uma tradição. Os meus meninos tudo começam com a letra 'R'. Tem a Rosilene, que é a mais velha e está na Bahia. Tem o Rosemberg, que é o segundo. (*Interferência: pergunto de onde vem esse nome*). Rosemberg é um nome que a gente começou a ouvir. Acho que é inglês, né? Pois é. E aí, o nome dos meninos é tudo no 'R'. Aí tem o Rosemberg, tem a Rosângela, que é essa que mora em Xapuri, tem o Rosenildo, Rosana, Rosa

Maria, Rosimeire, Rodrigo, que é um pequenininho, de dois anos. A mulher tem hoje 37 anos. Eu conheci numa festa. Na época ela tinha 15 anos”.

Diversão

“A gente joga bola, que eu acho que é a diversão principal. E, também, é comum a realização de alguma festinha na casa uns dos outros. Se bem que eu não gosto muito de festa, porque não bebo, e nem posso mais jogar bola, porque eu tenho uma perna doente, consequência mesmo de bola. Mas eu gosto de assistir. Agora, de música eu gosto. Eu gosto mais de samba. Nesse ponto, o rádio até que traz umas coisas boas. Martinho da Vila, o saudoso Agepê, que já é falecido”.

Pais/política nacional

“Rapaz, na eleição passada esse presidente fez o Real só pra ganhar. E ganhou, né? Agora, por trás disso ele já tá inventando outras armadas. E a turma tem que ter cuidado, porque eu acho que não deu muito resultado, não. Porque ele só congela, normalmente, o salário. E aí, só com o salário congelado, sobra sempre para os pobres. Aqui no seringal, é o seguinte: na época das campanhas os candidatos vem, fazem promessas, a gente escuta tudo, atende bem, mas na hora de votar a gente vota nos que acha melhor. Já passou aquele tempo em que o pessoal do seringal era enganado por falsas promessas. No ano passado, nós tivemos uma grande vitória em Xapuri. Fizemos o prefeito. E esse ano, se Deus quiser, nós vamos jogar duro pra ver se a gente faz o governo do Estado. Já tem a Prefeitura do nosso lado. Se a gente fizer o governo, aí vai melhorar um pouco”.

Devastação/queimadas

“A devastação tá mais calma agora. Queimadas sempre acontecem, mas só de pasto, sabe? Porque queimadas ameaçam muito o ambiente. As queimadas prejudicam o clima. Tem a fumaça. Você vê, quando chega aqui na época de julho em diante, o sol fica ambaçado durante dias e dias, que a gente vê só a sombra do sol. De julho até outubro. O sol só vai começar a limpar quando começa a dar as primeiras chuvas. Aí, dá grandes temporais. O rio enche, que chega a desabrigar muita gente”.

Comunicação/rádio

“Televisão eu de vez em quando assisto quando estou na cidade. Mas não sou muito ligado em novelas. Eu gosto de assistir jornal, esporte. Atualmente eu tô meio desatualizado, porque eu quase não tenho assistido televisão. Aqui no mato não tem. E a última vez que eu fui na cidade, eu ficava mais pescando, na boquinha da noite. E quando eu chegava já tinha passado o jornal. Programa de rádio, a gente escuta a ‘6 de Agosto’, de Xapuri, de manhã e à noite, a ‘Difusora Acreana’, e a ‘Nacional’, de Brasília, que tem um programa chamado ‘Natureza Viva’, às 5:00 da manhã. Esse programa da ‘Nacional’, o ‘Natureza Viva’, fala muito da ‘Reserva’, das ‘reservas’ do Brasil. Essa daqui, a ‘Reserva Chico Mendes’ é muito falada. o Dr. Rafael, que é o chefe de todas as ‘Reservas’, sempre vai no programa e fala o nome da gente. Ele fala o nosso nome, o Dr. Rafael. Manda carta pra gente. Eu gosto muito de rádio. O meu rádio é a pilha. A ‘Voz do Brasil’ eu quase não escuto, que é a hora que eu tô no serviço. Se o programa ‘Natureza Viva’ fosse à noite, era melhor pra gente. Embora quando chegue a noite a ‘Nacional’ mude de

frequência. Aí, a gente, quando é 5:00 horas da manhã, tem muito seringueiro que tá saindo para cortar seringa. Aí a gente perde o programa”.

7.6 - “SÓ O RÁDIO MESMO” (D. RAIMUNDA)

Vizinha do Zé Gabriel, a seringueira Raimunda da Silva de Oliveira (D. Raimunda), de 41 anos, tem quase as mesmas dificuldades para chegar da cidade à sua residência. O “quase”, que lhe dá alguma vantagem com relação ao vizinho, fica por conta da diferença de 50 minutos caminhando no meio da mata, entre a sua “colocação” (“Vai quem quer”) e a do Zé Gabriel (“Arrependido”). As 3 horas de “voadeira” pelo rio são as mesmas. Simpática e ansiosa para contar histórias, como todos os outros, encontrei-a rodeada por cinco filhos (a menor com apenas seis meses), vestindo (creio que um detalhe digno de menção) uma camiseta da “19ª Mostra Internacional de Cinema de São Paulo”.

“O que eu vou falar é que a gente mora aqui no seringal ‘São Pedro’ há seis anos. Porque antes de morar no seringal ‘São Pedro’, sempre foi costume a gente morar ali encostado, pelo seringal ‘Fronteira’, sabe? Aí a gente veio para o seringal ‘São Pedro’, onde a gente vive até hoje”.

Vida na Reserva

“O que eu faço aqui no seringal ‘São Pedro’ é um trabalho de agente de saúde comunitário. Eu dou curso de saúde para as comunidades. Curso de saúde da mulher e da criança. E vou até em comunidades mais distantes, onde cobram pra gente ir lá. A gente, com todo o esforço, tá sempre chegando lá. E

nós trabalhamos com os remédios da homeopatia. São uns remédios muito excelentes, porque até os dias de hoje, nunca deu complicação. Nós fizemos cursos pelo CTA” (*Centro de Trabalhadores da Amazônia* - esclarecimento do autor) “e, pelo menos eu, tenho sete certificados já, sobre esses cursos de homeopatia. E hoje eu já dou esses cursos em algumas comunidades. E também sobre a saúde da mulher e da criança e sobre os remédios que a gente sempre luta com eles, que é o xarope, a pomada. Que aí, já evita que a comunidade vá à cidade comprar. A gente faz uma pomada caseira e vende por uma mixaria. Mais ou menos um real e cinquenta centavos. Enquanto que na cidade eles vendem um tubo de ‘Neomicina’ por 3 a 4 reais. E a pomada que a gente faz é de todas as plantas medicinais, como o pó da casca de cajueiro, o pó do cajuru, que é para sarar todo tipo de corte, coisas inflamatórias, assim como a cera da abelha, que é muito bom, serve de antibiótico, o óleo da copaíba, essas coisas todas”.

Diversão

“Diversão é época de comício, que eles fazem festa aqui. E tem, também, futebol. Eu, por mim, gosto mesmo é de futebol. Festa eu não gosto. Eu gosto de ouvir música no rádio. Os cantores que eu gosto mais é a Roberta Miranda e o Monteirinho, que já teve em Xapuri, por época do dia 20” (*janeiro, aniversário da cidade, cujo padroeiro é São Sebastião* - esclarecimento do autor).

Pais/política nacional

“Sobre o país, eu não sei nem explicar, porque para nós não tá nada bem. Agora, eu penso assim, porque os políticos prometem muito. A gente

espera ter jeito de ir trabalhando, pra dar mais condição pros filhos da gente, quando ficar mais sabido, poder sair para estudar. Então a gente espera que o salário da gente melhore. Porque com esse salário que a gente tá ganhando não está dando mesmo. Nessa época de política os homens prometem muita coisa, mas depois não fazem nada. Quem tem trabalhado muito é esse nosso prefeito. Embora tenha uns vereadores aí que só sabem atrapalhar. Agora, tem uma coisa, eu sou desse jeito. Eu não vou trocar um voto meu por coisa, por dinheiro, por isso ou por aquilo. Eu dou o meu voto para pessoas que tenham compromisso com a população, que saibam assumir a luta pelo povo”.

Devastação/queimadas

Pelo menos na nossa área, esse negócio de queimadas não existe. Isso é sério. Porque na nossa área tem fiscal, colaborador. Os fiscais trabalham direto para evitar isso. E os fiscais dão muita coisa para as pessoas ler. Porque isso é muito prejudicial. E isso não pode acontecer. E aí o povo tá mais consciente disso aí. Não é mais como antigamente. Os fiscais não vem aqui brigar. Eles vem aconselhar. Se uma pessoa ainda fizer isso, é porque quer. Porque já viu tudo. Aliás, o meu filho mais velho é fiscal. E, no mês passado, ele foi fazer um trabalho numa área mais distante. E não acharam nada”.

Comunicação/rádio

“Na reserva, de comunicação, só chega o rádio amador e o rádio mesmo. Como não tem luz, a gente usa pilhas. Os programas que eu mais gosto são os da ‘Difusora Acreana’ e da ‘Nacional’, de Brasília. Aquele programa do Reginaldo, tô até esquecida do nome. Ah, sim, o ‘Carrossel Musical’. E o ‘Natureza Viva’, bem cedinho. E também as mensagens”.

7.7 - O VEÍCULO MAIS POTENTE (JOSÉ CHALUB LEITE)

O Assessor de Comunicação Social do Acre, à época da pesquisa objeto deste trabalho (fevereiro de 1998), era o jornalista José Chalub Leite. O profissional mais antigo do Estado. Extremamente respeitado na imprensa acreana. Tanto que ao morrer, um mês depois, vítima de um enfarte fulminante, quando já havia deixado o cargo de assessor, foi tema de uma edição inteira de um dos semanários locais. Esse foi o seu último depoimento. Gravado ao longo de uma tarde, onde não faltaram, por parte dele, goles de café e a fumaça de muitos cigarros. E mostra, entre outras revelações interessantes, como é importante, essencial mesmo, a veiculação radiofônica para o homem do interior da amazônia. Diferentemente dos demais depoimentos, aqui eu não dividi tópicos. Disse-lhe, apenas, o que eu pretendia e deixei-o falar como melhor lhe aprouvesse.

“A política de comunicação do governo, no sentido de atender os povos da floresta, se faz através da Assessoria de Comunicação Social, que dispõe de um conjunto de emissoras de rádio, todas denominadas ‘Difusora’. No caso, com a principal rádio, a ‘Difusora Acreana’, e as demais, a ‘Rádio Difusora de Feijó’, a ‘Rádio Difusora de Tarauacá’, de ‘Sena Madureira’, e a de ‘Brasiléia’. Nos demais municípios há uma espécie de irradiação dessas emissoras. Cruzeiro do Sul, através da ‘Rádio Verdes Florestas’, se faz o intercâmbio com a ‘Rádio Difusora Acreana’, que tem o seu programa noticioso, de jornalismo, agora mesmo, retransmitido por uma emissora do estado do Amazonas. A rádio de Brasiléia tem uma penetração muito grande nos seringais e colônias de Cobija, onde também existem milhares de famílias

acreanas radicadas, no trabalho de extração da seringa, da castanha, e da própria madeira.

“O governador Orleir Cameli, por exemplo, tem uma tese que faz sentido. Ele considera que, em termos de comunicação aqui no Acre, ainda é o rádio o veículo mais potente, mais eficiente e, é lógico, porque os nossos jornais, apesar de nós termos em Rio Branco cerca de 250 mil habitantes, é ínfimo o número de leitores. Principalmente pelo excesso de jornais, que quase não dão opção. Quando deveria ser o contrário. A opção de tantos jornais faria com que diversificasse o número de leitores e aumentasse a circulação.

“A televisão também é outro veículo de grande importância, que hoje atende todas as sedes municipais, algumas vilas, dando uma ênfase no que se pretende, de manter a população informada, com direito a lazer, com direito a cultura. Mas ainda falta muito para que se atinja essa política de uma comunicação integrada, mais compacta, de maneira que possa o cidadão ter direito à informação, que é direito do Estado conceder.

“O governo pretende ampliar esse complexo de comunicação, instalando mais emissoras de rádio no interior. Embora isso dependa, também, de estudos, de recursos e de autorização do Dentel.

“O que há de verdade é que o povo da floresta, como costumamos denominar o colono, o seringueiro, o ribeirinho, o próprio índio, me parece, é muito mais informado do que o cidadão da metrópole ou o cidadão das cidades mais avançadas, em termos de tecnologia. Porque eles tem no rádio a única fonte de informação confiável para receber a mensagem que uma pessoa da família, que está na capital em tratamento de saúde, consegue enviar, dando notícia aos seus familiares. E isso se torna, de certa maneira, até folclórico, pelo teor jocoso de algumas mensagens. É o caso do Reginaldo Cordeiro, o

nosso 'Reginaldo Brega', que tem uma audiência extraordinária no interior. Da mesma forma como nós tivemos, também, na 'Rádio Nacional' dos bons tempos, em que o locutor Edelson e uma outra moça se tornaram ídolos populares. Muito mais importantes para os seringueiros do que o Roberto Carlos, que eles não conheciam. Às vezes não conheciam nem o Presidente da República. Mas eles sabiam quem eram aqueles radialistas, que levavam música, informação, cultura, assistência técnica, educação e ensino. E, com isso, os locutores se tornaram ídolos. E motivo, quando alguma vez vieram aqui ao Acre, de serem padrinhos de meninos que levavam o nome dos artistas da 'Rádio Nacional', como eram chamados pelos ouvintes.

"Um amigo nosso, o Agnaldo Moreno, sempre diz que o presente recebido com maior alegria pelo seringueiro, pelo colono, pelo agricultor, é justamente a pilha. Dê pilha de rádio que ele fica satisfeitíssimo. Porque ela serve também pra lanterna. O presente de um rádio, que hoje é barato, ou uma lanterna, é muito bem recebido. A lanterna, pra iluminar. E o rádio, pra que eles possam ouvir as notícias e se tornarem integrados ao mundo.

"Acontece que nós, da cidade, nós não somos, como pensamos, informados e, de alguma maneira, integrados ao que se passa no mundo. O homem da mata, esse sim. Esse conhece a política nacional, a internacional, porque ele tem acesso não apenas às emissoras com audiência nacional, como também as do exterior. Principalmente a rádio de Moscou, a cubana, a BBC de Londres. E, com isso, ele sabe muito bem, inclusive pela 'Voz do Brasil', um manancial informativo muito grande, que é depreciado na cidade. Na cidade, o homem citadino não costuma ouvir a 'Voz do Brasil', porque acha que é perda de tempo. E, no entanto, é através desse programa oficial que eles, os homens da floresta, se tornam conhecedores do que se passa no Brasil com a situação

econômica, como o pacote fiscal vai mexer com o seu bolso, as cotações da castanha e da seringa. Eles estão completamente por dentro, porque eles sabem o valor comercial, que nós ignoramos. O fato é que um cidadão estar no meio do mato, não significa que ele esteja isolado, desprotegido. Pelo contrário. Além da integração que ele faz, garantindo a soberania nacional, ele se torna, também, o próprio vetor de integração entre os que convivem com ele, porque ele faz com que a circulação da notícia se propague ainda mais, tornando o Acre conhecido e o Brasil defendido.

“As rádios no interior tem outro relevante papel: o de utilidade pública. É o caso, por exemplo, da ‘Rádio Difusora de Brasília’, onde o diretor conta que a mensagem custa 50 centavos. Mas ele costuma emitir, diariamente, cerca de 15 mensagens gratuitamente. Porque aquela pessoa humilde que procura a rádio para mandar um comunicado para um parente que está no seringal, ou na colônia, isolado, que só tem o rádio como elo, não tem condição de pagar. É utilidade pública. É uma emissora oficial, uma emissora do governo e que tem essa obrigação, de colaborar com a comunidade.

“Do ponto de vista ideológico, me parece que o rádio pouco influi e dificilmente fará a cabeça daquelas pessoas que estão lá no meio da floresta. No caso da escolha de um candidato, por exemplo. O homem maduro já tem convicção em quem vai votar. E a opinião dele é que prevalece. A consciência política daqueles núcleos familiares quem faz é o patriarca. Dificilmente um filho em idade de votar vai se colocar contra a opinião do pai. Nesse sentido, pra mim, o rádio atua junto aos povos da floresta, essencialmente, como instrumento de utilidade pública, de entretenimento, e de difusão cultural. Apenas isso e nada além disso”.

8. OITO MOTIVOS CAPITAIS

*“O rádio envolve o ouvinte,
fazendo-o participar por meio
de um diálogo mental com o emissor”.*

- Gisela Ortrivane -

Por todos os motivos (geográficos, antropológicos, econômicos, sociais e culturais) já citados neste trabalho, não poderia ser outro que não o “rádio”, o único veículo de comunicação de massa a atingir os habitantes da “Reserva Extrativista Chico Mendes” (assim como a maioria dos habitantes da floresta amazônica).

Há, porém, ainda, oito outros motivos (capitais), de naturezas físico-psicológica e tecnológica, que não foram abordados. Tratam-se de características intrínsecas do veículo, como: *linguagem oral, penetração, mobilidade, baixo custo, imediatismo, instantaneidade, sensorialidade, autonomia.*

Linguagem oral - Para receber a mensagem, levando em conta que o rádio fala, basta que o interessado ouça. Não há necessidade, conseqüentemente, do critério alfabetização. Fato que aponta, naturalmente, o grosso dos ouvintes de rádio, como menos culto do que o público dos outros veículos. Mas dá ao rádio, em contrapartida, no aspecto participativo, vantagem absoluta sobre os impressos. Além de uma vantagem relativa sobre a televisão, que ultimamente tomou como padrão gerar caracteres para completar a informação veiculada.

Penetração - O rádio é considerado o mais abrangente de todos os meios. Pode chegar a pontos remotíssimos, de acordo com a potência do equipamento, e ser considerado de alcance nacional (internacional, até). Da mesma forma, pela relativa simplicidade tecnológica, permite a existência de emissoras locais que, naturalmente, vão privilegiar o aspecto regionalista. Neste sentido, diz Luiz Beltrão, in *"Jornalismo pela televisão e pelo rádio: perspectivas"* (Revista da Escola de Comunicações Culturais, USP, 1968), "o rádio é veículo de alcance universal, que pode levar sua mensagem a qualquer parte do globo, no mesmo instante unindo populações antípodas - o rádio, entretanto, é de natureza eminentemente regional, quanto à sua principal audiência".

Mobilidade - Tanto do ponto de vista do emissor, que pode estar presente, com facilidade, direto no local dos acontecimentos, elaborando as mensagens no mesmo momento da transmissão, quanto do receptor, que, sem a necessidade de fios e de tomadas, pode ser carregado para quaisquer lugares onde vá o ouvinte.

Baixo custo - O aparelho receptor de rádio é, de longe, o mais barato, numa comparação direta com a televisão e com os veículos impressos. Esses dois últimos veículos, embora a maioria das pessoas não saiba, exigem um pagamento contínuo, por parte dos usuários, para o respectivo usufruto das suas mensagens. Um pagamento que está diluído no preço que o consumidor paga pelos produtos e/ou nos impostos. Os veículos impressos, por exemplo, sobrevivem, basicamente, deste dinheiro, uma vez que o faturamento oriundo da venda dos exemplares não é suficiente sequer para pagar os seus encargos.

Imediatismo - Sendo o aparato técnico para transmissão menos complexo do que a televisão, assim como não existindo o maior apuro do ponto de vista da elaboração, exigida pelos impressos, o rádio pode transmitir os fatos no mesmo instante em que estão acontecendo. O mundo chega ao ouvinte no instante exato em que os acontecimentos ocorrem.

Instantaneidade - A mensagem é recebida simultaneamente à sua emissão. A mensagem, pelo menos com a fidelidade com que é transmitida, não atingirá o ouvinte se este não estiver exposto a ela no momento da transmissão. Não há a menor possibilidade de deixar para ouvir a mensagem depois. Mesmo porque ninguém costuma usar o artifício da gravação. Os teóricos dizem que, nesse sentido, os impressos levariam vantagem, porque o leitor pode voltar atrás para entender melhor a mensagem, assim como guardar para ler num momento mais adequado.

Sensorialidade - Há um envolvimento íntimo entre o rádio e o ouvinte. Emissor e receptor participam ativamente da comunicação, por meio da criação de um diálogo mental. A imaginação do ouvinte é despertada, através do tom emocional das palavras e dos recursos de sonoplastia, permitindo que as mensagens tenham nuances individuais, de acordo com as expectativas de cada uma das pessoas. No caso da televisão, embora a mensagem também seja decodificada de forma sensorial, há limitação da imaginação pela presença da imagem. E, no caso dos impressos há uma decodificação mais racional, uma vez que não existem apelos emocionais do tipo música e voz.

Autonomia - Por conta do transistor, o que significa livre de fios e de tomadas, o rádio passou de meio de recepção coletiva para o status de objeto individualizado. Em qualquer lugar que estejam, principalmente com o advento da miniaturização, as pessoas podem receber sozinhas as respectivas mensagens. O emissor fala para muitos como se falasse apenas para um. A mensagem oral, feita por uma bela voz, pode passar para o receptor como uma carícia no ouvido. Ao mesmo tempo, o ato de ouvir não exclui de ninguém a possibilidade de executar outras tarefas.

“Em função de suas características”, ensina Gisela Swetlana Ortriwano, in *“A informação no rádio: os grupos de poder e a determinação dos conteúdos”* (Summus Editorial, 1985), “o rádio ganhou rapidamente campo frente aos veículos impressos e sobreviveu à concorrência surgida com o aparecimento da televisão. Um dos elementos mais importantes nesse processo foi a descoberta do transistor. Em 1952 já estavam no mercado norte-americano os primeiros receptores transistorizados. Esse minúsculo componente eletrônico permitiu que qualidades potenciais do rádio fossem levadas a seus extremos.

“O rádio não morreu quando surgiu a televisão, apesar da perplexidade inicial diante do aparecimento de outro meio tecnologicamente mais sofisticado: primeiro, se acomodou, mas, depois, se especializou em sua própria faixa de potencialidade. Mesmo que a televisão continue concorrendo com o rádio, este já não a teme mais, até convive com ela: na hora do futebol, muitos torcedores preferem unir a imagem da televisão com a narração do rádio”.

8.1 - NATUREZA, CARROSSEL E MENSAGENS

Um número extremamente alto de emissoras de rádio, principalmente no período noturno (as condições atmosféricas servem de explicação), penetra por entre o labirinto dos varadouros amazônicos. Impossível fazer um levantamento preciso de quantas e quais são essas emissoras. Um exercício interessante para se aferir a profusão e a diversidade das emissões é girar, lentamente, o controle da sintonia (dial) de um aparelho de rádio qualquer (mesmo um de baixa potência) e percorrer uma determinada faixa. A cada pequeno movimento, uma emissora diferente se faz ouvir. Em espanhol, inglês, português ou, às vezes até, numa língua não identificada. São tantas que, não raro, uma se sobrepõe à outra.

Nos depoimentos colhidos ao longo da pesquisa foram citadas pelo menos onze dessas emissoras: Rádio Difusora Acreana (Rio Branco -AC-), Rádio Nacional (Brasília -DF-), Rádio 6 de Agosto (Xapuri -AC-), Rádio 3 de Julho (Brasília -AC-), Rádio Verdes Florestas (Cruzeiro do Sul -AC-), Rádio Rio-Mar (Manaus -AM-), Rádio Globo (Rio de Janeiro -RJ-), Rádio Tupi (São Paulo -SP), Rádio BBC (Inglaterra), Rádio Voz da América (Estados Unidos), Rádio Havana (Cuba).

As rádios e respectivos programas citados em quase a totalidade dos depoimentos, no entanto, foram a “Difusora Acreana” (“Carrossel Musical” e “Mensagens”) e a “Rádio Nacional” (“Natureza Viva”). São essas emissoras e esses programas os parceiros lúdicos que fazem parte íntima das vidas das pessoas que gravitam no universo da “Reserva Extrativista Chico Mendes”. A esses, que são os de maior influência na área pesquisada, é que vou me ater.

Natureza Viva - Programa levado ao ar diariamente, de 2ª a 6ª feira, pela "Rádio Nacional" (Brasília), no horário das 7:30 às 8:00 horas, apresentado pela locutora Mara Régia. Tem como executante a Organização Não Governamental (ONG) "Fundo Mundial para a Natureza" (WWF), em parceria com a Radiobrás, o Grupo de Trabalho Amazônico (GTA), o Centro de Projetos da Mulher (CEMINA), o Fundo da ONU para as Mulheres (UNIFEM), o Movimento das Mulheres da Amazônia (MMA) e o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA).

De acordo com um relatório técnico produzido pelos executores do programa, referente aos anos de 1995/1996, o "Natureza Viva" nasceu no formato de 90 minutos por semana, aos sábados, para ser "um meio de comunicação efetivo e acessível para lideranças rurais da Amazônia". Ao aderir ao formato diário (2ª a 6ª), dada a receptividade da audiência (muitas vezes superior à expectativa inicial), manteve a proposta inicial de ser "um meio de comunicação efetivo e acessível", mas teve que proceder pequenas modificações ao perceber que atingia muito mais do que as lideranças. Assim é que aos temas iniciais, quase sempre voltados exclusivamente para a questão do meio ambiente, foram acrescentadas questões relativas ao interesse das mulheres, à saúde e aos direitos humanos.

Uma relação de temas tratados nos últimos meses, por exemplo, inclui coisas como: acesso a recursos governamentais, agenda 21 local e internacional, agrosilvicultura, aproveitamento de produtos regionais na alimentação, áreas protegidas, campanhas educativas, cooperativismo, corte de madeira, financiamento para extrativistas, defesa da piracema (restrição da pesca na época da reprodução), desmatamento, direitos humanos, doenças da floresta (malária, leishmaniose), enchentes na Amazônia, experiências bem

sucedidas, folclore local, garimpo, legislação ambiental, lixo, manejo de áreas degradadas, migração, mulher e meio ambiente, ONGS da Amazônia, política indigenista, preconceito racial e social, preservação dos mananciais de água, reforma agrária, saúde da mulher, saúde da criança, trabalho infantil, trabalho escravo, tráfico de animais, uso do solo, etc. Tudo, sempre, mesclando informação em tom descontraído, recados diretos, citações nominais de pessoas (“e aí, dona fulana, em tal lugar, já fez isso?”), representação oral (a apresentadora Mara Régia muda a voz, em determinados momentos, para representar personagens), entrevistas, etc.

O relatório dos executores do “Natureza Viva” traz um outro dado de suma importância. O da aferição espontânea da audiência (comprobatório da importância absoluta do rádio para as populações da Amazônia), através das cartas dos ouvintes. Fator que independe da formulação de entrevistas e/ou questionários, sempre susceptíveis de incorreções ou desvios (dada a probabilidade da indução, mesmo que involuntária) por parte do agente entrevistador.

No período do relatório, os executores dizem, textualmente, “houve um expressivo aumento do número de cartas. Em janeiro de 1995, por exemplo, primeiro mês coberto pelo relatório, chegavam 44 cartas por mês. Em dezembro de 1996, último mês do período, o ‘Programa Natureza Viva’ recebia 234 cartas por mês. A consolidação do programa, sua maior divulgação entre lideranças, a melhoria do noticiário e a mudança do horário são as principais razões para esse aumento. Em números totais, em 1995, o ‘Programa Natureza Viva’ recebeu 648 cartas. Esse número já representava um aumento de 15% em relação a 1994. Em 1996, chegaram 2.656 cartas. Esse número representa um

aumento de 409% em relação a 1995 e um aumento de 474% em relação a 1994”.

Eu estive (e gravei) no programa do dia 27 de fevereiro de 1998. Fui para o microfone falar dos objetivos da minha pesquisa e ainda emprestei o depoimento de um dos meus entrevistados (D. Raimunda), para ser levado ao ar. Já na abertura (gravada), a voz grave de um locutor, intercalada por sons de pássaros cantando, ao tempo em que anuncia os executores, os apoios, o nome do programa, já avisa a quem e a que se destina aquela emissão: “um programa dedicado a todas as pessoas que lutam pela vida, e em defesa da natureza da gente”. A apresentadora (Mara Régia) entra logo após a vinheta, saudando os ouvintes com a lembrança de fatos relativos ao que está acontecendo ou prestes a acontecer (relação temporal), ajudada por uma trilha sonora pertinente. Especificamente, por exemplo, neste dia, como era o último programa do mês de fevereiro, ela (a apresentadora) diz que todo mundo deve “esperar pelas águas de março”, enquanto ao fundo ouve-se os acordes da canção de Tom Jobim que leva o mesmo título. E segue uma trilha de recados, conselhos, citações, chamadas nominais, sem nenhuma leitura, de forma propositadamente coloquial. Puro entretenimento e utilidade pública.

Carrossel Musical - Programa levado ao ar aos sábados, das 14:00 às 16:00 horas, pela Rádio Difusora Acreana (Rio Branco -AC-), apresentado pelo locutor Reginaldo Cordeiro, conhecido pelos ouvintes, não despropositadamente, como “Rei do Brega”. Não há produção, não há roteiro, não há *script* (uma profusão de pequenos papéis para lembretes e umas quantas fichas com os “comerciais” se amontoam na pequena mesa onde se instala o locutor/apresentador). Todos os aspectos do programa são

comandados pelo apresentador/locutor, desde a captação dos anúncios até a seleção das músicas (normalmente feita minutos antes do programa entrar no ar) que serão tocadas (a maioria, ainda, com os chiados característicos dos antigos e ultrapassados bolachões).

O locutor/apresentador Reginaldo Cordeiro é uma figura peculiar. Magro, estatura mediana (como numa música de Edu Lobo?), cabelos grisalhos, grossas pulseiras pendendo de um dos pulsos, está no rádio acreano há mais da metade dos seus quase cinquenta anos. Provavelmente não saberia fazer outra coisa. Já tentou algumas vezes ser parlamentar (vereador e deputado estadual), mas não teve sucesso nas urnas. Talvez os seus milhares de ouvintes temeram perdê-lo para a aridez de uma tribuna qualquer. E, assim, por vias transversas, resolveram mantê-lo no lugar de onde, muito provavelmente, só sairá com a morte. Não há indícios para dizer se ele compreendeu o insucesso nas urnas. Há, porém, a certeza de que ele absorveu os revezes. Não fosse assim, certamente, ele não teria voltado para o microfone, para interagir com tanta competência com os anseios e as necessidades de comunicação do seringueiro, do colono, do barqueiro, etc. Neste sentido, pode-se dizer que a interação do locutor/apresentador com o homem da floresta é quase que visceral. Como se um, cada vez que se aproximam as tardes de sábado, não pudesse viver sem o outro.

No dia em que estive no programa uma chuva forte (torrencial, como se diz na Amazônia) havia desabado sobre a cidade. Daí, também como é muito natural na região, sobrevinham duas situações: as ruas estavam exageradamente enlameadas (o grande número de vias públicas sem nenhum resquício de urbanização faz com que os transeuntes carreguem, na sola dos pés, na barra das calças ou na morenez das canelas a lama da periferia para os

poucos espaços do asfalto central), e um calor sufocante se fazia sentir. Eram esses componentes (lama e calor), associados a um certo clima de excitação (pela expectativa de ir ao ar), as principais peças do cenário do “Carrossel Musical” naquele sábado de janeiro (o último) de 1998.

Eu tentei contar as pessoas dentro do pequeno estúdio, mas me perdi sempre antes de chegar a vinte. Elas (as pessoas) movimentavam ininterruptamente a sua inquietude e me fizeram desistir da idéia de contá-las. Deviam chegar a trinta. Não muito mais ou muito menos. Falavam, em tom baixo, umas com as outras sem parar. Pareciam ensaiar o que diriam no microfone (se chegasse a sua vez), quando o “Rei do Brega”, durante alguns segundos, as deixassem mandar sua voz para parentes e amigos distantes.

O cheiro do suor era quase insuportável, azedo, ardido, de muitos dias. Não havia ar condicionado no estúdio. Apenas um ventilador, de pé, num dos cantos da sala. Mera peça de decoração. Mais do que ventilar, o aparelho fazia mesmo era um barulho intermitente, que acrescido dos murmúrios dos presentes, só contribuía para aumentar o burburinho. Um passo, de qualquer um, para um ou outro lado, e a lama também se socializava. Nada, no entanto, importava para ninguém. Muitos estavam ali pela enésima vez. Tudo bastante natural. Importante, isso sim, era mandar o seu recado. Ou, na pior das hipóteses, caso o tempo não fosse suficiente para falar, contar para a família que estiveram ali, no dia tal, quando tocou tal música, etc.

Uma parede de vidro separava esse lado do estúdio de um outro espaço, onde uma sonoplasta mulher (Toinha), devidamente munida de um fone de ouvido, controlava os dois pratos para o respectivo uso dos discos. A um sinal do locutor todos fizeram silêncio, como uma companhia devidamente ensaiada. Antes, porém, da luz vermelha acender, como evidência maior de

que o microfone estaria aberto para o locutor falar, por alguns segundos, ecoou uma espécie de marca registrada do programa: os acordes de uma melodia (brega, como naturalmente devia ser) e a voz do falecido cantor Paulo Sérgio (“...eu te amei, chorei, eu sofri, eu te amei”). Os olhos dos presentes brilharam, enquanto a sonoplasta cortava a música e deixava rodar uma fita com o anúncio dos benefícios de se fazer negócio com uma imobiliária (“Ipê”).

O Governo, é claro, não podia deixar de estar presente (a rádio pertence ao Estado). E logo em seguida ao anúncio da imobiliária (cortado com tanta brusquidão que foi impossível para alguém deixar de notar) foi a vez do anúncio oficial (“*As máquinas já estão trabalhando, movimentando a terra que forma o maior sonho do povo acreano. Em Tarauacá, Cruzeiro do Sul, Sena Madureira, dois mil homens estão dando seu suor para fazer desse sonho uma realidade. Antes a BR-364 significava problemas. Hoje, é sinônimo de emprego, de trabalho. Amanhã será o caminho para o desenvolvimento. Governo do Estado do Acre: compromisso com o futuro*”).

Mais um anúncio (o de uma ótica), outro (o da venda de um ponto comercial), um outro (de uma distribuidora de gás), um outro, ainda (o de uma companhia aérea regional), e finalmente o Reginaldo entra em ação. Ele diz a hora e vai logo avisando o tom do seu programa: “*barulhento, alegre, descontraído*”. Anuncia os cantores que virão em seguida (“*Franquito Lopes*” e “*Donizete*”), emenda com um aviso de uma pessoa que está no estúdio precisando de trabalhar como doméstica, ao tempo que tripudia a letra do recado, e arremata com uma mensagem (“*Atenção Manoelzinho, no Horizonte, rio Antimary, aviso que estou bem...*” etc). Seguirá, durante as duas horas seguintes, com intercalações de pessoas diretamente no microfone, no mesmo tom. Puro entretenimento e utilidade pública.

Mensagens - Programa levado ao ar diariamente, de 2ª a sábado, pela “Rádio Difusora Acreana” (Rio Branco), no horário das 13:00 às 14:00 horas, apresentado por dois locutores (nem sempre os mesmos), com o nome de “Correspondente Difusora”, onde o usuário paga uma pequena quantia por cada vez que for lido o seu recado. É o programa de maior audiência entre os povos da floresta no Acre (todas as pessoas perguntadas sobre o assunto comunicação o citam como um dos preferidos). Tanto que cada uma das emissoras interioranas, que fazem parte do complexo de comunicação radiofônica do Governo do Estado, tem um programa semelhante, em âmbito local, veiculado em horário diferente daquele usado pela emissora da capital.

A respeito das mensagens, pelo menos três curiosidades.

Primeiro: elas fazem tanto parte da vida dos homens (e mulheres) da floresta que, a despeito de mais de uma tentativa, por parte de diversas direções da “Rádio Difusora Acreana”, nunca foi possível um absoluto rigor da norma culta no conteúdo delas. Os usuários, para benefício da compreensão do recado, fazem questão da utilização de uma linguagem muito próximo daquela usada no seu respectivo dia a dia.

Segundo: o aspecto coloquial e popular é tão importante e incorporado ao dia a dia dos usuários, bem como de quem eventualmente (ou por curiosidade) as escuta, que até se contam anedotas (verdadeiras ou não) a partir dos respectivos textos (como no caso de uma mensagem onde o agente emissor manda dizer para uma outra pessoa que “*o negócio da égua continua em aberto, enquanto o do cavalo já está de pé*”).

Terceiro: mesmo nos círculos intelectuais da Amazônia, embora eu não tenha notícia de estudos linguísticos formais a respeito do fenômeno, excluindo-se a questão do pitoresco, há uma espécie de respeito pelo formato e

pela importância da mensagem radiofônica. A ponto de artistas da palavra a transformarem em ferramenta literária. Como foi o caso da poetisa Francis Mary, num dos textos que compõem o livro “A noite em que a lua caiu no açude”: *“Atenção Maria das Dores/ Colocação Mucum/ na Boca do Jacaré:/ põe pimenta braba/ na comida do patrão,/ arruma as trouxas/ e dá no pé!”*.

Para melhor compreensão do fenômeno eu transcrevo a seguir algumas dessas mensagens, extraídas de um programa no início de fevereiro de 1998.

Mensagem 1: “Atenção senhores representantes dos grupos comunitários de Santa Inês, no Projeto Humaitá. Compareçam no COPEC, dia nove próximo, para acertar tudo sobre a semente de pupunha. Assina Nonata da Cipasa e Reginaldo Cordeiro”.

Mensagem 2: “Atenção Francisca Dias, no rio Antimari. Aviso-lhe que o menino não tem melhora. Peço-lhe que venha hoje para ajudar a Neide no Hospital, pois ela não vai aguentar sozinha. Venha direto para a casa da minha mãe, que eu pago a passagem. Assina Raimundo Oribe”.

Mensagem 3: “Atenção Raimundo Bezerra de Souza, Ramal Belo Jardim, Km. 08, Igarapé Liberdade; Raimundo Lopes de Lima, nas margens do riozinho do Rôla, Barro Alto; José Lima da Silva, na Estrada Transacreana, Km. 42, ramal Saracura, Km. 10. A Sineagre, antiga “A Nacional”, pede, por gentileza, comparecerem junto ao setor financeiro para tratar de assuntos dos seus interesses. Agradece, a direção”.

Mensagem 4: “Atenção, muita atenção. Roberto avisa a D. Peregrina, no seringal Belo Jardim, para ir buscar a encomenda, no Palácio do Bispo”.

Mensagem 5: “Atenção, muita atenção Lucinda Maria, no seringal Nova Amélia. Aviso-lhe que fizemos boa viagem. Encontrei todos com saúde. Sobre o que eu vim tratar, nada resolvido. Ainda não vi o homem. Assina, Antônio Nérlys”.

Mensagem 6: “Atenção Manoel Ribeiro da Silva e Artemisa, no seringal Cachoeira, colocação Chora Menino. Jurandir Dionísio avisa que sua mãe foi operada e passa bem, graças a Deus. Aguarde novos avisos, amanhã, nesse mesmo horário. Abraços do pai amigo”.

Mensagem 7: “Atenção, muita atenção, Juarez, no Cumaru. Sebastião Ferreira avisa-lhe que ainda não está totalmente recuperado. E não sabe quando retornará. Caso o Juvenil precise de ajuda, por favor dê uma força para ele. Logo que chegar, acertará”.

Mensagem 8: “Atenção, muita atenção, Paulírio, no seringal Vila Nova. José Antônio informa que fez péssima viagem. Mas encontrou seus familiares com saúde, graças a Deus. Se tudo correr bem, viajará hoje. Abraços para todos”.

Mensagem 9: “Atenção Neusa, na Estrada de Boca do Acre, ramal 75. Seu irmão Antônio Gomes pede mandar os meninos apanhá-lo amanhã. O mesmo viaja no ônibus das seis horas. Vai com a Gercina. Abraços”.

Mensagem 10: “Atenção Tônico, na colocação Paxiubal. Sua irmã Mundoca pede para vir hoje ou amanhã, a fim de pegar uma encomendas, pois não quer mandar por outras pessoas. Caso não tenha o dinheiro da passagem, peça emprestado. Não é pra faltar. Abraços”.

Mensagem 11: “Atenção Maria Lúcia, no projeto Humaitá, colônia Morada Nova. Sua filha Lúcia avisa que conseguiu vaga para o Edilson. As aulas terão início no dia 16 do corrente. Beijos para todos”.

Mensagem 12: “Atenção Naum, no igarapé Vai se Ver. Aviso-lhe que nada resolvido, pois ainda não consegui me consultar. Só entregam ficha por cara. Se tiver alguém doente, traga. Principalmente a Nadir. O Fernando está internado e não sabe quando sai. Assina, Flaviana Ferreira”.

Mensagem 13: “Atenção Neusa, no ramal Luiz Pereira, linha 5. Aviso-lhe que a Fátima teve neném. É uma menina e as duas passam bem. Assina, Geraldo”.

Mensagem 14: “Atenção Valdemir, no rio Antimari, colônia Três Meninas. Peço-lhe que venha me buscar na ponte, amanhã pela manhã. Se eu tardar, é porque não peguei carro cedo. Mas me espere. Assina, Emília Pessoa”.

E seguem-se, alternadamente, até o final do programa, mensagens novas e outras que se repetem (caso o destinatário não tenha escutado, ou não tenha entendido na primeira vez).

9. EPÍLOGO - O FIO DE ARIADNE

“Quando Teseu chegou a Creta, com o fito de lutar contra o Minotauro, viu-o a princesa Ariadne e concebeu por ele violenta paixão. Para que ele conseguisse sair do labirinto, prisão do Minotauro, deu-lhe um novelo de fio que ele foi desenrolando, e que lhe indicou o caminho de volta”.

- Mitologia Grega -

Quando da apresentação do projeto norteador desta dissertação de mestrado, eu listei três premissas básicas para justificar o trabalho (conforme já deixei claro no capítulo 4): a inexistência na Universidade Federal do Acre (UFAC), instituição a qual estou ligado administrativamente, de algum tipo de pesquisa no tocante à comunicação de massa no âmbito dos povos da floresta; a necessidade de uma maior produção científico/acadêmica de cunho regional, produzida por indivíduos ligados às questões tratadas; e a desconfiança a respeito da existência de possíveis manipulações por parte da mídia, na formação da opinião ou na tomada de atitudes das personagens envolvidas na especificidade da trama ambiental.

Além disso, três outros aspectos, objetivamente, deveriam ser alcançados (da mesma forma como já deixei claro no mesmo capítulo 4): proceder um levantamento histórico-social-antropológico do processo de povoamento da região; proceder um levantamento/mapeamento da incidência dos veículos de comunicação de massa na área da “Reserva Extrativista Chico Mendes”; e descobrir o que os habitantes do local pensavam dos respectivos veículos.

Retomo essas considerações na abertura desse capítulo 9 (o último desse trabalho) para chamar atenção para o fato que eu considero ter deixado de cumprir apenas uma das propostas: a de descobrir eventuais manipulações, por parte da mídia, na formação de opinião ou na tomada de atitudes das personagens envolvidas na trama ambiental. Desconfiei, ao longo do trabalho de campo, que essa era uma tarefa para um outro momento, porque abrangia um universo distinto àquele pesquisado. Desconfiei e tive certeza disso um pouco depois, quando da aferição dos resultados e da respectiva busca de subsídios teóricos, pelas mãos de Umberto Eco. É que abranger mais de um universo (micro universo, talvez fosse melhor dizer) começaria a dar à dissertação uma característica panorâmica. E, de acordo com Eco (com quem, aliás, trocadilho à parte, concordo), numa tese panorâmica o autor se submete a toda a sorte de contestações possíveis.

As outras cinco premissas eu considero cumpridas: passa a existir nos anais da Universidade Federal do Acre (UFAC) uma pesquisa voltada para a comunicação de massa na zona rural do Estado; cresce a produção científico-acadêmica de cunho regional, do ponto de vista de um indivíduo ligado à questão; foi procedido o levantamento histórico-social-antropológico da área-alvo, para melhor compreensão do fenômeno comunicacional; foi levantada e mapeada a incidência dos veículos de comunicação de massa na área da “Reserva Extrativista Chico Mendes”; e foi sondada a opinião do público-alvo a respeito da sua relação com o veículo.

Naturalmente, para cumprir as premissas e chegar à afirmação final deste trabalho (a tese propriamente dita), objeto maior deste último capítulo, foi preciso muito mais do que simplesmente perceber que uma delas (das premissas) me levaria, fatalmente, para um projeto panorâmico inexecutável.

Houve muitas outros perigos e tentações (e não apenas pedras, como num poema de Drummond), que também me levariam para um projeto panorâmico, igualmente inexecutável, ao longo do caminho. Pode-se dizer, mesmo, sem nenhum risco de parecer exagerado, que a serpente (não uma das muitas espécies venenosas da Amazônia, mas a outra, a própria, a que cochichou no ouvido da mulher, prometendo-lhe divindade, sem perda da imortalidade, como resultado da mordida no fruto proibido) rondou cada um dos meus passos. Tentações perfeitamente naturais, quero crer, levando-se em conta a multiplicidade disciplinar que envolve o fenômeno da comunicação (Wilson Dizard Júnior, in *"A nova mídia - A comunicação de massa na era da informação"* - Jorge Zahar Editor, 1998 -, nesse sentido, diz que "qualquer compreensão real da comunicação de massa na era moderna exige uma sensibilidade incomum à tecnologia e à mudança, bem como um profundo conhecimento de história, economia, política e sociologia").

Para driblar as tentações, entendendo que cada uma, se não fosse possível resistir a elas, me conduziria a um labirinto de infinitos e muito semelhantes espaços, fui buscar inspiração na mitologia grega. Mais especificamente, no "fio de Ariadne". Que me permitiria, apenas com o trabalho de recolhê-lo, voltar ao ponto de partida, logo após vencer o "Minotauro" escondido na floresta. No caso, continuando a metáfora proposta, o meu "fio de Ariadne" foi a consciência de estar examinando e interagindo com formas de conhecimento tão sensíveis que poderiam desaparecer no momento da percepção. "É preciso aproximar-se com discrição dos próprios sentimentos e dos alheios, por medo de provocar sua retirada para algum esconderijo", ensina Roger Shattuck, in *"Conhecimento Proibido"*, (Companhia das Letras, 1998).

9.1 - A HORA E A VEZ DA TESE - NA CONTRAMÃO DA TEORIA

Todas as páginas anteriores a esse ponto da minha dissertação foram escritas para sustentar a afirmação central do trabalho: *a de que a teoria do “Agenda Setting” não funciona no âmbito da comunidade moradora da “Reserva Extrativista Chico Mendes”, com o veículo “rádio” tendo o papel único de proporcionar entretenimento e utilidade pública.*

A propósito da segunda parte da afirmação, aliás, é conveniente lembrar as palavras ditadas pelo raciocínio lúcido de um dos entrevistados, o então Assessor de Comunicação Social do Governo do Estado do Acre, jornalista José Chalub Leite. Ele, apesar de saber da sua responsabilidade em dar, de forma convincente, publicidade aos atos do Governo, principalmente levando em conta o fato de ter um sistema de difusão radiofônica sob seu controle, afirmou literalmente que *“(...) o rádio atua junto aos povos da floresta no Acre, essencialmente, como instrumento de utilidade pública, entretenimento e de difusão cultural. Apenas isso e nada além disso”.*

As páginas, no caso, para que a afirmação e respectiva tese não caiam no vazio, são uma espécie de preparação do terreno. Alguns capítulos (do 1º ao 3º) tratam da contextualização do local, bem como dos habitantes. Um outro capítulo (o 4º) explica os procedimentos adotados e as dificuldades encontradas para realizar o trabalho. O 5º capítulo mostra o subsídio teórico. O 6º capítulo revisa historicamente o veículo que chega à localidade pesquisada. Enquanto que o 7º e o 8º capítulos desnudam o pensamento das pessoas entrevistadas, bem como a natureza dos programas citados.

Mesmo com todos os cuidados tomados antes de fazer a afirmação/tese, sei que muitas indagações, questionamentos e dúvidas surgirão. As duas mais

evidentes, e que me ocorreram (angustiarão) durante todo o trabalho é que passarei a responder (ou que, pelo menos, vou tentar) daqui para a frente.

Antes, porém, para efeito de entendimento, embora já tenha explicado mais detalhadamente do que se trata (capítulo 5º), lembro que a idéia central do “*Agenda Setting*” afirma que “*as pessoas agendam seus assuntos e suas conversas em função do que a mídia veicula (...). (...) A mídia, ao nos impor um menu seletivo de informações como sendo ‘o que aconteceu’, impede que outros temas sejam conhecidos e, portanto, comentados’*”.

A primeira das indagações, imediatamente proposta pelos mais céticos, deverá ser no que diz respeito ao veículo e a datas, levando em conta a época em que a teoria foi proposta, academicamente, como tal.

Em outras palavras. A hipótese do “*Agenda Setting*” tendo sido apontada por M. McCombs e E. Shaw apenas em 1972, estaria muito mais (ou, até, totalmente) ligada ao veículo televisão. Uma indagação perfeitamente natural, quando se têm consciência que esse é o veículo de maior penetração nas casas do mundo todo; e que, no dia seguinte à veiculação da notícia todas as pessoas têm como seu tema comum, seja contra ou a favor (primordialmente a favor), o objeto de maior ênfase na divulgação.

Nesse caso, a tese estaria invalidada por inaplicabilidade ao veículo.

Eu enveredo, no entanto, por um prisma diferente, ao entender que, embora a teoria tenha surgido apenas em 1972, a idéia do “*Agenda Setting*”, é bem anterior. Data do início da década de 1920, quando apenas existiam como veículos de comunicação de massa os jornais impressos e o rádio. Sendo que este último (o rádio) com uma capacidade de abrangência (óbvio) muito maior do que o primeiro (o jornalismo impresso).

Com isso, a minha afirmação inicial de que a teoria do “*Agenda Setting*” não funciona no âmbito da comunidade moradora na “Reserva Extrativista Chico Mendes” ganha uma outra (e secundária, talvez) conotação: a de que essa era uma hipótese perfeitamente aplicável aos primórdios do rádio, quando, de acordo com Melvin L. DeFleur e Sandra Ball-Rokeach, in “*Teorias da Comunicação de Massa*”, (Jorge Zahar Editor, 1997), “famílias que haviam aparentemente atingido o limite de seus recursos financeiros raspariam o pouco que sobrara para mandar consertar o receptor de rádio quando quebrava. Poderiam ter deixado os móveis voltar para a financeira ou embromar o senhorio para atrasar o pagamento do aluguel, mas agarravam-se tenazmente aos seus radinhos”.

A despeito de ilustração, no que diz respeito a essa questão de datas do surgimento dos veículos, é conveniente destacar que foi apenas em 1939 que começaram a ser realizadas as transmissões de televisão nos Estados Unidos. Foi na “Feira Mundial”, com um discurso do Presidente Franklin Delano Roosevelt. Mesmo assim, essa foi apenas uma demonstração, realizada para um pequeno grupo porque os fabricantes ainda não haviam iniciado a produção em massa. Apenas em 1941 é que foi aprovada a televisão doméstica, e a indústria da comunicação começou a preparar planos minuciosos para sua implantação.

Quanto à idéia da vinculação de assuntos pessoais à mídia, foi Walter Lippman quem primeiro pensou nesse tipo de efeito. De acordo com o que já citei nesse trabalho, quando abri um capítulo (o 5º) para apresentar o marco teórico, Lippman, na introdução do livro “*Public Opinion*”, fez referências ao modo como as pessoas chegam a conhecer o mundo exterior a sua própria existência, como formam as “imagens em suas mentes” sobre o mundo e as

peças que nele habitam. Os meios de difusão, para esse autor, é que modelam essas imagens ao selecionar e organizar símbolos de um mundo real, que é por demais amplo e complexo para um conhecimento direto.

E ainda seguiram-se, nos anos seguintes (antes de McCombs e Shaw), à idéia pioneira de Lippman, muitos outros estudos sobre o mesmo assunto. São os casos, entre outros, de Robert Ezra Park, no livro *"The City"*, em 1925 (antes, também, portanto, do advento da televisão); Norton Lang (em artigo publicado no *"American Journal of Sociology"*), em 1958; B. C. Cohen (no livro *"The press and foreign policy"*), publicado em 1963; e Gladys Lang e Kurt Lang (num artigo intitulado *"Reader in public opinion and communication"*), em 1966.

Um segundo questionamento (ou indagação) capaz de, em princípio, descaracterizar a afirmação/tese seria o de que no mundo moderno o rádio não teria mais o poder, em lugar algum, dada a emergência das novas tecnologias, de atuar como definidor de ordens de preferências temáticas. Nem mesmo numa comunidade rural, posto o caráter urbano da sua programação.

As diversas leituras dos mais variados manuais modernos de comunicação conduzem qualquer um a esse raciocínio. Duas delas (Lúcia Santaella e George Gilder) eu já citei ao longo deste trabalho (Capítulo 4º - *"Apresentação, explicações, monólogo íntimo e outros pecados"*). Mas existem muitas outras. Valho-me de mais duas aqui, para transitando na contramão, respaldar o meu argumento.

A primeira leitura busco em *"Planeta Mídia"* (Letra Livre, 1998), de Dênis de Moraes, quando já na introdução ele afirma que "este é um tempo de fluxos e sinergias, de trânsitos e interfaces. A incontrolável aceleração tecnológica põe em xeque o que conhecemos por vida social. Circuitos

infoeletrônicos e imagens geradas por satélites comprimem a imensidão da Terra; a explosão digital introduz usos compartilhados e interatividades; as informações, mal chegaram, já estão de partida, porque o tempo real se esvanece e se restaura sem direito a intervalos. O que me faz lembrar do que Marshall McLuhan escreveu no estranhamente próximo ano de 1964: ‘O mundo todo, passado e presente, agora se desvenda aos nossos olhos como uma planta a crescer num filme extraordinariamente acelerado’. Tudo ganha sabor de penúltima invenção - pois qual será a última? No dia em que terminei de escrever este texto, ainda se postavam no *grid* de largada as mídias *on line*, a televisão de alta definição, o acesso à Internet por *cable modems*, o Web de TV, os *portal sites*, os cinemas multiplex, a telefonia celular via satélite, os shoppings de diversão virtual, o DVD (Digital Vídeo Disc) com capacidade para estocar até 12 gigabytes, 200 canais de televisão por assinatura, as ciberrádios, as megastores, os *palm-tops...*”.

A segunda leitura busco em “*A nova mídia - A comunicação de massa na era da informação*” (Jorge Zahar Editor, 1998), de Wilson Dizard Júnior, onde se pode apreender que “o envio de notícias e outras informações via fax pode ser superado por uma tecnologia baseada nos computadores muito pequenos, conhecidos como *laptops* ou *notebooks*. Estas máquinas de pequenos formatos servirão, entre outras funções, como jornais eletrônicos portáteis. Um computador do tamanho de um *notebook*, usando uma caneta eletrônica, demonstrado pela primeira vez em 1992, exhibe uma página nítida, no estilo de jornal, de 21,25 cm x 27,5 cm, incluindo capacidades de exibição a cores, num painel fino e plano. Jornais eletrônicos podem ser transmitidos aos assinantes via redes de TV a cabo, satélites de transmissão direta, ou circuitos telefônicos de alta capacidade. O assinante faz sua escolha num menu de

'primeira página' de notícias e de artigos de fundo, sondando o visor com uma caneta eletrônica para escolher as histórias ou seções a serem vistas. Eventualmente, os jornais eletrônicos terão capacidades interativas. O leitor poderá, por exemplo, escolher um anúncio na tela do computador para encomendar produtos ou serviços do anunciante”.

As duas leituras citadas como exemplo dos modelos contemporâneos e respectivos pensamentos a respeito do fenômeno comunicacional respaldam (na contramão, como eu disse anteriormente) o meu argumento porque não valem para o mundo dos homens (e mulheres) da floresta acreana. Eu as replico com a autoridade da minha vivência no local. Eles (os homens e as mulheres), como já foi dito em outras fases desta dissertação, vivem ainda em condições semi-primitivas, tendo um receptor de rádio como sua única janela para o mundo, no que diz respeito à comunicação social (“*o presente recebido com maior alegria pelo seringueiro, pelo colono, pelo agricultor acreano é justamente a pilha*”, segundo o depoimento do jornalista José Chalub Leite).

O rádio (veículo), então, está para aquelas pessoas como estava para os americanos (brasileiros, também) das décadas de 1920 e 1930, e assim como a televisão está para as comunidades urbanas ainda hoje. Fato que daria a este (ao rádio) a condição primária para, caso a hipótese do “*Agenda Setting*” funcionasse, atuar como definidor de ordens de preferências temáticas.

Ou seja, não importa quantos satélites de comunicação ou quantas novas invenções surgiram após o texto de Dênis de Moraes, ou estejam surgindo nesse momento. Para as pessoas do interior da floresta acreana o mundo gira num outro contexto. E o rádio continua tão (talvez mais, até, dada a preocupação atual de se colocar no ar programas específicos que atendam aquelas pessoas) importante quanto era há setenta anos.

Por último, duas observações que não me ocorreram como provável questionamento ou eventual indagação, mas como constatação. Ambas, entendo, capazes de dar um respaldo maior à ousadia da minha afirmação/tese. Uma, a de que a comunidade pesquisada, beneficiária da informação, ao invés de engolir esôfago abaixo o que o aparato da mídia lhe impõe, muda o eixo convencional e, de forma tácita e a distância, atua diretamente na formatação do que quer consumir. Tanto que, no caso da radiofonia acreana, a história registra uma, ou mais de uma, tentativa frustrada dos programadores de modificar o vocabulário usado na emissão do programa de mensagens (“Correspondente Difusora”). Outra, a de que as pessoas entrevistadas não demonstram nenhum receio de expressar as suas opiniões (não esquecendo que era um desconhecido que as estava entrevistando), quase que unanimemente contrárias às políticas e ações governamentais (poder mantenedor das emissoras citadas).

Creio que essa última constatação é fundamental para a afirmação de que *o rádio atua na floresta acreana como veículo absoluto de entretenimento e utilidade pública*. Fosse de outra forma, como influenciador direto dos temas das conversas das pessoas, se teria, pelo menos, na melhor das hipóteses, em sentido contrário ao “*Agenda Setting*”, o que a professora alemã Elisabeth Noelle Neumann convencionou chamar de “*Espiral do Silêncio*” (o medo que os agentes sociais teriam de se encontrar isolados em seus comportamentos, atitudes e opiniões, e que os levaria a silenciar quando o seu pensamento não coincidissem com a opinião dominante). E a julgar pelas opiniões expressas nas entrevistas (a um desconhecido) isso não acontece.

Duas são as missões do rádio na floresta acreana: proporcionar o entretenimento e proporcionar a utilidade pública.

10. GLOSSÁRIO

Adamita: [Do gr. *adamites*, pelo lat. *adamita*] *S.* Membro de uma seita religiosa herética do século II, cujos adeptos compareciam às assembléias despidos para imitar o estado de inocência de Adão antes do pecado, e que ressuscitou no século XV entre os tchecos.

Barbadiano: *Adj.* 1. Da, ou pertencente ou relativo à ilha de Barbados (Antilhas). *S.m.* 2. O natural ou habitante dessa ilha.

Benjamim: Árvore ornamental de pequeno porte, cuja copa, larga e espessa, proporciona sombra abundante. Muita usada nas ruas de pequenas cidades da Amazônia.

Carapanã: [Do tupi *karapa 'nã*] *S.m. Bras., AM.* V. mosquito.

Catraia: *S.f.* 1. Pequeno barco tripulado por um homem. 2. Pequena construção; casinhola. 3. V. *Meretriz*. 4. *Bras.* Meretriz de baixa classe.

Colocação: Casa (geralmente sobre estacas, à maneira de palafitas ou região de moradia dos seringueiros da Amazônia.

Empanada: [Do esp. *empanada*.] *S.f.* Empada grande. [Dim. irreg.: *empanadilha*.]

Entregar ficha por cara: Distribuir senha sem um critério definido, por simpatia.

Espinhel: [De *espindel*, com infl. de *espinha*.] *S.m.* Aparelho de pesca formado por uma extensa corda na qual se prendem de espaço em espaço, linhas armadas de anzóis.

Ficar cortando: Trabalhar no corte do tronco da seringueira, para colher o látex.

Látex: [Do lat. *látex*, 'água nascente', 'líquido', 'leite'.] *S.m. Bot.* Suco espesso, quase sempre alvo, raramente amarelo ou rubro, que dimana de muitas plantas mediante ferimento. É uma emulsão cujos componentes mais importantes são resinas e borracha.

Mandi: [Do tupi *mãdi'i*] *S.m. Bras.* 1. Designação comum a várias espécies de peixes siluriformes, especialmente da família dos pimelodídeos, cujos primeiros agulhões das nadadeiras peitorais e dorsal são rijos e geralmente serrilhados. Costumam emitir, ao sair da água, um som semelhante a um choro. 2. *V. caipira* (1). [Var.: *mandim*].

Maracutaia: Atitude escusa, com o intuito específico de enganar alguém.

Paxiúba: [Do tupi *pati'wa*.] *S.f. Bras. Amaz.* Palmeira (*Iriartea exorrhiza*) habitante dos igapós, e que mede entre 10 e 15 metros de altura. O estipe é

sustentado por um pedestal de raízes aéreas tão ásperas e duras que servem de ralo, e a madeira é escura e fibrosa.

Pebolim: O mesmo que *totó* (jogo inspirado no futebol, praticado numa caixa retangular em cujas paredes laterais se prendem varetas móveis que mantêm suspensas 22 bonecos, e no qual os jogadores, segurando nas extremidades das varetas, que ressaem da caixa, imprimem aos bonecos movimentos perpendicular e lateral, buscando tocar a bola para o gol.

Raspadilha: Bebida refrescante própria dos países andinos, produzida a partir de uma mistura de gelo raspado e xarope.

Saltenha: Bolinho de farinha de rosca, assado, muito apimentado, recheado com azeitonas e pedaços de galinha.

Seringal: [De *seringa* + *al*] *S.m.* 1. Quantidade mais ou menos considerável de seringueiras dispostas proximamente entre si. 2. *Bras. Amaz.* Propriedade, fazenda, geralmente às margens de rios.

Tapiri: Cabana.

Varadouro: Caminho aberto na mata e que vai ter ao centro, ou vice-versa.

Xapuri: Cidade do interior do Estado do Acre, distante cerca de 180 Km. da capital, Rio Branco.

11. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADORNO, Theodor e HORKHEIMER, Max. Dialética do esclarecimento. Rio de Janeiro : Jorge Zahar, 1997.
- ALLEGRETTI, Mary Helena. Reservas Extrativistas - Uma proposta de desenvolvimento para a floresta Amazônica. Artigo. Revista "São Paulo em Perspectiva". Outubro/Dezembro - 1989.
- ALMEIDA, Mauro. A comunicação de massa no Brasil. Belo Horizonte : Júpiter, 1971.
- BAGDIKIAN, Ben H. O monopólio da mídia. São Paulo : Scritta, 1993.
- BARROS FILHO, Clóvis de. Ética na Comunicação - Da informação ao receptor. São Paulo : Moderna, 1995.
- BATISTA, Paulo Nogueira. O Brasil e o desenvolvimento sustentável. In "A Amazônia e a crise da modernização" (org. Maria Ângela D'Incao e Isolda Maciel Silveira). Belém : Museu Paraense Emílio Goeldi, 1994.
- BELTRÃO, Luiz. Jornalismo pela televisão e pelo rádio: perspectivas. Artigo. Revista da Escola de Comunicações Culturais. São Paulo : USP, 1968.
- BENATTI, José Heder. A posse agrária alternativa e a Reserva Extrativista na Amazônia. In "A Amazônia e a crise de modernização" (org. Maria Ângela D'Incao e Isolda Maciel Silveira). Belém : Museu Paraense Emílio Goeldi.
- BORGES, Jorge Luís. Cinco visões pessoais. Brasília : UnB, 1996.
- CALAÇA, Manoel. Violência e resistência - O movimento dos seringueiros de Xapuri e a proposta de Reserva Extrativista. Tese de doutorado. Rio Claro : UNESP, 1993.
- CAVALCANTE, Ormifran Pessoa. A polêmica em torno do conceito de

- Reserva Extrativista enquanto atividade econômica sustentável.
Monografia. Rio Branco : UFAC, 1993.
- CHANTLER, Paul & HARRIS, Sim. Radiojornalismo. São Paulo :
Summus Editorial, 1998.
- COSTA FILHO, Orlando Sabino. Reserva Extrativista: desenvolvimento
sustentável e qualidade de vida. Dissertação de mestrado. Belo Horizonte
: Cedeplar / UFMG, 1995.
- COSTA SOBRINHO, Pedro Vicente. Capital e trabalho na Amazônia
Occidental. São Paulo : Cortez / UFAC, 1992.
- DEBRAY, Régis. Manifestos midiológicos. Petropolis : Vozes, 1995.
- DEFLEUR, Melvin L. e BALL-ROKEACH, Sandra. Teorias da
Comunicação de massa. Rio de Janeiro : Jorge Zahar, 1993.
- DIZARD JÚNIOR, Wilson. A nova mídia - A comunicação de massa na era
informação. Rio de Janeiro : Jorge Zahar, 1998.
- DYSON, Freeman. As eras de Gaia - O dilema ético da civilização em face da
tecnologia. São Paulo : Best Seller, 1992.
- ECO, Umberto. Como se faz uma tese. São Paulo : Perspectiva, 1996.
- ESTEVES, Benedita Maria Gomes (org.). Relatório do Cadastro da Reserva
Extrativista Chico Mendes. Rio Branco : Conselho Nacional de
Seringueiros, 1992.
- GILDER, George. A vida após a televisão. Rio de Janeiro : Ediouro, 1996.
- GONDIM, Neide. A invenção da Amazônia. São Paulo : Marco Zero, 1994.
- GUIMARÃES, Ruth. Dicionário da mitologia grega. São Paulo : Cultrix,
1998.
- HOLANDA, Aurélio Buarque de. Novo Dicionário Aurélio da Língua
Portuguesa - Nova edição revista e ampliada. Rio de Janeiro : Nova

Fronteira, 1986.

LIMA, Mário José de. Capitalismo e extrativismo - A formação da região acreana. Tese de doutorado. Campinas : UNICAMP, 1994.

LUSTOSA, Elcias. O texto da notícia. Brasília : UnB, 1996.

MARTINS, Eduardo. O Estado de São Paulo - Manual de Redação e Estilo. São Paulo : Moderna, 1997.

MARTINELLO, Pedro. A "Batalha da Borracha" na Segunda Guerra Mundial e suas consequências para para o Vale Amazônico. Rio Branco : UFAC, 1998.

MARY, Francis. A noite em que a lua caiu no açude. Rio Branco : Bobgraf, 1997.

MELO, José Marques de. Teoria da Comunicação: paradigmas latino-americanos. Petrópolis : Vozes, 1998.

MORAES, Dênis de. Planeta mídia - Tendências da comunicação na era global. Campo Grande : Letra Livre, 1998.

MOREL, Edmar. Amazônia saqueada. São Paulo : Global, 1984.

ORTRIWANO, Gisela Swetlana. A informação no rádio - Os grupos de poder e a determinação dos conteúdos. São Paulo : Summus Editorial, 1985.

PINHEIRO, Francisco de Moura - Dandão -. Amazônia de rios, florestas e sangue. Artigo. A gazeta. Rio Branco, 28 de novembro de 1986.

RANCY, Cleusa Damo. Raizes do Acre (1870 - 1912). Rio Branco : Falangola, 1986.

SANTAELLA, Lúcia. Cultura das mídias. São Paulo : Experimento, 1996.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Pela mão de Alice - O social e o político na pós-modernidade. São Paulo : Cortez, 1996.

- SANTOS, Laymert Garcia dos.** A encruzilhada da política ambiental. In “A Amazônia e a crise da modernização” (org. Maria Ângela D’Incao e Isolda Maciel Silveira). Belém : Museu Paraense Emílio Goeldi, 1994.
- SEMINÁRIO:** “Planejamento e gestão do processo de criação de Reservas Extrativistas na Amazônia” (Instituto de Estudos Amazônicos) - Carta de Curitiba - Setembro de 1988.
- SFEZ, Lucien.** Crítica da comunicação. São Paulo : Loyola, 1994.
- SILVA, Adalberto Ferreira da.** Ocupação recente das terras do Acre - Transferências de capital e disputas pela terra. Rio Branco : Seplan, 1982.
- SILVA, Moacir Fecury Ferreira da.** O desenvolvimento comercial do Pará no período da borracha - 1870/1914. Niterói : UFF, 1978.
- SOUZA, Márcio.** Galvez, imperador do Acre. São Paulo : Marco Zero, 1979.
- _____ Empate contra Chico Mendes. São Paulo : Marco Zero, 1990.
- SZILARD, Leo.** Os dez mandamentos. Citação. In “As eras de Gaia - O dilema ético da civilização em face da tecnologia (Freeman Dyson). São Paulo : Best Seller, 1992.
- THOMPSON, John B.** A mídia e a modernidade - Uma teoria social da mídia. Petrópolis : Vozes, 1998.
- WOLF, Mauro.** Teorias da comunicação. Lisboa : Editorial Presença, 1987.

12. ÍNDICE ONOMÁSTICO

A

Adorno, Theodor, (Adorno), 83, 84

Agepê, 99

Alegretti, Mary Helena, 32

Almeida, Mauro, 79

Antônio, José, 121

Aquino, José Maria Barbosa de, (José Maria, Bóca), 94-4

Ariadne, 123, 125-2

Arias, Luiz Galvez de, (Luiz Galvez), 25-2

Artemisa, 121

B

Ball-Rokeach, Sandra, (Ball-Rokeach), 73, 74, 75, 77, 78, 128

Barbosa, Júlio, 94

Barros Filho, Clóvis de, (Barros Filho), 63, 66, 67-3

Bassinger, Kim, 51

Beltrão, Luiz, 109

Benatti, José Heder, (Benatti), 33, 34

Blake (William), 52

Borges, Jorge Luis, 53

Brecht, Bertolt, 13

C

Camelli, Orleir, 105

Carlos, Roberto, 106
Castro, José Plácido de, 25-2
Cavalcante, Ormifran Pessoa, 31
Chagas, Carlos, 53
Chandless, William, 23
Chantler, Paul, 68
Cohen, B. C. 62, 128
Condamine, Jean Marie de La, 26-2
Cordeiro, Reginaldo, (Reginaldo, Reginaldo Brega, Rei do Brega), 90, 103,
105, 106, 115-2, 116, 117, 118, 120
Correa, João da Cunha, 21, 22, 23

D

Debray, Régis, (Debray), 52, 53, 68
DeFleur, Melvin, (DeFleur), 73, 74, 75, 77, 78, 128
Descartes (René), 49
Dias, Francisca, 120
Dionísio, Jurandir, 121
Dizard Jr., Wilson, 125, 130
Donizete, 118
Donne, John, 52
Drummond (Carlos ... de Andrade), 125
Dunlop (John Boyd), 27
Dyson, Freeman, 53

E

Eco, Umberto, (Eco), 47-2, 124-2

Edelson, 106

Edilson, 122

Encarnação, Manoel Urbano da, (Manoel Urbano), 21, 22-2, 23-2

F

Fátima, 122

Fernando, 122

Ferreira, Flaviana, 122

Ferreira, Sebastião, 121

Fessenden, Reginald F., (Fessenden), 74, 75

FHC (Fernando Henrique Cardoso), 96

Forest, Lee De, (De Forest), 75-2

Fresneau, François, (Fresneau), 26-2

Fungst, Anselmo, 26-2

G

Geraldo, 122

Gercina, 121

Gilder, George, (Gilder), 49, 50, 52, 71, 129

Gomes, Antônio, 121

Gondim, Neide, 15-2

Goodyear, Charles, 27

Graham, Billy, 51

H

Hancock, 27

Harris, Sim, 68

Horkheimer, Max, (Horkheimer), 83, 84

J

Jobim, Tom, 115

Jordan, Michael, 51

Joyce (James), 52

Juarez, 121

Juvenil, 121

K

Kayakawa, 69

Kissinger, Henry, 51

L

Labre, Antônio Rodrigues, 23

Lang, Gladys, 62, 129

Lang, Kurt, 62, 129

Leite, José Chalub, 84, 104-2, 126, 131

Lima, Raimundo Lopes de, 120

Lippman, Walter, (Lippman), 61-3, 62, 128-2, 129

Lobo, Edu, 116

Longs, Norton, 62, 129

Lopes, Franquito, 118

Lúcia, 122

Lúcia, Maria, 122

Lustosa, Elcias, (Lustosa), 80, 81-2

M

Maciel, Francisco, 88

Manoelzinho, 118

Marconi, Guglielmo, (Marconi), 72-2, 73-5

Maria, Lucinda, 121

Martinello, Pedro, (Martinello), 28, 29

Marx (Karl), 69

Mary, Francis, 9, 120

McCombs, M., 61, 62, 127, 129

McLuhan, Herbert Marshall, (McLuhan), 68-2, 70, 71, 72, 130

Melo, José Marques de, 69, 70-2

Mello, João Gabriel de Carvalho e, (João Gabriel), 23-2

Mendes, Chico, (Francisco Alves ... Filho), 12-3, 13, 54

Minotauro, 123, 125

Moraes, Dênis de, 124, 131

Morel, Edmar, 15

Moreno, Agnaldo, 106

Morize, Henry, 79

Mundoca, 122

N

Nadir, 122

Naum, 122

Neide, 120
Néryys, Antônio, 121
Neumann, Elisabeth Noelle, (Noelle Neumann), 59, 132
Neusa, 121
Neusa (II), 122
Nonata da Cipasa, 120

O

Oliveira, José Rosa de, (Zé Gabriel), 97-3, 101-2
Oliveira, Raimunda da Silva de, (D. Raimunda), 101-3, 115
Orellana, Francisco, (Orellana), 14, 16
Oribe, Raimundo, 120
Ortriwano, Gisela Swetlana, (Gisela Ortriwano), 79, 108, 111

P

Park, Robert Ezra, 62, 128
Paulírio, 121
Peregrina, 121
Pereira, Luiz, 122
Pessoa, Emilia, 122
Pessoa, Epitácio, 79
Pinheiro, Wilson, 10, 13, 54
Pinto, Oscar Moreira, 79
Pinto-Roquete, 79

R

Rafael, (Dr.), 90-2
Rancy, Cleusa Damo, 19, 21, 23
Régia, Mara, 113, 114, 115
Rio Branco, Barão do, 25
Roberto, 121
Rodrigo, 98
Rondinelli, 98
Roosevelt, (Franklin Delano), 78, 128
Rosa Maria, 98
Rosana, 98
Rosângela, 98
Rosemberg, 98
Rosenildo, 98
Rosilene, 98
Rosimeire, 98

S

Santaella, Lúcia, (Santaella), 49-2, 52, 71, 129
Santos, Boaventura de Sousa, 49
Santos, Virgílio Padilha, (Virgílio Santos), 85-2
Sarnoff, David, 76
Sérgio, Paulo, 118
Sfez, Lucien, 6, 54
Shakespeare, William, 53
Shattuck, Roger, 82, 125
Shaw, E., 60, 61, 127, 128, 129

Silva, Elias José Nunes, (Visconde de Santo Elias), 24-2

Silva, Francisco Paulo da, (Chico Paulo), 88-3

Silva, João Batista da, (João Batista), 90

Silva, José Lima da, 120

Silva, Manoel Ribeiro da, 121

Souza, Raimundo Bezerra de, 120

Szilard, Leo, 45

T

Teseu, 123

Thompson, John B., 56

Toinha, 117

Tonico, 122

V

Valdemir, 122

Vargas, Getúlio, 81

Vila, Martinho da, 99

W

Walker, J. L., 62-2

Wolf, Mauro, (Wolf), 58, 59-4, 60, 61